



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS- CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL-PPGHB

HÉLIO SECRETÁRIO DOS SANTOS

A morte do carteiro e outras histórias:
crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980.

Teresina-Pi
2013

HÉLIO SECRETÁRIO DOS SANTOS

**A morte do carteiro e outras histórias:
crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980.**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Professor Dr. Manoel Ricardo Arraes Filho

Teresina-Pi
2013

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

S237m Santos, Hélio Secretário dos

A morte do carteiro e outras histórias [manuscrito] : crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980 / Hélio Secretário dos Santos. – 2013.

173 f.

Cópia de computador (printout).

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil.

“Orientador Prof. Dr. Manoel Ricardo Arraes Filho”

1. Crimes. 2. Masculinidade. 3. Sexualidade. 4. Homossexualidade. I. Título.

CDD 306.76

HÉLIO SECRETÁRIO DOS SANTOS

**A morte do carteiro e outras histórias:
crimes e masculinidades em Teresina nas décadas de 1970 e 1980.**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Professor Dr. Manoel Ricardo Arraes Filho

Aprovado em 23 de agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Manoel Ricardo Arraes Filho-UFPI
Orientador

Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo- UFPA
Examinador Externo

Prof^a. Dra. Cláudia Cristina da Silva Fontineles- UFPI
Examinadora Interna

Prof^a. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz-UFPI
Suplente

DEDICATÓRIA

À minha família, pelo simples fato de existir, aos mestres que fizeram e fazem parte da minha vida acadêmica e, em especial, ao Professor Doutor Manoel Ricardo Arraes Filho pelo voto de confiança.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não foi feito apenas de pesquisas, discussões, orientações ou sugestões, mas também foi feito com críticas, conselhos, palavras de carinho, incentivos e encorajamento. Algumas vezes, no momento da escrita, não pude suprir todas as expectativas, nem seguir por alguns caminhos indicados.

Esta dissertação é antes de tudo resultado de um compromisso assumido comigo mesmo, com amigos e amigas da Graduação e também com os professores e professoras que tive desde a graduação na Universidade Estadual do Piauí até a conclusão do Mestrado em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí.

Agradeço à professora Cláudia Cristina da Silva Fontineles, aos professores Pedro Pio da Silva Fontineles e Marcelo de Sousa Neto por terem me ensinado a valorizar a busca pelo conhecimento antes de qualquer coisa.

O companheirismo de Jayra Barros Medeiros desde a Graduação até a conclusão do Mestrado parece que estava previsto e certamente este companheirismo nos enriqueceu muitíssimo. Também não poderia deixar de agradecer à professora Ana Rosa Sudário pelas suas contribuições nessa empreitada.

No mestrado, cada mestre e mestra contribuiu, a seu modo, para que cada aluno e aluna da oitava turma do curso crescesse nas suas pesquisas. Professor Alcides Nascimento, pela paixão no estudo das cidades; Professor Denilson Botelho, que nos fez repensar os conceitos na hora da pesquisa com suas provocações positivas; Professora Elisangela Barbosa, por ter conhecido a fundo cada uma dos projetos de pesquisa da turma e por isso ter contribuído enormemente para execução deles; Professor Edwar Castelo Branco, por demonstrar com toda a convicção sua paixão pela “guerrilha semântica”; Professora Áurea Pinheiro, que pela suas experiências próprias nos deixou o legado de que sem paixão e compromisso pela pesquisa o caminho se torna tortuoso; Professora Teresinha Queiroz, pela capacidade de descomplicar conceitos históricos e com isso mostrar que o fazer historiográfico é prazeroso.

Agradeço ao perito Vital Araújo por ter me concedido uma entrevista, ao escritor, professor e diretor de teatro Ací Campelo pela concessão de ricas

informações, à Isabellita Kennedy por ter me recebido em sua casa para uma agradável conversa. Ao amigo Jorge Carlos do Nascimento pelas conversas e conselhos valiosos, ao amigo Maneco Nascimento pelos encontros que proporcionaram boas conversas. Agradeço à Dona Eliete, secretária do Curso de Mestrado em História do Brasil, pela atenção que me deu antes mesmo de me tornar aluno do curso.

Agradeço à Unidade Regional de Educação de Codó no Maranhão pela ajuda essencial na conclusão deste curso. Minha admiração ao Desembargador Edvaldo Pereira Moura por ter parado seus afazeres no gabinete da Presidência do Tribunal de Justiça do Piauí para me receber e me conceder uma entrevista

Agradeço grandemente à Unidade Escolar Judith Alves Santana, em Piripiri/PI, pelo apoio incondicional. Às professoras Joana Laudeci, Josélia e Kelcilene meu respeito e admiração. Não poderia esquecer as funcionárias da escola e minhas amigas Concita e Remédios pelos momentos de conversa e descontração.

Enfim, agradeço aos amigos e amigas de curso pelas discussões produtivas e contribuições mútuas, pelos momentos de lazer e conversas descontraídas. Se esqueci algum nome, e devo tê-lo feito, não foi pela falta de reconhecimento às contribuições importantes nessa trajetória.

O meu passado?

O meu passado é tudo quanto não consegui ser. Nem as sensações de momentos idos me são saudosas: o que se sente exige o momento. passado este há um virar de página e a história continua, mas não o texto.

Fernando Pessoa

RESUMO:

Este trabalho é uma análise sobre quatro crimes ocorridos na cidade de Teresina nas décadas de 1970 e 1980. O estudo busca entender por que os assassinatos de três rapazes e o desaparecimento de um outro tiveram ampla repercussão na cidade. Um ponto em comum a todos os casos era uma suposta homossexualidade das vítimas. Tal suposição nos ajuda a entender por que ao longo das investigações a polícia associou os crimes à sexualidade das vítimas. A partir dos quatro episódios, é possível identificar comportamentos que poucos anos antes do primeiro crime, em 1977, não eram estampados nas manchetes dos jornais como sendo manifestações associadas à homossexualidade. As investigações policiais passaram a fazer conexões entre os crimes e os lugares que as vítimas frequentavam, com grupos de amigos. As quatro histórias nos fazem refletir sobre a relação entre as mudanças comportamentais na cidade de Teresina com a sociedade de um modo mais amplo.

PALAVRAS- CHAVE: Crimes, Masculinidades. Sexualidade. Homossexualidade.

ABSTRACT

This work is an analysis on four crimes occurred in the city of Teresina in the decades of 1970 and 1980. The study seeks to understand why the murders of three young boys, and the disappearance of another had wide repercussions in the city. One point in common to all the cases was an alleged homosexuality of victims. Such an assumption helps us to understand why along the investigations the police joined the crimes the sexuality of victims. From the four episodes it is possible to identify behaviors that a few years before the first crime, in 1977, were not stamped the headlines as being manifestations associated with homosexuality. The police investigations began to make connections between the crimes and the places that the victims were attending, with groups of friends. The four stories make us reflect on the relationship between the behavioral changes in the city of Teresina with the company of a more broadly.

KEY-WORDS: Crimes, Masculinities. Sexuality. Homosexuality.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	16
 CAPÍTULO I	
A morte do carteiro: “os crimes em Teresina não têm donos”	30
1.1 O Crime: “ninguém viu nada, ninguém ouviu nada, ninguém sabe de nada”.	45
1.2 Um lugar emblemático: o Bar O Amarelinho	66
1.2 Crime passional?	78
1.4 Uma amizade íntima	90
 CAPÍTULO II	
Luiz, “o bom moço”: drogas e orgias sexuais	96
2.1 Ao cair da noite: o dia do crime	99
2.2 Os michês	101
2.3 Rivaldinho: o algoz	107
2.4 “Então, havia motivo para matar?”- viados e travestis	114
 CAPÍTULO III	
Um romance secreto: A morte de “Chocolate”	130
3.1 Rapazes nus: as fotos	131
3.2 A impotência sexual de Neto?	134
3.3 O auditor: rapazes, bebidas e sexo	150
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 154
 FONTES E REFERÊNCIAS	 162

APRESENTAÇÃO

Narrar uma história é preencher partes de um espaço vazio de um determinado período, de um determinado lugar. É soprar o fôlego de vida a um ou mais personagens. Também, é muitas vezes criar um lugar, um momento, um enredo. Narrar uma história compara-se a montar um quebra-cabeça, com a intenção de não deixar de fora nenhuma peça, o que nem sempre acaba acontecendo. Narrar uma história também é uma tentativa de compreender um emaranhado de informações e hipóteses.

O que nos leva a escrever uma história? Quais fatores são determinantes para a escolha de um objeto? Às perguntas não cabem simples respostas. Quando nos deparamos com elas, por alguns instantes, tentamos nos lembrar de todos aqueles que responderam, ou tentaram responder, a estes questionamentos antes de nós, na tentativa de nos valer de um ou mais argumentos que nos faça respondê-los seguramente, sem vacilar. No entanto, o processo não é uma tarefa fácil nem cômoda.

Se por ventura vacilarmos na resposta, isso não é reflexo de falta de convicção ou de segurança no que estamos fazendo. Às vezes, quando isso acontece, é apenas o reflexo do processo complexo que é o ato de se narrar uma história.

Por que esta e não aquela história? É outra pergunta frequente. A escolha de um objeto de estudo não é um ato involuntário, e sua escolha não se dá pelo grau de facilidade de se falar dele. A inquietação é um dos fatores determinantes nesse processo. Sem inquietação não há motivação para o ato de escrever.

Na vasta historiografia, há trabalhos que falam de cidades, de sistemas econômicos, de gestores públicos, de monumentos, de temas religiosos, da morte, de cinema, de educação, de manifestações artísticas, da história de vida de alguém, entre diversas outras possibilidades. Cada uma dessas possibilidades tem uma razão de ser, e nas linhas escritas de cada trabalho as justificativas de por que existem.

Discutiremos nos capítulos que seguem alguns fatos da história de Teresina que nos ajudarão a entender como se davam algumas relações sociais, como se entendiam a existência de alguns espaços na cidade. Os fatos em questão dizem respeito a quatro crimes.

O primeiro, o crime do carteiro Helzano Ferreira de Sá, ocorrido na madrugada do dia 8 de maio de 1977, um domingo. O segundo, o assassinato de Luiz da Costa Leite, funcionário da Caixa Econômica Federal, registrado no dia 4 de janeiro de 1983, uma quarta-feira. O terceiro, o assassinato de “Chocolate”, o cobrador Antonio Soares da Costa, aconteceu no dia 12 de fevereiro de 1984, madrugada de segunda-feira. E o quarto, o desaparecimento do auditor-chefe da CEPISA, Valteuste Sampaio Melo, ocorrido no dia 2 de novembro de 1984, uma sexta-feira.

Sobre os quatro casos, a sexualidade das vítimas foi peça fundamental para a investigação policial, bem como os lugares que eles frequentavam, seus colegas de trabalho, seus amigos e suas formas de lazer. Dos casos apresentados, apenas no último não foi encontrado o corpo da vítima.

Nas histórias dos quatro crimes, é possível entendermos alguns elementos que apontam como a sociedade teresinense da época compreendia o que era “ser homem”, bem como quais eram os lugares que um homem deveria frequentar, com quais pessoas um homem deveria se relacionar e qual era o comportamento “adequado” que um homem deveria ter.

Tenho me preocupado com os estudos sobre gênero desde a graduação e nas duas tentativas para ingressar no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí buscava um objeto que satisfizesse minhas expectativas quanto aos estudos sobre masculinidades. Já tinha tido um contato superficial sobre o caso do carteiro Helzano Ferreira de Sá, mas foi somente com as idas ao Arquivo Público do Piauí que identifiquei na história de seu assassinato discussões sobre sua sexualidade. E foi a partir desse primeiro caso que cheguei aos outros três casos.

Não queria falar sobre homossexualidade partindo da literatura. Somente depois de ter tido contato com quatro histórias de homens que supostamente foram mortos por serem homossexuais, percebi que tinha encontrado meus objetos de

pesquisa. Imagino que o carteiro não tenha sido o primeiro homem no estado do Piauí, e especificamente na cidade de Teresina, a ser assassinado por “ser homossexual”, mas até o momento presente não há outra referência em jornais de crimes semelhantes antes da década de 1970. Talvez se Helzano não tivesse uma profissão, se não participasse do teatro local e não fosse estudante, o caso não tivesse tido a repercussão que teve. Se fosse igual aos rapazes que se viam obrigados a morar na região da Rua Paissandu, lugar onde predominava a prostituição feminina, porque não eram aceitos em suas casas, nem ao menos tolerados nas escolas, a história seria outra.

No primeiro caso, o espaço artístico, principalmente o teatro, era visto como reduto de homossexuais e de pessoas contrárias ao regime político que vigorava no Brasil. À época, o bar O Amarelinho, foi visto pelas autoridades policiais como um lugar de homens de “masculinidade” duvidosa. Helzano Ferreira de Sá era ator, carteiro e estudante.

No segundo caso, o jovem Luiz da Costa leite, embora noivo, mantinha em sua agenda uma longa lista de nomes e endereços de rapazes que, em troca de dinheiro ou de uma simples noitada de bebedeira, segundo a investigação policial, concediam prazer sexual à vítima. Luiz não fazia parte de nenhum grupo artístico e também não tinha, aparentemente, um grupo de amigos que poderiam ser considerados pela polícia rapazes com uma masculinidade questionável. Luiz era universitário, cursava Economia na Universidade Federal do Piauí e trabalhava como escriturário da Caixa Econômica Federal. Segundo as investigações, costumava pegar seu carro e passear horas pelas ruas do centro de Teresina, principalmente na Avenida Frei Serafim, à procura de algum rapaz. Dava muitas voltas em torno da Igreja São Benedito.

No centro de Teresina, em oposição à Sede do Governo Estadual, havia o Bar da Dona Dezinha, onde os clientes se sentavam na parte externa do estabelecimento. Muitos desses clientes eram jovens à espera de um olhar convidativo, de uma piscada de olhos apenas, por parte de certos homens que em seus carros davam repetidas voltas em torno da Igreja São Benedito para encarar alguns rapazes que costumeiramente frequentavam o bar.

Já Antonio Soares da Costa, conhecido como “Chocolate,” tinha um escritório de cobranças que prestava serviços principalmente a advogados. Em razão dessa proximidade com a profissão, acalentou a ideia de tornar-se ele também um advogado. O jovem não tinha uma formação superior ou técnica na área de contabilidade, mas conhecia muitas pessoas e era bastante requisitado por ser eficiente nas cobranças que realizava.

Sua família se orgulhava de o jovem ter fotografias em que posava ao lado de personalidades nacionais como a cantora Vanusa. Na noite em que foi assassinado, a polícia encontrou várias fotos de jovens rapazes que se deixavam fotografar nus em troca de algum favor. Em algumas dessas fotografias estava seu assassino.

No quarto caso, a vítima estava na casa dos trinta anos e tinha uma situação financeira mais estável. Era auditor da CEPISA¹. Gostava de frequentar bares na zona sul de Teresina, mais precisamente na Avenida Miguel Rosa. Na noite em que desapareceu, segundo a polícia, foi ao menos duas vezes a um motel na zona norte da cidade acompanhado de rapazes. Durante as investigações, a polícia não encontrou nem o carro da vítima nem seu corpo.

¹ Centrais Elétricas do Piauí S.A. Empresa de economia mista criada no final da década de 1950. Segundo Nascimento, uma tentativa de modernização da máquina administrativa. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970, p. 06.

INTRODUÇÃO

No trabalho monográfico da graduação, analisei timidamente alguns aspectos da prostituição feminina na cidade de Teresina nos anos de 1970. Desde então me interessei pelas discussões sobre o estudo de gênero na história e também sobre a sexualidade. Para a seleção do mestrado, em meio a muitas dúvidas, passei alguns dias pesquisando jornais no Arquivo Público do Piauí com uma ideia em mente, mas sem um objeto de estudo definido. Tinha a certeza de que encontraria algum fato que satisfaria as minhas expectativas. Foi então que encontrei informações sobre o assassinato do carteiro Helzano Ferreira de Sá.

Após esse meu encontro com o caso do carteiro, percebi que era possível fazer uma discussão sobre masculinidades, violência e sexualidades. Com o aprofundamento das pesquisas, encontrei outros três casos que enriqueceram a discussão.

As análises foram construídas a partir de entrevistas, pesquisas hemerográficas e bibliográficas. Das informações contidas nos jornais da época e nos relatos de alguns entrevistados, foram possíveis identificar versões acerca de um mesmo fato, muitas das quais se diferenciam em relação às causas e consequências.

Como os quatro casos não podem ser desvinculados do momento histórico, busquei identificar na cidade de Teresina dos anos de 1970 e 1980 alguns lugares associados à prática homoerótica e ao lazer urbano-noturno de um modo geral, bem como registrar alguns traços da violência urbana da cidade, crescentes desde a década de 1970.

Ao longo do trabalho, alguns questionamentos foram feitos na tentativa de compreender como a sociedade lidava com o assassinato de homens que se relacionavam sexualmente com outros homens. Compreender como em algumas situações faltava intimidade com conceitos como “michê”, que poderia ajudar na compreensão de um fato como o de Luiz da Costa Leite.

Na primeira parte da dissertação, faço uma trajetória sobre o assassinato de Helzano Ferreira de Sá, em 1977. No segundo capítulo, que trata sobre o assassinato de Luiz da Costa Leite em 1983, faço uma discussão acerca da prostituição masculina em Teresina. O terceiro capítulo segue a mesma proposta do segundo, analisando o assassinato de Antonio Soares da Costa e o desaparecimento de Valteuste Sampaio Melo, em 1984.

Durante as pesquisas foram encontradas algumas informações que se diferenciavam em relação a alguns detalhes concernentes às principais personagens desta dissertação. Por exemplo: sobre o carteiro há diferentes grafias de seu primeiro nome, que se apresenta de três diferentes maneiras (Elzano, Helzane, Helzano), enquanto o escriturário teve o nome escrito de duas formas distintas(Luiz e Luís). Quanto ao cobrador, há um desencontro em relação a sua idade, ora de 26 anos, ora de 33 anos. Ainda em relação ao caso do escriturário, o Jornal O Estado registra o nome de um suposto envolvido como Deyves, enquanto o Jornal O Dia o publica como Davis.

Alguns desses desencontros de informações foram solucionados. Um dos irmãos do carteiro disse que o nome correto é Helzano. Sobre o escriturário, há no Jornal O Estado a imagem de um cheque em que a vítima assinara Luiz no dia em que foi morto. Quanto aos outros desencontros, não encontrei meios de identificar a informação mais coerente.

O ano de 1968 foi para o mundo Ocidental um divisor de águas no que se refere à proliferação de discussões sobre a sexualidade humana. Foi a partir desse ano que em diversos lugares foram percebidas mudanças de relevância social. Transformações comportamentais, sexuais e o nascimento da consciência ecológica foram algumas das manifestações decorrentes de 1968. Os costumes não seriam mais os mesmos. É preciso dizer que nem todos os jovens contemporâneos a 1968 experienciaram os ideais que ganharam força a partir do referido ano da mesma maneira.

Falava-se de liberdade sexual. O sexo, a partir de 1968, deixou de ser discutido apenas em pesquisas acadêmicas, falar os nomes dos órgãos sexuais ou citar os termos sinônimos do ato sexual como fazer amor foi se tornando comum

entre os jovens. O uso da penicilina² como remédio a partir de 1941 amenizou os efeitos de doenças sexualmente transmissíveis como a gonorreia e sífilis. Nos Estados Unidos, em 1960, o uso da pílula anticoncepcional acarretou mudanças e discussões a respeito da sexualidade feminina.

Nesse contexto, a homossexualidade também passou a fazer parte das discussões em voga. Aliadas a essas discussões, também estava em pauta o prazer que a relação sexual anal e oral proporcionava. Num primeiro momento, o sexo anal e oral eram discutidos na relação entre um homem e uma mulher como outras formas de prazer, embora não fossem práticas desconhecidas também entre dois homens. A questão era que o sexo anal e oral entre um homem e uma mulher antes de 1970 eram práticas existentes mas condenadas moralmente pela sociedade. Tais práticas passaram a ser também defendidas como formas válidas de se alcançar o prazer.

Essas mudanças de costumes também fizeram com que a homossexualidade fosse discutida. As manifestações que pudessem ser associadas a ela ganhavam destaque, como, por exemplo, a mudança nas vestimentas masculinas, a postura e a violência física ou verbal que alguém pudesse sofrer por ser ou parecer homossexual.

A partir da década de 1970, o corpo e a sexualidade passaram a ser questionados como objetos fixos e sem história. Isso possibilitou o aparecimento do discurso da pluralidade sexual. Em relação à homossexualidade, ganhou eco o discurso de que era mais uma manifestação da sexualidade humana.

Quanto à violência contra homossexuais ou possíveis homossexuais, principalmente no que se refere aos assassinatos, chama atenção a causa da morte. Geralmente são crimes quem trazem certo grau de crueldade. Em princípio, crimes contra homossexuais que envolvem a passionalidade ou mesmo a intolerância apresentam essa característica.

² A penicilina é um antibiótico natural derivado de um fungo, o bolor do pão *Penicillium chrysogenum*(ou *P. notatum*). Foi descoberta em setembro de 1928, pelo médico e bacteriologista escocês Alexander Fleming e está disponível como fármaco desde 1941, sendo o primeiro antibiótico a ser utilizado com sucesso.

Os objetos perfurantes e cortantes utilizados nos crimes podem ser facas, facões, peixeiras, tesouras, navalhas, espetos, machados, enxadas, estiletes entre outros³. Os espancamentos e armas de fogo também são frequentes, assim como linchamentos, estrangulamentos e castrações. Antes do crime propriamente dito, as vítimas, em geral, sofrem algum tipo de tortura física e psicológica.

Segundo Mott (1997), as causas de assassinatos de homossexuais no Brasil vão desde o ódio, - “veado tem mais é que morrer”, “era um veado descarado” – ao latrocínio. Alguns acusados de matarem homossexuais muitas vezes alegam que o “cliente” não quis pagar o combinado, ou então que o “cliente” quis inverter os papéis, fazendo uma referência ao desempenho na relação sexual, no qual o cliente expressa o desejo de desempenhar o papel “ativo” na relação.

Dos quatro casos analisados neste trabalho, não foi possível estabelecer a causa da morte de apenas um deles, o de Valteuste Sampaio Melo, em novembro de 1984. O corpo de Valteuste não foi encontrado. Helzano Ferreira de Sá recebeu entre quatorze a dezesseis facadas em maio de 1977, enquanto Luiz da Costa Leite, depois de espancado, recebeu um tiro na cabeça, em janeiro de 1983. Antonio Soares da Costa, por sua vez, foi esfaqueado vinte e oito vezes, em fevereiro de 1984.

Para a construção da narrativa dessas histórias, foram utilizadas, além de referenciais bibliográficos, a história oral e fontes hemerográficas da época. Nesse processo, foi importante a percepção de diferenças entre as informações da fonte escrita e o relato da fonte oral em determinados momentos. Isso possibilitou o cruzamento de informações sobre os fatos e a constatação de encontros e desencontros de detalhes sobre uma mesma história.

Sobre os quatro crimes, os lugares de lazer que as vítimas frequentavam tiveram significativa importância para a construção do trabalho o que nos faz lembrar Michel de Certeau,⁴ ao dizer que os espaços são lugares praticados. Mas também os lugares são aquilo que se diz que são e o que se pensa deles. Enfim, não se resumem a espaços físicos, apenas.

³ MOTT, Luiz Roberto. Homofobia: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil. Grupo Gay da Bahia/ International Gay and Lesbian Human Rights Commission, 1997.

⁴ CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994, p.201.

No episódio da morte do carteiro Helzano Ferreira de Sá, o lugar emblemático para o desenrolar da história foi o bar O Amarelinho, que em 1977 situava-se no cruzamento da Avenida Miguel Rosa com a Rua Coelho de Resende. Para a polícia e alguns vizinhos, o bar era frequentado por homossexuais e travestis e descrito como um lugar de baderna e violência. Para outros frequentadores, a presença de homossexuais no estabelecimento não era a característica que o identificava. Principalmente nos finais de semana, o lugar recebia não apenas as pessoas que moravam em seu entorno, mas também clientes de outras regiões, como os da zona leste da cidade.

O espaço físico do bar pode ser descrito como se segue: alguns metros quadrados, cadeiras, mesas, bebidas, música, pessoas bebendo, conversando em grupos ou sozinhas era enfeitado com uma decoração de cores vibrantes, segundo as pesquisas. O nome do bar, originou-se da predominância da cor amarelo na parte externa.

Para além da descrição física, o local era descrito por algumas pessoas como “bar de homossexual”, porque era frequentado por pessoas ligadas especialmente à área da cultura e da arte: poetas, atores, professores, pintores e não apenas por isso porque alguns frequentadores eram apontados por algumas pessoas como homossexuais começando pelo proprietário.

Entretanto, se o conceito de espaço é pensado como lugar praticado, para os clientes heterossexuais que o frequentavam, o bar não era um lugar gay, uma vez que suas práticas divergiam das de outros clientes. Já para os clientes homossexuais, o bar era o espaço que oferecia as condições que algumas outras dezenas de bares na cidade não lhes ofereciam.

Os espaços são misturas inextrincáveis de dimensões concretas e dimensões simbólicas. Não se pode estabelecer aqui uma anterioridade ou uma determinação entre os espaços ditos materiais e os ditos imateriais dos espaços⁵

⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O teatro da história: os espaços entre cenas e cenários, p.2.

De forma que os espaços são o que se diz e o que se pensa que são. Para alguns, o bar Amarelinho não era um espaço de homossexuais; outros, no entanto, o definiam dessa maneira.

Agora, por que a polícia, em 1977, definiu-o como local de encontro de homossexuais? Para responder a essa questão, recorreremos a Marc Augé,⁶ para quem não se pode compreender os espaços e lugares como algo exato que se explica por si só. Tal postura é fruto da necessidade humana de buscar conforto em muitas de suas explicações. Essa necessidade de conforto teria sido o que fez a polícia considerar o bar O Amarelinho como um lugar gay, visto que a primeira vítima era frequentadora do bar e teve sua masculinidade questionada?

Nos quatro casos em análise, os lugares relacionados aos crimes têm um peso significativo para as investigações policiais. Em relação ao crime do carteiro, esses lugares são o bar O Amarelinho e a sede do Grupo de Teatro Raízes. No assassinato do escriturário - como foi chamado Luiz da Costa - alguns bares na Avenida Frei Serafim⁷, o Bar da Dona Dezinha, localizado em frente à Igreja São Benedito, e a região da Prainha⁸ - o que também se aplica aos dois últimos casos.

⁶ AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a antropologia da supermodernidade. 4ed. Campinas: Papirus, 1994, p. 52-55.

⁷ Sobre a caracterização da Avenida Frei Serafim, Nascimento cita Arimatéia Tito Filho: Por trás da igreja, a avenida espaçosa a que uns dão o nome do frade [Frei Serafim de Catânia], outros dão o nome de Getúlio Vargas. Um avenida de trânsito intenso. Pedestre nela come fogo para a travessia. De manhã e de tarde por ali passam veículos do mais variado formato. Carros feios e bonitos. Ciclista como praga. Talvez Teresina tenha mais bicicleta do que a capital da Suécia, onde até o rei anda de bicicleta. De noite a movimentação é a mesma — mas um novo quadro surge, a partir das 22 horas: o *trottoir*. As garotas apresentam-se para o amor, geralmente o amor começa motorizado e há de acabar nos castelos escondidos dentro dos matos que circundam os bairros, como em Brasília. Um paraíso de afeto, esta tranqüila Teresina. E explica: A Avenida Frei Serafim, depois que recebeu iluminação com lâmpadas de vapor de mercúrio, uma nova passarela central e cobertura asfáltica, transformou-se em ponto de encontro, daí que homens em automóveis por ela circulavam em busca de parceria, de sorte que a cidade é, por excelência, palco das contradições: o poder público empurrou mulheres de vida livre que moravam e trabalhavam na Avenida Miguel Rosa e imediações para a periferia, longe dos olhares dos visitantes, das senhoras conservadoras e das jovens pudicas, enquanto a principal avenida de Teresina, depois das 22 horas, transformava-se num lugar onde prostitutas e homossexuais buscavam parceiros para encontros amorosos. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970, p. 10.

⁸ Após a construção da Avenida Maranhão boa parte da margem direita do rio Parnaíba passou a abrigar uma série de bares e churrascarias. Por não ser uma capital litorânea, durante alguns meses do ano quando as águas do Parnaíba baixavam montes de areia vinham à tona no leito do rio, eram as coroas, que serviam de áreas de lazer para uma parcela da sociedade teresinense. Dois entrevistados que não quiseram se identificar chegaram a relatar histórias de que nas coroas havia “festinhas” em que “ninguém era de ninguém”. Tais encontros tinham apenas homens. Outra pessoa, que não quis se identificar chegou a relatar que ficava observando na Prainha rapazes de cueca,

Para alguns, o fato de Helzano ser ator de teatro e frequentar o bar O Amarelinho determinava sua sexualidade. Havia no Brasil um pesamento de que os homens que participavam de grupos teatrais na década de 1970 eram necessariamente vistos como gays.

Na cartografia dos lugares em questão, a Prainha - situada à margem direita do rio Parnaíba ao longo da Avenida Maranhão - não apresentava para alguns o estigma de um lugar para homossexuais, o que não impedia que fosse frequentada por eles. E segundo a polícia, pelo próprio Luiz da Costa.

A Prainha era o espaço em que alguns homens, do tipo que não se arriscavam a frequentar o bar O Amarelinho, poderiam ir. Talvez a Prainha não fosse o espaço em que um homem com maneiras consideradas pouco masculinas poderia frequentar tranquilamente. O que não quer dizer que todos os homens que iam ao bar em questão ou que participassem do teatro tivessem comportamentos pouco viris. Mas era o espaço em que jovens rapazes poderiam flertar, ainda que com o risco de sofrer algum constrangimento ou agressão caso o fizessem com a pessoa errada. Aos mais tímidos restava observar outros homens com roupas de banho. Era também o espaço no qual alguns homens casados poderiam arriscar olhar para outro homem sem maiores preocupações, porque se encontravam em um lugar público.

A literatura tende a confirmar a hipótese que encontramos em Mauss⁹, Levi Strauss¹⁰ e Fernand Braudel¹¹ de que o lugar determina as práticas. Já para Certeau¹² e Augé¹³, as pessoas não são como móveis que fazem parte da decoração de uma casa e que tem sua posição e função determinadas pela forma como ela se organiza. Em outras palavras, são as pessoas que dão significado aos lugares.

admirando o quanto alguns jovens eram bem feitos de corpo. Para uma parcela pobre de Teresina não havia outro lugar em que homens e mulheres poderiam usar trajes de banho.

⁹ MAUSS, Marcel. *Sociologie et Antropologie*. Paris: PUF, 1966.

¹⁰ LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.

¹¹ BRAUDEL Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. Lisboa: Martins Fontes, 1983-1984.

¹² CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópoles: Vozes, 1994, p.201.

¹³ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a antropologia da supermodernidade*. 4ed. Campinas: Papirus, 1994, p. 52-55.

Sobre o primeiro caso, perguntamos: os participantes do teatro na década de 1970 eram gays porque o teatro é um lugar de homens gays? Ou era um lugar gay porque algumas pessoas ou instituições assim o diziam?

Alguns traços da masculinidade das vítimas foram discutidos em todos os crimes relatados aqui. Embora este não seja o foco do trabalho, a imprensa da época se debruçou em questionar profundamente se: eram solteiros ou casados? Se tinham namoradas, traços ou comportamentos considerados femininos? Setinham a masculinidade “comprometida”? Todos esses questionamentos foram feitos à exaustão durante as investigações policiais. E as conclusões que a imprensa chegava repercutiam fundo na sociedade teresinense. Mas afinal o que é essa masculinidade?

Ora, vale afirmar que a masculinidade é um modo de ser. Das vertentes que ela possui, a que predomina na sociedade é a do homem viril, macho, forte, trabalhador, não dado às emoções, exceto aquelas reconhecidas como as de um “homem de verdade”- ser o oposto do que é a mulher e não ter as mesmas vaidades e gostos. Essas características, dependendo da época e do lugar, adquirem nuances diferentes.

O reconhecimento da masculinidade está atrelado à necessidade interna de sentir e agir como homem, o que implica uma série de cuidados específicos, incluindo o controle das emoções e do próprio corpo. O gestual masculino tem que ser ajustado a parâmetros pré-estabelecidos, pois para construir o que se convencionou chamar um homem de verdade é preciso, antes de tudo, garantir que ele seja macho. “Pára de chorar e fala que nem homem, rapaz!”, “medo é coisa de mulherzinha” e expressões afins indicam que a virilidade que se espera de um homem não vem pronta e precisa ser arduamente conquistada¹⁴

Esse modelo de masculinidade é um processo que ao longo de seu desenvolvimento precisou de doses de reforço que necessitam de reconhecimento. Em se tratando do sexo masculino, observa-se o modo de andar, a forma como fala e gesticula, a maneira de vestir e de se comportar, o tipo de lazer que aprecia, os

¹⁴ WAMG, May-Lin; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Identidades masculinas: limites e possibilidades. (*Psicologia em Revista*, 12, 19, 54-65, 2006).p.5.

lugares por onde anda. Resume-se tudo isso em virilidade. Se algo escapa a esse modelo, as coisas devem estar erradas. Badinter¹⁵, ao discutir o equívoco da naturalização da feminilidade, cita Rousseau para quem: “macho só é macho em certos momentos e a fêmea é fêmea durante toda a sua vida”. Em outras palavras, enquanto a feminilidade é colocada como natural, a masculinidade pede provas, embates.

À masculinidade associou-se a positividade, a excelência, a superioridade. Em seus estudos, Pierre Bourdieu¹⁶ diz que à ereção foi relacionado o movimento para o alto, a posição superior, a hierarquia.

O pênis é o que os homens têm e as mulheres não têm; o falo é o atributo do poder que nem os homens nem as mulheres têm. Mas enquanto o atributo do poder for um falo que só pode ter significado por referência a um pênis ou sendo confundido com um pênis, essa confusão sustentará uma estrutura em que parece razoável que os homens tenham poder e as mulheres não o tenham. E enquanto os psicanalistas sustentarem a separabilidade ideal do falo em relação ao pênis, eles podem agarrar-se a seu falo e acreditar que seu discurso falocêntrico não precisa ter qualquer relação com a desigualdade sexual, nem qualquer relação com a política¹⁷

Aos homens que se comportavam como mulheres ou se relacionavam sexualmente com outros homens em tempos passados, era atribuída a negação a todas as características integrantes da masculinidade hegemônica. E essa negação em momentos da história, como no Brasil Colonial, era punida com a pena de morte. A homossexualidade dependendo do momento histórico era vista de forma diferenciada.

Os homossexuais antes dos anos de 1970 não passaram por um processo de construção de uma ou mais identidade gay. O homossexual nem era considerado um homem de verdade e nem era uma mulher. Foi na década de 1970 que grupos organizados forjaram uma identidade gay, uma política que defendia a normalidade

¹⁵ BADINTER, E. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999, p. 16.

¹⁷ GALLOP, Jane. Além do falo. Campinas, Cadernos Pagu, (16) 2001, p. 280-281.

e a legitimidade do prazer sexual entre pessoas do mesmo sexo. Nesse processo homens e mulheres buscaram explicar as diversas manifestações da sexualidade humana.

Para Badinter¹⁸, o modelo de masculinidade é “fonte de alienação para os homens e de desentendimento com as mulheres”, modelo que a partir da década de 1970 tem sido questionado.

Segundo Scott¹⁹, o sexo é o ponto de referência que explica a diferença sexual. As explicações criam discursos sobre as diferenças, o que para ela é o conceito de gênero. Foi nos anos de 1970 que os gays, além de médicos, psiquiatras, de instituições jurídicas e policiais também passaram a falar de si. A consequência foi o aparecimento de outras verdades sobre a homossexualidade.

Como os homens que não se enquadravam nesse modelo de masculinidade eram vistos? Nos anos finais da década de 1970, alguns homossexuais, uns mais que outros, já tinham acesso a estudos que apontavam para uma identidade gay. E a partir desse conhecimento procuravam dar sentido a seu comportamento sexual marginalizado e não se sentissem mais deslocados, em lugar algum, nem se sentissem como um ser que não é. Talvez fosse a única maneira de que dispunham para dar sentido a sua existência.

Esta dissertação tem como eixo central a discussão sobre crimes envolvendo possíveis homossexuais. Dois mortos a facadas, um com um tiro de revólver e outro de causas desconhecidas. Todas mortes violentas, como se fossem uma resposta ao seus jeitos de ser.

Salvador Dali, com sua, cortante precisão, disse certa vez sobre o poeta Federico Garcia Lorca: "o fuzilamento foi a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido". O que ele queria dizer é que Lorca, homossexual, mais cedo ou mais tarde seria repudiado pela esquerda espanhola, se o fuzilamento não o transformasse num mártir da democracia. Segundo a lenda, o sargento comandante dos falangistas que executaram Lorca, quando chegou a sua vez, mandou

¹⁸ BADINTER, E. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

¹⁹ SCOTT, Joan W. Entrevista com Joan Wallach Scott. Revista Estudos Feministas, n. 1, 1998, p.115.

que ele ficasse de costas, para morrer como um maricón," Se é verdade ou não, ninguém sabe, mas é evidente que a esquerda espanhola à falta doutro poeta tão representativo, teve que engolir o fato de que Frederico cantava a beleza de - entre outros - Inácio Sanchez Mejia para transformá-lo no seu Poeta²⁰.

Nossos quatro personagens foram assassinados das seguintes formas: Helzano recebeu entre 14 e 16 facadas, Luiz recebeu um tiro na cabeça, Antonio foi esfaqueado 28 vezes e quanto a Valteuste não sabemos a forma como foi morto, porque seu corpo jamais foi encontrado. Os jornais locais O Estado e O Dia são as principais fontes escritas sobre os crimes, com destaque para o jornal O Estado por trazer um maior número de informações.

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação²¹.

Para o desenvolvimento desses episódios, o uso da história oral também como procedimento metodológico foi muito importante. Com o procedimento, foi possível perceber, entre outras coisas, quais as principais diferenças de percepção existentes entre o que os entrevistados disseram com o que constava nos jornais.

Vale dizer que o ato de lembrar é um processo complexo. Qualquer pessoa, ao ser questionada sobre um fato passado, primeiro ordena suas informações e sobre elas faz uma nova leitura. A esse respeito, Le Goff nos informa que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode

²⁰ Lampião, Edição Experimental, n. 0, Rio de Janeiro, abr. 1978, p. 4.

²¹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: *Fontes Históricas*. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 140.

atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas²².

No ato de lembrar, a pessoa atualiza uma impressão sobre uma informação passada. Ora, o fato pode ser o mesmo, mas a pessoa não. Neste trabalho, em alguns momentos perceberemos essa postura, que traz como consequência uma mesma história contada com detalhes diferentes. O que nos lembra Thompson ao dizer que:

A história Oral é uma história constituída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados. [...] Ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época²³.

Nesta dissertação, o primeiro capítulo analisa o crime do carteiro Helzano Ferreira de Sá, em 1977, o segundo trata do assassinato do escriturário da Caixa Econômica Federal, Luiz da Costa Leite, em 1983, e o terceiro discute os assassinatos do cobrador Antonio Soares da Costa, também conhecido como “Chocolate” em 1884, e o desaparecimento do auditor da CEPISA²⁴, Valteuste Sampaio Melo, também no mesmo ano.

“Porque não posso evitar sujar minha pena com a infame torpeza dos pederastas?”²⁵. Michael Pollak,²⁶ reproduzindo a pergunta do Dr. Tardieu quando este se referiu à multiplicação e reformulação de discursos sobre a imagem da

²² LE GOFF, Jacques. História e memória; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p. 366.

²³ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 44.

²⁴ Centrais Elétricas do Piauí S.A. Empresa de economia mista criada no final da década de 1950. Segundo Nascimento, uma tentativa de modernização da máquina administrativa. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970, p. 06.

²⁵ Citado em J. P. Aron e R. Kempf, Le Pénis ET La Démoralisation de l'Occidente. Paris, Grasset, 1978, p.51.

²⁶ POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? Centre National de La Recherche Scientifique, Paris.

homossexualidade no ocidente, principalmente a partir da segunda metade do século XIX.

O carteiro Helzano provavelmente não foi o primeiro homem a morrer em consequência de uma suposta homossexualidade na cidade de Teresina. Entretanto, o período em que foi assassinado era fértil para que toda uma discussão em torno de sua masculinidade tivesse ampla repercussão. No final dos anos 1970, a palavra homossexual ainda não era muito familiar para a maioria da população teresinense, embora não fosse de todo desconhecida – haja vista, em boa parte do mundo ocidental havia a existência de grupos organizados que desde o início da década de 70 defendia o livre direito da prática homossexual.

O diferencial dos anos setenta foi a construção de uma identidade gay (a palavra não consta nos jornais teresinenses O Estado e O Dia). Nos dois jornais, ou os gays eram identificados como homossexuais, ou ainda eram chamados de pederastas, “anormais”. Embora, o movimento identificado como Gay Power, principalmente nos Estados Unidos, defendesse a construção de uma identidade gay porque os homossexuais conheciam apenas a identidade heterossexual e nela não se enquadravam, lhes restava o sentimento de deslocamento, a sensação do não- lugar, a sensação de ser “anormal” porque diferente.

Conforme as pesquisas, encontramos nos jornais dos anos oitenta a divulgação de comportamentos que apontavam para a existência de envolvimento sexual entre dois homens, assemelhando-se a uma relação conjugal – notícias dessa natureza não foram localizadas nos jornais dos anos de 1970, ao menos na cidade de Teresina, o que não significa dizer que tal comportamento não existisse nos anos 70 e até mesmo antes. É o caso do cobrador Antonio Soares e seu assassino Neto, que se conheceram numa suposta relação de trabalho e a partir daí passaram a se relacionar sexualmente. Neto era amante e empregado de Antonio. Na ocasião em que se conheceram, Neto tinha dezessete anos.

Conforme veremos mais adiante, nos chama atenção a presença de garotos de programa no centro da cidade de Teresina nos anos 80. Jovens de boa aparência, ou não, que em troca de dinheiro ou de outros benefícios, como roupas e bebidas, se relacionavam com homens cuja situação financeira lhes permitia atender a suas necessidades de consumo. Luiz da Costa, o funcionário da Caixa Econômica Federal, era um jovem na casa dos vinte anos que possuía uma longa relação de nomes e telefones de jovens garotos de programa em uma agenda. Ressalto que

não nos jornais pesquisados não há expressão “garotos de programa” uma expressão que popularizou-se um pouco mais tarde.

Sobre esses jovens, mais expressivo que o estigma de se relacionarem com outros homens, pesava o estigma de serem descritos como exploradores e vagabundos. Rapazes que não buscavam no trabalho um meio de sustentar suas necessidades. Os acusados de se relacionarem sexualmente com outros homens defendiam ardorosamente que o dinheiro era a única justificativa para que eles mantivessem esse tipo de relação.

Para alguns desses jovens, não havendo mais tal necessidade financeira, cessaria também suas relações sexuais com homens; ou seja, eles não se viam como homossexuais. Valteuste Sampaio também se enquadra nessa situação. Costumava frequentar bares como forma de encontrar rapazes que em troca de bebida ou dinheiro mantinham relações sexuais com ele. O auditor preferia alguns bares da Avenida Miguel Rosa, mais precisamente na região do bairro Piçarra, como o bar “Pinguim”²⁷.

Nos quatro episódios, a existência de bares é presente. Tais lugares evocavam certo sentido de igualdade, liberdade, no sentido de que aquele que possuíam meios poderiam chegar, sentar e pedir uma bebida, sozinho ou acompanhado. Sem falar que os bares de Teresina àquela época eram lugares quase que exclusivamente frequentados por homens. As poucas mulheres que compareciam a esses locais carregavam consigo uma reputação duvidosa para os padrões da época.

²⁷ POLICIA ÀS TONTAS: destino do auditor é mais um mistério. O Estado, Ano XV, nº 3.466, Teresina, 07 de novembro de 1984, p.12.

CAPÍTULO I

1. A morte do carteiro: “os crimes em Teresina não têm donos”²⁸.

No início da década de 1970, a sociedade teresinense mostrava preocupação com o aumento da violência noturna principalmente no centro da cidade. O jornal O Estado mostrava o temor que algumas pessoas manifestavam a esse respeito. Havia na matéria do jornal uma distinção entre o cidadão pacato e o marginal. Um dos fatos mais corriqueiros a esse respeito era a presença de rapazes dentro de carros, promovendo baderna e não raro disparando armas de fogo nas proximidades das principais praças do centro da cidade, a exemplo da Praça Landri Sales.²⁹

Em 1971, a cidade de Teresina completava 119 anos, e os jornais discutiam a imagem que a cidade tinha até então. O jornal O Estado abordava que foi a partir da capital que se projetou uma imagem negativa do estado do Piauí frente ao resto do país. Entre as características que contribuíram para essa visão negativa da cidade, estavam as péssimas condições urbanísticas da cidade. Para o jornal o Piauí, até aquela data Teresina tinha sido motivo de gozação nacional.³⁰

Nas demais regiões do estado, falava-se em municípios formados de uma cancela de curral e de algumas palhoças. A matéria do jornal era um claro apoio ao início do governo do engenheiro Alberto Tavares Silva. Alberto Silva considerou a capital como a prioridade mais importante de seu governo. Em seu plano de administração havia o propósito de tornar Teresina uma capital bela e moderna. A partir daquele momento, ela seria referência de progresso para todo o estado. A estrutura física da cidade precisava mudar urgentemente. Teresina não podia ter apenas:

...24 bairros, 328 ruas, 42 avenidas, 28 praças, 6 alamedas,
23.580 prédios, 10.518 ligações elétricas e mais de 25

²⁸ MONTE, Lamartine do. Crimes em Teresina: só mistério? O Estado, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977, p, 12.

²⁹ TERESINA INDEFESA A MERCÊ DOS MARGINAIS. O Estado, Teresina, terça-feira, 6 de julho de 1971, p.08.

³⁰ 119 ANOS. O Estado, Teresina, dom/seg, 15/16 de agosto de 1971, p.?

hotéis, Teresina necessita urgente de um ajustamento urbanístico. Em plena era das comunicações, Teresina tem apenas 1.700 aparelhos telefônicos; o governo estadual já se prepara para ampliar esse número anunciando a meta de cinco mil ligações telefônicas para a capital.³¹

A necessidade de uma mudança radical da cidade era a menina dos olhos do governo, que em seu discurso fazia da capital “a locomotiva, a cabeça pensante do Piauí”.³²

Teresina era uma cidade pobre, que experimentava um desordenado aumento demográfico e o crescimento dos índices de violência, teria que conciliar a necessidade de um desenvolvimento urbano com problemas típicos de uma cidade grande. Paralelo às notícias que tratavam dos problemas sociais da cidade os jornais noticiavam também fatos considerados consequências das mudanças comportamentais dos anos de 1970.

No final do mês de agosto de 1971, uma matéria do jornal O Estado noticiava que na Suécia uma menina de 12 anos havia dado à luz um bebê cujo pai era um garoto de 15. A notícia trazia à discussão os efeitos do que se convencionou chamar de revolução sexual. O peso maior na matéria não estava no nascimento da criança, mas no fato de que jovens não casados estavam mantendo relações sexuais com uma naturalidade há pouquíssimo tempo negada. Essa mudança de comportamento, além de outros, eram situações que cidades como Teresina logo iriam testemunhar.³³

Mais tarde, foi publicada a notícia do “casamento” entre dois rapazes nos Estados Unidos. Os jovens Jack Baker e Michael McConnell que eram alunos da Universidade de Minnesota. É importante ressaltar que a matéria apresentou o primeiro como “a noiva” e o segundo como “o noivo”. Esse binarismo conjugal era resquício do modelo tradicional do casamento. Parecia difícil compreender o estabelecimento conjugal entre dois homens literalmente, por isso foi feita uma associação ao modelo tradicional, associando aos dois rapazes os papéis de noiva e de noivo. Imaginemos como a tradicional sociedade de Teresina recebia esse tipo de informação, o rádio era um meio de comunicação cujo nível de alcance superava

³¹ 119 ANOS. O Estado, Teresina, dom/seg, 15/16 de agosto de 1971, p.?

³² Idem

³³ MENINA DE 12 ANOS TEVE UM FILHO. O Estado, Teresina, terça-feira- 31 de agosto de 1971, p.04.

o dos jornais, o que permitia que esse tipo de informação chegasse aos mais variados tipos de pessoas.³⁴

Mudanças de comportamento, aumento populacional, crescimento da violência e a falta de urbanização eram questões recorrentes nos primeiros anos de 1970 na cidade e o jornal perguntava: aonde vai Teresina?

Teresina, em que pese o confronto de opiniões, está inclinada a se contagiar pela onda de crimes, nos seus diferentes aspectos, que predomina nas grandes cidades. Se esse clima é interpretado por muitos como uma prova do progresso, para outros tem um sentido amargo e angustiante de uma degenerescência social em crescimento, criando a intranqüilidade e roubando a paz de quem a experimentou ainda , quando a cidade era bucólica. Aqui agora, o trânsito aumenta a sua estatística fatal, o homicídio não escolhe esquina; o vício pelo tóxico abre suas fortes fendas; ou loucos se avolumam nas ruas, a fome leva os homens a caça de restos no próprio lixo; o menor se expõe ao erro social e o flagelo vem como fonte, agora, para aguçar a miséria que cresce. É esta a Teresina de hoje que deixa edificar, ao lado do seu progresso, a construção amarga de um sub-mundo ou do mundo cão de dimensões imprevisíveis. A insegurança, com ou sem progresso, é um fato nítido.³⁵

Nesse trecho, temos uma visão parcial de alguns dos problemas que preocupavam a sociedade teresinense na metade dos anos de 1970. Por outro lado, com a aproximação do fim do mandato de Alberto Silva, o Coordenador Estadual da Fundação Projeto Piauí, João Ribeiro de Oliveira e Souza, publicou no jornal O Estado a sua visão contrária sobre a concepção de que o projeto não tivesse passado de um embuste, levando em consideração o propósito do governo de Alberto Silva de promover o desenvolvimento integral do estado do Piauí.

Segundo o coordenador, desde 1964 os demais estados da região Nordeste apresentavam índices setoriais e globais de desenvolvimento, enquanto o Piauí tentava solucionar problemas estruturais graves. Com a ajuda do Governo Federal, o governo Alberto Silva propôs o desenvolvimento integral do estado se utilizando de

³⁴ DOIS RAPAZES CASAM-SE NOS ESTADOS UNIDOS. O Estado, Teresina, 23 de setembro de 1971, p.04.

³⁵ AONDE VAI TERESINA? O Estado, Teresina, terça-feira 07 de maio de 1974, p.01.

um sistema de desenvolvimento eficiente, aliado à tecnologia e à participação do setor privado. Esse era o principal objetivo do Projeto Piauí- Plano de Desenvolvimento Integral Participativo.³⁶

Além de serem uma defesa do projeto, as afirmações eram uma crítica aos governadores que antecederam a Alberto Silva, acusados de serem responsáveis pela situação de atraso em que se encontrava o Piauí. O Deputado Figueredo de Mesquita, representando a oposição ao governo, pediu ao coordenador do projeto que esclarecesse onde haviam sido investidos até aquele momento dez bilhões de cruzeiros, já que para ele os piauienses desconheciam o projeto e quem tinha conhecimento da sua existência não o compreendia.³⁷ A fala do deputado era uma clara manifestação de oposição e crítica ao governo de Alberto Silva.

Enquanto isso, outras discussões chamavam a atenção da população teresinense. Como reflexo das manifestações juvenis que sacudiram alguns países do mundo ocidental a partir de 1968, observava-se em Teresina a presença de rapazes que deixavam o cabelo crescer - eram os cabeludos. Esse comportamento por vezes provocava constrangimentos.

Em 1974, alguns jovens procuraram o deputado Francisco Figueiredo e denunciaram que estavam sendo impedidos de realizarem alistamento eleitoral pelo fato de terem os cabelos grandes. Os funcionários da 2ª Zona Eleitoral estariam recebendo a orientação do Juiz Álvaro Brandão Filho.³⁸

O deputado alegou que não havia nenhum impeditivo legal para que os rapazes não se alistassem. Alegou ainda que era uma posição antipática do juiz, que apenas aderiu a uma atitude presente nas capitais brasileiras. O apoio aos jovens era essencial, principalmente porque, segundo o deputado, aquele era o momento em que a nação precisava da juventude para apoiar a renovação política defendida pelo Governo Federal. Paralelo as discussões em torno de mudanças comportamentais, ganhava destaque nos jornais teresinenses notícias sobre crimes.

Um dos primeiros crimes a ganhar grande destaque nos meios de comunicação em Teresina aconteceu no dia 16 de fevereiro, um sábado, de 1974 - a chacina do posto King. No Arquivo Público do Piauí não há exemplares dos jornais O Estado e O Dia correspondentes ao mês e ao dia em que o crime aconteceu. A

³⁶ PROJETO PIAUI , UM EMBUSTE? O Estado, Teresina, dom/seg, 23/24 de junho de 1974, p.03.

³⁷ PROJETO PIAUÍ. . O Estado, Teresina, terça-feira, 25 de junho de 1974, p?.

³⁸ CABELUDO NÃO TIRA TÍTULO DE ELEITOR. O Estado, Teresina, terça-feira, 25 de junho de 1974, p?.

repercussão se deu também pelas causas desconhecidas e pelo envolvimento de pessoas “importantes” da cidade e pela suspeita de pistolagem.³⁹

Em 19 de fevereiro de 1974, a edição do Jornal do Piauí noticiou que o advogado René dos Santos Rocha Pinho, primeiro tido como testemunha, e mais tarde acusado de participar do crime, foi assassinado em seu escritório. As causas nunca foram completamente esclarecidas.

Na chacina do Posto King, foram assassinados três dos cinco policiais que participavam de uma diligência naquele lugar, à procura de um conhecido pistoleiro. Na época, já se falava de uma polícia mal preparada, sem bons salários e desprovida de acessórios básicos.

Um dos envolvidos neste crime teria sido o Delegado Especial de Parnaíba, Genez Moura Lima. Segundo um depoente de nome Francisco Tomaz de Lima, vulgo paraibano, ex-chefe da Residência do DER em Água Branca, o Sr. Genez era o maior coiteiro⁴⁰ de pistoleiros do Piauí e conhecia toda a trajetória desses errantes. O delegado teria escondido o pistoleiro José Mendes Diógenes. O criminoso teria confessado ao depoente que viera ao Piauí atendendo ao chamado do delegado para “fazer uns serviços”. Após o trágico episódio, o Jornal destacou que:

Teresina não é mais aquela cidade dos tempos do coronel Evilásio Vilanova, pelo contrário, a cidade está crescendo e mais e mais exigindo de seus agentes de segurança preparo e eficiência... a cidade não tem segurança...⁴¹

Ora, quando adquirem ampla repercussão, os crimes terminam levantando discussões para além dos inquéritos policiais e do direito penal. Eles fazem a sociedade pensar em outras questões sociais e institucionais. Nas matérias de jornais, uma das causas a que se atribuía o aumento da criminalidade em Teresina era a “chegada do progresso”. O crescimento urbano da cidade trazia consigo problemas de cunho social.

³⁹ RENÉ ASSASSINADO NO PRÓPRIO ESCRITÓRIO. Jornal do Piauí, Teresina, terça-feira, 19 de fevereiro de 1974, p.01.

⁴⁰ Segundo depoimento o delegado escondia pistoleiros que vinham executar algum “serviço” no Piauí, além de oferecer outras vantagens.

⁴¹ DESPREPARO. Jornal do Piauí. Teresina, terça-feira, 19 de fevereiro de 1974, p.01.

Em 1975, terminada a ampliação da Avenida Maranhão, os jornais apontavam outro problema, além da falta de avenidas amplas na cidade. Com a ampliação da avenida e a inserção da iluminação, apareceram no local outros atores sociais - marginais, prostitutas, desocupados. A presença dessas pessoas, segundo O Estado, traria uma imagem negativa para a noite da cidade. O problema se agrava após as 21 horas, momento em que alguns se dedicavam ao vandalismo ou à prática de atos indecorosos.

Os mais constrangidos com aquela realidade eram os estudantes noturnos. Reivindicou-se então a presença de um policiamento ostensivo na região.⁴²

No começo da segunda metade da década de 1970, outra discussão que ganhava destaque nos jornais envolvia a criação da lei regulamentando o divórcio no Brasil. Na matéria “Em favor da família”, o jornal O Estado apontava para o prejuízo que a aprovação da Lei do Divórcio poderia trazer para o país. Inicialmente, o jornal alegava alega que o Brasil não poderia adotar uma lei apenas porque os países ditos civilizados a admitiram, considerando essa tendência um mimetismo cultural.⁴³

A exaltação dos imperativos morais, a valorização da tradição familiar brasileira, a proteção e educação da prole, bem como a ineficiência e até ausência de assistência social eram os motivos alegados para que a lei não fosse aprovada. Travou-se uma verdadeira batalha entre antivorcistas e os divorcistas. Para aqueles contrários à aprovação da lei, os mais prejudicados seriam os mais pobres, que tinham na família a base para desempenhar funções sociais indispensáveis.

Os divorcistas eram acusados de não reconhecer que o problema era a falta de meios para as pessoas constituírem família com as condições mínimas de bem-estar. Esse era um discurso carregado de princípios cristãos – católicos, em particular -, em que se enaltecia o lado maternal das mulheres e sua capacidade de amar. Essa discussão revelava também as transformações que se faziam sentir no conceito de família tradicional que vigorava até então. Percebia-se a valorização do indivíduo no discurso divorcista.

⁴² A BONITA AV. MARANHÃO É ANTRO DE MARGINAIS. O Estado, Teresina, quarta-feira, 2 de abril de 1975, p.01.

⁴³ EM FAVOR DA FAMÍLIA. O Estado, Teresina, dom/seg, 06/07 de abril de 1975, p.08.

Depois de publicada a defesa dos antídívorcistas, em outro momento divulgou-se a visão contrária. O professor e psicólogo baiano Antonio Rodrigues Soares perguntava: “a instituição é para o homem ou homem é para a instituição?”⁴⁴

A mudança não era algo confortável, principalmente quando ameaçava aquilo que era considerado tradicional, como era o casamento na década de 1970. Percebemos esse mal-estar também em outras instituições sociais.

A cidade de Teresina, em 1975, se via às voltas com outro problema social que se intensificou na capital: a presença de menores no centro. Adolescentes e crianças que ou se ocupavam com a prestação de pequenos serviços ou cometiam pequenos furtos e roubos. Vejamos parte de uma matéria do jornal O Estado.

Eles são meninos que foram obrigados a sair pelas ruas em busca do pão de cada dia, lavando carros ou lustrando calçados. Tinham a esperança de diminuir a fome. Carregando uma lata com uma flanela ou uma maleta de caixote contendo graxa, panos e outros objetos, primeiro se encontraram com os fregueses. Agora se encontram com algo mais perigoso: a perdição. Como eles estão agindo? Por que se transformam malfeitores mirins? Qual a solução para esses meninos?⁴⁵

Na década de 1970, com o aumento demográfico e o crescimento urbano de Teresina, nem sempre acompanhados por boas condições de vida para a população, a presença de menores perambulando pelo centro era um fato que chamava a atenção das autoridades públicas e causava preocupação na sociedade de um modo geral. Esses garotos e garotas estavam mais próximos das drogas e da prostituição.

A população que saiu da zona rural para a área urbana de Teresina em busca de melhores condições de vida encontrou uma realidade não menos difícil para ser enfrentada. As dificuldades estavam relacionadas às precárias condições de moradia, saúde, educação e falta de emprego. Esse inchaço populacional era uma das causas do aumento da violência.

⁴⁴ SÓ TEME DIVÓRCIO QUEM NÃO ACREDITA NO HOMEM. O Estado, Teresina, quinta-feira, 10 de maio de 1975, p.09.

⁴⁵ MENORES EM TERESINA À BEIRA DA PERDIÇÃO. O Estado, Teresina, quarta-feira, 16 de abril de 1975, p.05.

Foi em meio às discussões sobre o aumento da violência em Teresina que Sebastião Rocha Leal assumiu o cargo de Secretário de Segurança Pública com a promessa de promover no centro e na periferia da cidade um policiamento mais efetivo. O propósito era “prender todos os marginais que fossem encontrados”. As maiores ocorrências eram o consumo e tráfico de maconha, lesões corporais, homicídios e a prostituição “com suas danosas causas”.⁴⁶

A Praça Saraiva, em 1975, era para a polícia um local em que se concentrava um grande número de marginais. A quantidade de dormitórios que havia nas proximidades da praça servia, segundo as autoridades, de esconderijo para esses delinquentes.

A Praça Saraiva, em pleno centro da cidade, continua sendo ponto de encontro preferido de marginais, batedores de carteiras, desocupados, homossexuais e mulheres de prostíbulos. Muitos vagabundos encontram ali um repouso ideal na madrugada nos muitos dormitórios, pelo preço de Cr\$ 5,00(cinco cruzeiros). Ultimamente, a operação arrastão tem encontrado um grande número de desempregado e pessoas sem documentos, os quais têm sido detidos ou recolhidos ao xadrez. Mas, a Praça Saraiva como outros continua sendo um dos grandes problemas da capital piauiense.⁴⁷

Além dos problemas relacionados à violência, outra questão incomodava os teresinenses naquele período: a grande quantidade de lixo na cidade. Já em 1975, a população reclamava da fedentina causada pela urina e fezes humanas no cais localizado na Avenida Maranhão. Na falta de banheiros públicos, as pessoas não tinham outra opção a não ser utilizar a margem do Rio Parnaíba para fazerem suas necessidades fisiológicas.

O prefeito Wall Ferraz argumentava que a prefeitura não dispunha de recursos para diminuir a sujeira que incomodava a população. Segundo ele, na falta de recursos suficientes, outras necessidades estavam em primeiro lugar.⁴⁸

⁴⁶ POLÍCIA VAI PRENDER TODOS OS MARGINAIS. O Estado, Teresina, quarta-feira, 16 de abril de 1975, p.06.

⁴⁷ OS PROBLEMAS DE TERESINA. O Estado, Teresina, 07 de maio de 1975, p.01.

⁴⁸ PREFEITO AFIRMA: ABSURDO EXIGIR MANTER LIMPEZA PERFEITA. O Estado, Teresina, quinta-feira 19 de maio de 1975, p.?.

Outra notícia fomentava as discussões na capital. A promessa de um trem com linha urbana era a promessa de Alberto Silva em 1976 para Teresina. No momento o ex-governador era presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos⁴⁹. Por outro lado, o prefeito Wall Ferraz falava das dificuldades de arrecadação da prefeitura e da execução de obras públicas.⁵⁰

Segundo o Prefeito Wall Ferraz, em 1976 Teresina gastava 65% do seu orçamento – estimado em Cr\$ 70 milhões de cruzeiros - com custeio, restando apenas 35% para os investimentos em obras públicas. Diante desse quadro, os investimentos como iluminação pública, limpeza, água e esgotos ficavam prejudicados. Em Teresina, cerca de 40 mil pessoas ainda eram servidas de água por chafarizes construídos e mantidos pela prefeitura. A cidade tinha por volta de 300 mil habitantes.⁵¹

Para o prefeito, a posição geográfica e estratégica de Teresina a tornava alvo de um fluxo migratório intenso, servindo de apoio econômico e social para as cidades maranhenses ribeirinhas do Rio Parnaíba, causando o crescimento desordenado que, por sua vez, agravavam os problemas sociais.

Foi também no mês de julho que através da Portaria nº 3/76 o delegado Edvaldo Moura fechou a boate O Sujeito, alegando as constantes denúncias de vizinhos revoltados com a falta de decoro das mulheres que lá residiam. O estabelecimento funcionava na Rua Cabral havia 40 anos e teve como uma de suas principais atrações o cantor Waldik Soriano.⁵²

Em 1976, a prefeitura começou urbanizar o bairro São Pedro com a distribuição de água encanada e a construção de 70 mil metros quadrados de calçamento. O projeto, contudo, não previu à existência de uma favela com aproximadamente 400 casebres e cerca de 2000 mil pessoas, quase todos provenientes do Maranhão e Ceará na região.⁵³

⁴⁹ ALBERTO SILVA ANUNCIA LINHA FERREA, ÔNIBUS E RODOVIÁRIA PARA TERESINA. O Estado, Teresina, 09 de julho de 1976, p.08.

⁵⁰ PROBLEMAS DE TERESINA SÃO DEBATIDOS. O Estado, Teresina, 09 de julho de 1976, p.02.

⁵¹ WALL: TERESINA É UMA CAPITAL DE UM ESTADO E MEIO. O Estado, Teresina, quarta-feira 21 de julho de 1976, p.?.

⁵² FECHADA A BOATE ONDE WALDIK SE HOSPEDAVA. O Estado, Teresina, quinta-feira 22 de julho de 1976, p.09.

⁵³ FAVELA E TOPOGRAFIA DIFICULTAM A URBANIZAÇÃO. O Estado, Teresina, quarta-feira, 04 de agosto de 1976, p.?.

Sobre outros problemas sociais, havia o consumo de maconha na Praça Pedro II⁵⁴, agressões na região do meretrício chamado Morro do Querosene e brigas generalizados no Bataclã da Lourdes, prostíbulo situado na Avenida Miguel Rosa. Esses eram alguns dos problemas mais corriqueiros registrados na região do 6º Distrito de Polícia.⁵⁵

Na madrugada do dia 03 de junho de 1976, na Boate da Ana Paula - localizada na Avenida Barão de Gurguéia -, um conflito teve início quando um grupo de jogadores do time de futebol piauiense Tiradentes, bebia - segundo eles, em comemoração ao nascimento do filho de um dos integrantes. Ao todo eram 9 jogadores, o roupeiro e um motorista. Naquela madrugada, uma mulher identificada como Teresa Newman Melo, de dezenove anos, foi espancada pelo jogador Célio Rodrigues após o ter insultado. O jornal O Estado não entrou em detalhes sobre as causas do possível insulto.

No estabelecimento, bebia o corretor de imóveis Jacob Ferreira Lima. Após a jovem ter sido agredida, o corretor teria chamado os jogadores de covardes, afirmando não estar “vendo homens na sua frente”⁵⁶. Em seguida, o corretor teria ido até seu carro para pegar um revólver calibre 38, retornado para o interior da boate e disparado contra os jogadores. Um dos tiros terminou por acertar o abdômen de Anastácio. Após o disparo, o corretor foi violentamente espancado, morrendo mais tarde no Hospital Getúlio Vargas. O crime foi tratado pelos jornais como “o linchamento do corretor” ou “o massacre de Jacob”. O evento foi determinante para a extinção do time.

O episódio nos faz lembrar de que em nossa cultura era grave não ser chamado de homem, um insulto que ia além da questão sexual e que mexia com a honra de uma pessoa, embora muitas vezes a honra e a virilidade andassem de mãos dadas.

Como já foi dito, atribuía-se ao aumento da violência em Teresina causas como o aumento populacional oriundo do êxodo rural. Muitas pessoas vinham para a capital em busca de trabalho, escolas e atendimento médico. Na falta de moradias para essas pessoas, restava-lhes dirigirem-se às favelas.

⁵⁴ OPERAÇÃO ANTI-TÓXICO NA PORTA DO TEATRO LEVA ONZE AO XADREZ. O Estado, Teresina, quinta-feira 08 de dezembro de 1977, p.?.

⁵⁵ EM TERESINA MUITA VIOLÊNCIA DURANTE A MADRUGADA. O Estado, Teresina, quinta-feira 08 de dezembro de 1977, p.?.

⁵⁶ JOGADORES DIZEM QUE NÃO MATARAM JACOB. O Estado, Teresina, 04 de setembro de 1979, p.?.

Associando o crescimento desordenado com o aumento da violência, o jornal o Estado chamava atenção para o fato de que, dez anos antes de 1977, a simples batida de um carro ou um homicídio eram motivos suficientes para estamparem as manchetes dos jornais. Já em 1977, a quantidade dos mais diversos crimes cometidos na capital já não causava grande impacto, com as devidas exceções.⁵⁷

Entre a noite do dia 04 e a madrugada do dia 05 de março de 1977, a cidade de Teresina foi sacudida pelo assassinato da doméstica Maria das Mercês de Jesus na casa de número 955, Rua Magalhães Filho, zona norte. A jovem teve o corpo retalhado. No quarto, uma caixa de giletes aberta.⁵⁸

Maria das Mercês tinha 21 anos e era natural de da cidade Inhumas, ao sul do estado. Após assistir à novela O Bem Amado, a jovem teria lavado as últimas louças sujas que estavam sobre a pia e se recolhido para seu quarto, que ficava nos fundos da casa em que trabalhava.

Alguns detalhes sobre o corpo da vítima chamaram atenção, como o fato de os seios, as nádegas e o órgão genital haverem sido mutilados. Os questionamentos foram vários a respeito do assassinato descrito como crime passional. Mais tarde algumas especulações apareceram sobre o possível autor do crime. Para o delegado encarregado das investigações, a jovem doméstica teria sido assassinada por uma mulher. Certos detalhes conduziram o delegado a tais conclusões, como algumas declarações em versos de mulheres que apareciam dedicando-os umas para as outras. A agenda era de Maria das Mercês. Já para o perito Vital Araújo, o fato da jovem ter suas partes íntimas depiladas, indicava um possível envolvimento com um homem, uma vez que as partes íntimas depiladas seria consequência de desejo masculino.

As investigações apontaram a patroa de Maria das Mercês, Júlia de Area Leão, como a principal suspeita da morte da doméstica. Esse foi um caso em que não houve julgamento da acusada e está ainda envolto em “mistérios”.

No mesmo ano em que a doméstica foi assassinada, outro crime trouxe muito clamor à cidade de Teresina: o assassinato do carteiro Helzano Ferreira de Sá. Os episódios mobilizaram a opinião pública e criaram uma expectativa da sociedade sobre o esclarecimento dos mesmos. Os homicídio da doméstica e do carteiro

⁵⁷ AS FAVELAS DE TERESINA. O Estado, Teresina, dom/seg, 17/18 de dezembro de 1977, p.09.

⁵⁸ FOTOS PODEM LEVAR A POLÍCIA A DESCOBRIR MATADOR DA DOMÉSTICA. O Estado, Teresina, 08 de março de 1977, p.01.

Helzano envolvem “mistérios”, prestígio social, ameaças e jogo de poder, de forma que:

Toda investigação criminal é concernente às pessoas ou à coisa. Só pessoas cometem crimes, mas invariavelmente, o fazem por meio de coisas. E são essas coisas que, em seu conjunto, constituem o vasto campo da evidência física... Evidência física- a testemunha silenciosa- impossível de não ser deixada pelo criminoso no local do evento, testemunha que não esquece, não fica confusa ou excitada pela emoção, sempre presente, sempre pronta para servir, é a evidência do fato.⁵⁹

O fragmento acima foi extraído de um texto de autoria do perito criminal Vital Araújo, publicado no jornal “O Estado” no dia 14 de janeiro de 1977, distante aproximadamente três meses e vinte e cinco dias de um crime emblemático,⁶⁰ ocorrido na cidade de Teresina. Embora o texto não se referisse a um homicídio, alguns conceitos nele presentes poderiam ser aplicados plenamente a um assassinato. Ao dizer que todo crime é cometido por meio de “coisas” o perito chama atenção para os vestígios inerentes a um ato criminoso presentes no local. Para mostrar o grau de importância das evidências físicas, Vital Araújo as compara a uma testemunha e passa, então, a excluir dessa testemunha algumas características humanas que poderiam prejudicar a elucidação de um crime. São elas: o esquecimento, a dúvida e a emoção. A ausência de tais características é, para ele, essencial para tornar um fato obscuro em fato esclarecido.

Entretanto, essa evidência física, “sempre presente, sempre pronta para servir”, por si só nada diz, nada executa, permanecendo no mais completo silêncio. E é nesse momento que entra em cena o ser carregado de dúvidas, das mais diversas emoções, cheio de esquecimentos - o ser humano. É ele que vai fazer essa evidência falar, “dar tudo de si”, falar de si, dizer quem é e como se tornou o que é. Esse é um processo fascinante em que, por várias vezes, não se diferencia a

⁵⁹ ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. O local do crime. O Estado, Ano VII, Nº 1230, p. 04, 14 de janeiro de 1977.

⁶⁰ O assassinato do jovem carteiro ocorreu na madrugada do dia 08 de maio de 1977, sendo que a veiculação do fato deu-se na terça-feira, dia 11 de maio de 1977.

evidência física do elemento humano. Nesse processo, sempre fica um questionamento: quem está falando é a evidência ou o investigador?

“ Vão reinvestigar o caso Helzano! Em outras palavras: a polícia quer ter certeza se ele realmente morreu”⁶¹. Eis a forma irônica com que o jornal O Estado tratou a reabertura das investigações sobre o crime, em fevereiro de 1980. Após quase três anos do crime do carteiro, a ironia resume muita coisa sobre o fato. O tom sarcástico, à época, refletia o que boa parte da sociedade teresinense pensava a respeito do episódio. O jornal brincou de forma flagrante com o objeto de investigação de um homicídio. Ora, tal objeto pode ter vários desdobramentos: a causa da morte, a hora, o local, o meio utilizado para provocar a morte e, principalmente em se tratando de um assassinato, a descoberta de um ou mais responsáveis.

O jornal inverteu de forma zombeteira a ordem das coisas ao destacar que ao invés de se descobrir os autores do crime, a reinvestigação queria constatar se realmente a vítima havia sido morta. A linguagem figurada tem disso, diz de forma incisiva o que jornais levaram anos tentando dizer. Nesse caso, ele expõe o fracasso da investigação criminal e as conclusões imprecisas da perícia criminal. Em outras palavras, pode-se entender também que, após quase três anos do crime, a nova investigação iria tratar de elementos criminais dispensáveis à expectativa da sociedade daquele momento.

A sociedade queria era a punição dos autores, o cumprimento da lei, da ordem e da justiça. Todavia, a situação era mais complexa do que isso. Até a data da publicação dessa matéria em tom jocoso, o assassinato do jovem Helzano não tinha autores, ou melhor, eles existiam, mas não lhes eram dado nomes. E quando isso acontecia, não se podia pronunciá-los. Os depoimentos, as diligências policiais, denúncias anônimas, exames periciais, testemunhas e até confissões não foram suficientes para esclarecer o crime. Havia várias conclusões sobre o fato. Foi o que disse o diretor de teatro Aci Campelo.⁶² Segundo ele, pelos bastidores sabia-se das

⁶¹ REABERTURA DA INVESTIGAÇÃO DO ASSASSINATO DO CARTEIRO HELZANO. O Estado, Teresina, 01 de fev 1980, p. 03.

⁶² Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Aci Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010.

peessoas envolvidas no crime e também dos motivos que faziam com que os responsáveis não fossem apontados.

Durante a investigação e exames periciais - principalmente nesses últimos, os aspectos objetivos da perícia criminal devem sobrepor-se às meras especulações - foi possível perceber que alguns questionamentos permaneciam abertos. Para a compreensão desse crime, os resultados da investigação policial e da perícia criminal não seriam por si só capazes de satisfazer todos os questionamentos que envolveram o crime.

Em um assassinato é preciso constatar a maneira como se deu a morte, determinar o número de lesões, o local em que se encontram e a sua intensidade, observar a posição do corpo da vítima e a hora da morte. Uma vez identificadas essas possibilidades, entram em cena discussões não menos importantes em um assassinato: o interesse pessoal e/ou coletivo, a emoção, os princípios filosóficos, religiosos, o medo, o instinto de sobrevivência, o fator econômico, o poder político.

Há tempos que a sociedade brasileira clama para que os princípios administrativos das instituições públicas se façam valer - imparcialidade, publicidade, legalidade, eficiência. Esse emaranhado de realidades e possibilidades faz com que muitas vezes os fatos sigam caminhos incertos, inconclusivos. Perdem-se nas memórias, nos arquivos, e ficam a vagar por aí, sem talvez nunca chegar a algum lugar, esbarrar em alguém ou serem questionados.

Helzano Ferreira de Sá era ator amador em um momento em que as artes na cidade de Teresina tiveram um crescimento significativo na década de 1970. Esse crescimento se deu principalmente em virtude dos incentivos estaduais no governo de Alberto Tavares Silva. Atores, escritores, poetas, pintores, todas as pessoas ligadas direta ou indiretamente ao meio artístico frequentavam os mesmo lugares ou participavam das mesmas discussões.

Naquela década, a Universidade Federal do Piauí oferecia uma série de serviços à sociedade como forma de incentivar a produção artística local. Foi em

meio a essa valorização da música, da arte popular, das artes plásticas e do folclore que foi criado o Teatro Universitário.⁶³

Concomitantemente à criação da Fundação Projeto Piauí, foi criado o Centro de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares - CEPI. O governo estadual então convidou o renomado maestro e músico Reginaldo Carvalho para coordená-lo. A comunidade artística local foi convidada para discutir os planos do centro e conhecer seus dirigentes. Eram os “homens de fora”⁶⁴. Reginaldo Carvalho convidou então Antonio Murilo Eckhardt, que veio de Brasília para desenvolver um trabalho de arte-educação junto aos professores da rede estadual de ensino. Sobre os “homens vindo de fora”, por suas ações e maneiras de portar-se, vestir-se e posicionar-se muitas vezes pesava o estigma da homossexualidade.

A partir de 1976, com o sucesso da peça “ A viagem do barquinho”, segundo Ací Campelo, o CEPI experimentou um processo de decadência. Dos projetos culturais desse centro, o que mais se destacava era o voltado para o teatro. Foi a partir desse enfraquecimento que se formaram dois grupos amadores de teatro, muito importantes para a manutenção dessa arte na capital: o Grupo Raízes de Teatro e o Grupo de Teatro de Pesquisa. Os grupos foram fundados por pessoas egressas do CEPI, entre elas: Lorena Campelo, Afonso Lima, Bete Lima, Fábio Costa, José Nazareno, Solfiere Markam, Ribamar Rocha, Helzano Sá, Ribamar Martins e Lili Martins.⁶⁵

Não existiam apenas os dois grupos de teatro amador no Piauí. Segundo Campelo, em janeiro de 1977, a diretoria provisória da Federação de Teatro Amador do Piauí - FETAPI convocou todos os grupos amadores que atuavam no estado para uma assembleia com o objetivo de escolher a primeira diretoria executiva para o biênio 77/78. Na reunião estiveram presentes os seguintes grupos: Grupo Raízes, Grupo Teste, Grupo de Teatro do Matadouro, Grupo Amador Piauiense e Adjacência, Grupo de Teatro Pesquisa, Grupo de Teatro Elias Torres, Grupo Literart

⁶³ CAMPELO, Ací. O perfil do teatro piauiense(1950-1990). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

⁶⁴ A expressão “homens de fora” me foi apresentada na ocasião da qualificação pela Profª Dra. Teresinha Queiroz.

⁶⁵ CAMPELO, Ací. O perfil do teatro piauiense(1950-1990). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

e o Grupo Cejapi. Helzano, do Grupo Raízes, foi escolhido 2º Tesoureiro da federação.

1.1 O Crime: “ninguém viu nada, ninguém ouviu nada, ninguém sabe de nada”⁶⁶.

Helzano Ferreira de Sá, não atingiu sequer o segundo quarteirão porque seu assassinato se verificou entre a Avenida Miguel Rosa e Rua Bejamim Constant. Ele foi abatido com 14 facadas. Duas na testa, acima do olho direito, duas abaixo do umbigo, duas na barriga, uma no pescoço, tendo sido sangrado e o resto no peito direito. Um detalhe, todas as facadas foram do lado direito, o que vem levantar a hipótese de que o criminoso é canhoto.⁶⁷

Incerto também nesse episódio foi o lugar do crime. Como veremos adiante, pelas investigações realizadas foram identificados os lugares por onde a vítima passou e o local exato em que o corpo foi encontrado, mas o local em que golpes foram desferidos no momento do crime era um mistério. O corpo fora encontrado em um terreno baldio que ficava ao lado do prédio do DNOCS⁶⁸.

Não havia vestígios de perfurações ou cortes nas mãos da vítima. Observavam-se os detalhes das lacerações na cabeça, no peito direito, no abdômen, mas nenhuma nas mãos. Se o jovem não teve morte instantânea, por que não se defendeu posto que é de se esperar que alguém com as mãos livres instintivamente tentaria segurar o objeto cortante e se feriria nessa tentativa de defesa. Por ter frequentado alguns bares, estaria a vítima muito embriagada a ponto de não poder se defender? Ou poderia haver no local do crime dois agressores, um dos quais teria segurado a vítima para que o outro o esfaqueasse?

⁶⁶ MONTE, Lamartine do. Crimes em Teresina: só mistério? O Estado, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977, p, 12

⁶⁷ ESTUDANTE É ASSASSINADO COM 14 FACADAS: a morte. O Estado, Ano VII, Nº 1319, Teresina, terça-feira 10 de maio, 1977, p.12.

⁶⁸ Departamento Nacional Obras Contra a Seca.

Na reportagem do jornal O Dia há pelo menos dois detalhes a mais do que a notícia veiculada pelo jornal O Estado. Vejamos:

Para demonstrar a crueldade do que o maníaco matou seu desafeto, três dos 15 golpes foram desferidos no rosto do jovem, fazendo um grande orifício nos olhos da vítima. Após o seu ato, o criminoso, possivelmente usando um carro, acredita a polícia, colocou o corpo em frente ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas(DNOCS), localizado na Avenida Benjamim Constant, entre Magalhães Filho e Anísio de Abreu.⁶⁹

Nesse trecho do Jornal O Dia, um detalhe chama atenção: a utilização de um carro para o transporte do corpo. Segundo informações colhidas pela polícia, antes do crime alguns suspeitos foram vistos em um carro nas proximidades. O que nos levaria a pensar que o assassinato teria acontecido dentro do carro.

Antes de ir ao lugar mais significativo relacionado ao crime, o bar O Amarelinho, Helzano teria começado sua trajetória ainda no final da tarde do dia 7 de maio, um sábado. O último lugar que o jovem frequentou antes de se dirigir ao bar O Amarelinho foi o Bar do Leôncio, localizado no cruzamento da Rua Coelho de Resende com a Rua Tiradentes. A esse respeito, a garçonete do Bar do Leôncio informou ao jornal que:

...eu vi a vítima se despedir de amigos, pouco mais de três horas dizendo que ia pegar um taxi. O Robert e o Luís já estavam no bar juntamente com um irmão de Luís que eu não sei o nome e também um amigo deles. Vi quando o irmão de Luís saiu numa Kombi para deixar esse amigo que já estava embriagado. Depois de trinta minutos ele retornou, mas não na Kombi e sim num taxi corcel de cor vermelha. Ai ele entrou tomou um copo e saiu até a esquina do lado, e com pessoas que estavam no outro bar começou a discutir. Volta e chama o irmão que sai do bar apavorado arrastando cadeiras e o Robert fica sentado, bebendo. Depois os dois irmãos voltaram e conversaram baixo com o Robert e os três saíram no Volks de marcha-ré até a esquina. Se lembraram que não pago as treze cervejas e até discutiram,

⁶⁹ UMA MORTE COM SADISMO E MISTÉRIO: bárbaro. O Dia, Teresina, 10 de maio de 1977, p.?.

mas quem pagou foi o irmão de Luís. Deu 130 cruzeiros, depois que não os vi mais.⁷⁰

Pelo depoimento da garçonete, pode-se concluir que Helzano não se dirigira a Robert e a Luís até o momento em que estivera no Bar do Leôncio. A garçonete fala de uma despedida do jovem para com seus amigos, dando a entender que não se tratava de dois suspeitos. Esse detalhe é curioso, já que de acordo com “O Estado” os pais de Luís eram funcionários dos correios - o pai aposentado e a mãe ainda na ativa.

As informações mostram que Helzano tinha conhecimento da existência de Luís, uma vez que ele era funcionário da agência dos Correios no qual o pai de Luís havia trabalhado e onde a mãe ainda trabalhava. Além do mais, todos eram frequentadores dos mesmos bares. Ainda segundo a garçonete, Robert e Luís eram dados ao que ela denominou de “brincadeiras pesadas”. Essa constatação indica que ambos eram clientes assíduos daquele bar. O garçom do bar O Amarelinho, Raimundo Gomes, disse que os dois chegaram ao estabelecimento pouco depois das 4 horas da madrugada, com as camisas no pescoço e com manchas vermelhas, e que Robert teria deixado a camisa no bar.

No bar “O Amarelinho”, conta o garçom Raimundo Ribeiro Costa, 18 anos, que Helzano estava só, entrou pediu um guaraná, tomou, pagou e saiu com direção a zona sul. “observei bem quando ele atravessou a avenida passando entre as duas bombas do posto de gasolina que fica ali perto do sinal, e continuou o garçom, depois ele entrou naquela rua escura que vai sair no DNOCS. Isso aconteceu exatamente entre 3:20 para 3:30 da manhã.⁷¹

⁷⁰ SOUSA, Maria de Fátima. Universitários mataram funcionário dos correios: as diligências. O Estado, Teresina, 11 de maio, quarta-feira, 1977, p.12. Os nomes completos dos principais suspeitos de terem cometido o crime constam nos jornais, entretanto optamos por colocar no corpo do texto apenas o primeiro nome.

⁷¹ ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: um guaraná e o caminho da morte. O Estado, Teresina, 10 de maio, quarta-feira, 1977, p. 12.

Os horários presentes nas falas da garçonete do Bar do Leôncio e do garçom do bar O Amarelinho são coerentes. A vítima saiu do penúltimo estabelecimento depois das 3 horas da madrugada e levou alguns minutos para chegar ao último bar, onde pediu e bebeu um refrigerante. O assassinato teria acontecido entre 3h30min e 4 horas da madrugada do dia 8 de maio de 1977. Sendo ou não Robert e Luís os autores do crime, o homicídio deu-se nesse intervalo, e os assassinos certamente estavam nas redondezas do bar O Amarelinho.

Tudo indica que a vítima encontrou seus algozes entre o bar e o prédio do DNOCS, no intervalo de pouco mais de meia hora. Helzano estaria a caminho de sua casa, no bairro chamado Lucaia, localizado atualmente na região do bairro São Pedro, zona sul de Teresina, próximo ao Centro Administrativo do Estado. É uma distância considerável, mas que nos anos finais da década de 1970 não trazia maiores preocupações ou perigos à noite. Naquela madrugada, contudo, foi diferente.

Há algumas hipóteses sobre o encontro da vítima com os assassinos: eles estariam no carro em movimento quando avistaram o jovem e ao se aproximarem, percebendo que se conheciam, ofereceram uma carona; Os assassinos estariam parados quando a vítima se aproximou deles, aceitando carona e entrando no carro após uma breve conversa de conhecidos; A vítima teria sido forçada a entrar no veículo. Todas essas hipóteses são possíveis. Se foi um crime encomendado, é provável que os assassinos já estivessem à espera de Helzano. Se foi um encontro casual, havia um motivo para matar. Os acusados deram suas versões:

Em seu depoimento, Robert, disse que, “foi o Luís quem matou o rapaz, eu estava no volante e vi quando ele no banco de traseiro esfaqueou o cara”. Muito nervoso, colocando as mãos na cabeça e chamando por Deus, Robert disse que “não sei de nada, pois quando bebo fico desmemorizado”. Posteriormente desmentiu dizendo que “ele me entregou, eu não sei de nada, só sei que bebemos e pelo jeito vou acabar me complicando todo... Por sua vez, Luís contou a mesma história para a polícia, só que se

defendendo e acusando o companheiro, “não, não fui eu, foi ele sim, ele foi quem matou o rapaz, ele me entregou”.⁷²

O que chama atenção nesse trecho são os nomes utilizados pelos acusados para se dirigirem a Helzano: “o cara”, “o rapaz”. À primeira vista, imprimem um certo tom de distanciamento, até mesmo indiferença. Não chamaram a vítima pelo nome próprio ou pelo nome de algumas de suas ocupações, como o carteiro ou o ator de teatro. Isso reflete realmente o desconhecimento entre vítima e acusados, ou a forma como se referiram a Helzano foi proposital, para que não houvesse tentativa de ligação entre eles. Pelo que já foi exposto até agora, era quase impossível que não se conhecessem.

Os envolvidos frequentavam os mesmos bares, os pais de Luís, um dos acusados, trabalhavam no mesmo local em que a vítima trabalhava - os Correios. Se foi um crime encomendado, o mandante também deveria fazer parte do mesmo círculo de pessoas. Mandante, executores e vítimas, portanto, deveriam se conhecer. Um crime por encomenda, tem uma ou mais razões, um desafeto, mágoa, vingança, rejeição entre outros

Mas, o assassinato de Helzano, pelas circunstâncias e pelo jeito que o corpo foi encontrado, deixa claramente a hipótese de que ele foi morto por duas pessoas, naturalmente uma segurando e tapando a boca, pois ninguém ouviu um grito sequer.⁷³

O horário em que se deu o ocorrido não justifica a ausência de uma tentativa de fuga ou de pedidos de socorro. Às 3 horas da madrugada, um barulho seria ouvido por alguém que estivesse a trabalho nas redondezas ou mesmo por moradores da região. No final dos anos de 1970, ainda existiam muitas residências no centro de Teresina, os barulhos noturnos também não eram tantos para que pudessem impedir que moradores da região ouvissem alguma movimentação diferente.

⁷² UNIVERSITÁRIOS MATARAM FUNCIONÁRIOS DOS CORREIOS: na polícia. O Estado, Teresina, 11 de maio, quarta-feira, 1977, p.12.

⁷³ TESTEMUNHAS INOCENTAM FUNCIONÁRIO DA SUNAB: duas pessoas. O Estado, Teresina, 10 de maio, quarta-feira, 1977, p. 12.

Talvez por isso outras versões sobre a morte do carteiro tenham muita força por parte de algumas pessoas que acompanharam mais de perto o fato, como é o caso de dona Belita. Vinte de julho de 2011. Cheguei por volta das 10 horas da manhã à casa de Dona Belita. Em frente à moradia, pude ver a porta entreaberta e ouvir pessoas conversando em seu interior. Apenas uma estreita calçada separa a casa da Rua Coelho de Resende. Bati palmas por duas vezes e apenas na terceira vez uma jovem negra e corpulenta veio me atender. Perguntei se a dona da casa estava, ela disse que sim e que iria chamá-la. Para minha surpresa, veio a nora dela, que havia me atendido no dia anterior, dizendo que não poderia me ajudar por saber muito pouco ou quase nada sobre o bar. Mas antes mesmo que a jovem nora terminasse de falar, uma senhora de aproximadamente cinquenta e seis anos veio em minha direção enxugando as mãos como quem acabara de deixar a cozinha. “Mas qual é mesmo o bar que você quer saber?”⁷⁴

Esta é uma característica encontrada em algumas pessoas: primeiro elas não querem falar, depois se sentem mais à vontade e, finalmente, contam o que sabem e o que supõem saber sobre o caso.

Perguntei a ela qual era a fama do bar O Amarelinho entre os vizinhos da região em 1977, pois de acordo com o jornal O Estado o bar era palco de violência e desrespeito. Ela disse que não, que antes da morte do carteiro não havia reclamações por parte dos vizinhos. Embora sua mãe não a deixasse sair, ela sabia muito bem disso. E por diversas vezes era motivo de conversa entre os moradores da região o comportamento de alguns frequentadores do bar. Ela lembrou que o dono do estabelecimento era “diferente”, assim como alguns clientes do lugar. Naquele momento ela teve dificuldades em utilizar a palavra gay, homossexual ou “veado”. “Nós sabíamos que eles eram diferentes e ao mesmo tempo nos admirava como eles se comportavam bem”. Disse ainda que antes o bar funcionava na casa do proprietário, o Sr. Martinho, mas que a mãe dele não aceitava a situação, obrigando-o a mudá-lo de lugar⁷⁵.

Em 1977, já havia diversos nomes utilizados para identificar gays. Mas gay não era uma palavra muito familiar à época. Pederastas ou homossexuais eram os

⁷⁴ Diário de campo: a morte do carteiro e outras histórias. Teresina, 20 de julho de 2011. Trecho de uma entrevista realizada com Dona Belita, p.03.

⁷⁵ Idem

nomes encontrados nos jornais e também utilizados pelas autoridades policiais. Outros pejorativos como boiola, bicha, veado eram usuais entre os populares. Dona Belita não usou nenhum deles, preferindo jogar as mãos, como se elas não tivessem ossos para dizer que o dono do bar e alguns clientes do estabelecimento eram gays.

Sobre o assassinato, ela disse que os vizinhos ouviram uma gritaria naquela madrugada e que logo pela manhã lavaram o interior do bar. Perguntei a ela se o crime ocorrera no bar. Ela disse não saber, que apenas lembrava que aquela madrugada do dia 8 de maio de 1977 foi a última do bar O Amarelinho. Ao fim da conversa, ela comentou estar sentida por não poder ajudar. Disse-lhe que me ajudara bastante. Despedi-me de Dona Belita e saí.⁷⁶

Nessa entrevista, D. Belita disse ainda que logo pela manhã todo o bar foi lavado e que alguns moradores aquela noite ouviram barulhos muito parecidos com uma briga. Embora passados trinta e cinco anos do assassinato de jovem carteiro, é contagiante o receio e até mesmo o medo das pessoas ao se referirem ao crime – e, dependendo da pessoa, uma ou outra sensação se destaca mais. O perito criminal da época e o delegado demonstraram certa apreensão ao relembrares o caso. Os vizinhos próximos ao local onde funcionava o bar, certo grau de temor.

A partir do depoimento de algumas pessoas, foi possível fazer um cruzamento entre o que disseram os entrevistados e o que constava nos jornais. Nos depoimentos, havia alguns detalhes ausentes nas linhas escritas dos jornais, afinal quem escrevia as matérias não esteve tão próximo do caso.

Era manhã e estava ofegante, pois acabara de subir pelas escadas até o quarto andar do Tribunal de Justiça do Piauí, onde ficava o gabinete da presidência para uma entrevista com Desembargador-Presidente Edvaldo Pereira de Moura. Havia sido ele o delegado a presidir o inquérito da morte do carteiro. Antes de entrar na antessala da presidência, fui em direção a um corredor deserto para passar a mão no cabelo desarrumado pelo boné. Afinal, não poderia ignorar que entre as pessoas que aguardavam a vez de falar com desembargador, apenas eu não usava roupas formais com acessórios de marcas, muito menos poderia esperar ser

⁷⁶ Diário de campo: a morte do carteiro e outras histórias. Teresina, 20 de julho de 2011. Trecho de uma entrevista realizada com Dona Belita, p.03.

atendido antes de outros magistrados, secretários e ex-secretários de governo que ali se encontravam⁷⁷.

Ali sentado, esperando a vez para entrar na sala, uma senhora que não soube bem precisar quem era nem o que ali fazia, perguntou se eu já havia descoberto quem havia matado o carteiro Helzano. Com um sorriso meio sem graça respondi que não. Isso era algo que martelava minha cabeça: o que um “aprendiz de historiador” queria com um fato que até aquela data tinha sido eminentemente policial?

Depois de muito esperar, consegui entrar na sala da presidência com a ajuda de duas secretárias muito prestativas. Já havia tido contato com uma delas em 2010, e até mesmo marcado uma audiência, mas por outras ocupações não foi possível estar presente. Lá dentro, sentei em uma das três ou quatro cadeiras ao redor da mesa do desembargador e não pude deixar de sentir o cheiro de papel velho naquele lugar. Um vaivém intenso de pessoas, várias portas ligando vários setores, dezenas de papéis para serem assinados.

Reparei também que, antes de assiná-los, o presidente lia cada um deles, alguns até mandava refazer. Isso já levava consideráveis minutos. Chegou então um grupo de advogados para resolver questões internas, mas precisavam do auxílio do presidente. Ali eles passam a conversar e esperar o resultado da intervenção do desembargador no assunto.

Pensando que depois dali iríamos conversar, chegou uma colega de trabalho, também desembargadora, para tratar de suas férias. Mais papéis para serem assinados. Sem demora, chegou um afilhado do presidente e uma conversa de compadres que achei que não iria mais ter fim. E eu ali, vez por outra me balançando naquela cadeira confortável, pensando que não desistiria a não ser que o próprio desembargador dissesse que iria me atender⁷⁸.

Em 1977, aquele homem estivera à frente da investigação de um dos mais emblemáticos crimes da história da cidade de Teresina. Um crime que não foi “solucionado”- a palavra está entre aspas por que o crime foi e não foi solucionado.

⁷⁷ Diário de campo: a morte do carteiro e outras histórias. Trecho de uma entrevista realizada com o Desembargador Edvaldo Pereira Moura. Teresina, 04 de julho de 2011, p.4-5.

⁷⁸ Idem.

A pergunta que ainda ecoa sobre o fato é: por que os nomes de acusados foram retirados do inquérito e as investigações seguiram outros caminhos?

Depois de muito tempo ele sentou-se em sua mesa e fez a pergunta que deixaria qualquer pesquisador inquieto: “o que você quer saber?” A minha inquietação não era por falta de resposta, mas por excesso de questionamentos a serem feitos. Comecei perguntando por que ele havia associado o crime do carteiro a uma causa passional. Resposta que não obtive como esperava. Falou que na noite do crime ele não era o delegado de plantão. Disse que o delegado plantonista sequer fora ao local do crime. E aí se pôs a falar o quanto a perícia no local do crime é decisiva para elucidação de um crime. Para o ex-delegado e agora desembargador, vítima e acusados estavam bebendo em outro bar próximo ao bar O Amarelinho. Esqueci-me de perguntar a ele se é verdadeira a afirmativa de que ele chegara a fazer diligências de bicicleta para solucionar o crime. Fica o questionamento para outra ocasião

Para o magistrado, era intrigante no depoimento de um garçom do bar, um jovem de 18 anos por nome Raimundo, a afirmação de que o carteiro chegou, tomou um refrigerante e saiu em direção ao DNOCS. Para o desembargador, é raro a um garçom ocupado estar tão atento ao percurso de um freguês que chegou e saiu rapidamente a ponto de observá-lo atravessar a Avenida Miguel Rosa e seguir pela rua escura que dava ao DNOCS. Quiçá de um freguês que estivesse ali desde cedo, que já tivesse bebido todas e o garçom já preocupado com o estado de embriaguez do freguês o aconselhasse a ir pra casa...⁷⁹.

Não saberia dizer o que pensou a maior autoridade da justiça do estado do Piauí sobre o interesse de um acadêmico de mestrado sobre aquele crime. Talvez que eu quisesse saber ou confirmar a autoria do crime.

Se a vítima bebia com os acusados, como dissera o desembargador, é interessante pensar que o garçom não disse tê-los visto chegando juntos ao bar. Talvez eles tivessem se separado no caminho, ou mesmo no local, ou teriam se “encontrado” entre o percurso do estabelecimento e o prédio do DNOCS, onde o corpo fora encontrado. O bar onde vítima e acusados teriam estado juntos antes era

⁷⁹ Diário de campo: a morte do carteiro e outras histórias. Trecho de uma entrevista realizada com o Desembargador Edvaldo Pereira Moura. Teresina, 04 de julho de 2011, p.4-5.

o Bar do Leôncio, localizado próximo no cruzamento da Rua Tiradentes com a Rua Coelho de Resende. Cerca de cem metros separava um bar do outro⁸⁰.

No depoimento do desembargador consta que a vítima bebera com os acusados no Bar do Leôncio; já no depoimento da garçonete do bar isso não fica claro. Ela diz que quando Helzano chegou ao bar, os acusados e o irmão de um deles já se encontravam bebendo, mas em nenhum momento ela afirmou que Helzano cumprimentou ou se sentara à mesa junto com os acusados. Por outro lado, com a constatação do desembargador fica claro que a vítima e os acusados se conheciam, ou seja que havia certa intimidade entre eles. Os acusados eram conhecidos da vítima, mas não faziam parte do grupo de teatro à qual a vítima pertencia nem do grupo de coral.

Após o crime, a polícia refez a trajetória do jovem na tentativa de encontrar alguma pista que levasse aos acusados e à motivação do crime. E o que ficou revelado é que Helzano, ao sair de casa na tarde de sábado do dia sete de maio de 1977, tinha como objetivo encontrar três amigos na sede da Legião Brasileira de Assistência, onde também reunia-se o grupo que constituía o Coral Nossa Senhora do Amparo. Mas antes disso ele teria passado nos Correios para pegar uma encomenda, o que acabou por não acontecer porque, segundo consta no jornal O Estado (1977), a pessoa responsável pelo setor não se encontrava. Dos Correios, ele foi ao encontro do grupo de jovens reunidos em um endereço situado à Praça Campo de Marte, ao lado do Estádio Lindolfo Monteiro.

Na sede do grupo de jovens, Helzano encontrou três amigos: Isac da Silva Cardoso, estudante de 19 anos, José Lopes Farias, estudante de 22 anos e Antonio Carlos Nunes também estudante de 22 anos. De lá, os quatro amigos saíram rumo ao bairro Cabral para uma festa de aniversário que aconteceria na casa de outro amigo. Segundo Jornal O Estado (1977), o grupo de rapazes não encontrou o endereço e por isso permaneceram numa quitanda situada à Avenida Jacob Almendra, onde tomaram meia garrafa de cachaça. Nessa quitanda, juntou-se ao grupo o jovem Willame Robert Martins, estudante de 18 anos que seria mais íntimo

⁸⁰ Diário de campo: a morte do carteiro e outras histórias. Trecho de uma entrevista realizada com o Desembargador Edvaldo Pereira Moura. Teresina, 04 de julho de 2011, p.4-5.

dos outros três rapazes do que de Helzano. Aquela teria sido a segunda vez que Willame encontrara o jovem carteiro. A primeira vez não foi revelada.

Da quitanda, partiram para casa de Antonio Carlos Nunes, situada no número 92 da mesma avenida. O intrigante é que não foi revelado o nome do amigo em cuja casa aconteceria a festa de aniversário. Mais intrigante ainda é por que Antonio Carlos Nunes, morador do mesmo bairro, não tinha conhecimento do endereço que estavam à procura. Não se sabe se seria o endereço apenas de conhecimento de Helzano e talvez não existiu nenhuma festa de aniversário.

Em direção à casa de Antonio, encontraram Carlos da Paz Martins, estudante de 22 anos. Juntos, seguiram para a casa de Antonio e, ao chegarem à calçada da residência, o anfitrião entrou na frente e perguntou à irmã Catarina e ao namorado desta, Marcolino Rios Lima, de 28 anos, se não haveria problema beber ali com alguns amigos. O casal de namorados concordou com o pedido, pois ali era mais seguro do que beber fora. Assim, Antonio Carlos convida os quatro amigos para entrar. Era pouco mais de 9 horas da noite.

Em volta de uma garrafa de cachaça, a conversa versava sobre teatro. Willame Robert foi quem mais se mostrou interessado, pois desejava participar do grupo teatral. Helzano dizia ao jovem como deveria fazer para ingressar no grupo da Fundação Cultural do Piauí. Em seguida, chegou o pai de Willame dizendo que já era tarde e que este deveria ir para casa. Antes de ir embora, os dois trocaram os endereços, Willame dizendo “depois o procurarei”.

Os demais amigos ali ficaram até as 2h10min da madrugada de domingo, bebendo e conversando. Após esse horário, despediram-se e seguiram a pé para suas casas. A maioria deles residia ali mesmo na Jacob Almendra, com exceção de Helzano. Ele seguiu rumo ao bar O Amarelinho, que de sábado para domingo funcionava até o dia amanhecer. Essas informações, encontradas no Jornal O Estado, trazem algumas informações equivocadas relacionadas à saída de Helzano da casa de Antonio Carlos e também a outros detalhes. Segundo jornal O Dia, Isaac e Willame, o Lili, eram amigos de Helzano, sendo este último mais próximo que o

outro. Willame já fazia parte do grupo de teatro Raízes. Ainda segundo jornal, entre Helzano, Isaac e Willame, quem mais se embriagara fora Helzano⁸¹.

Da Avenida Jacob Almendra, no bairro Cabral, para o bar O Amarelinho, no cruzamento da Rua Coelho de Resende com a Avenida Miguel Rosa, a distância é curta. À época era comum se fazer o percurso nas primeiras horas da madrugada sozinho. Foi o que o jovem carteiro fez? Não foi. Primeiro, Helzano, Isaac e Willame, antes de seguirem para o bar O Amarelinho, passaram no Bar do Leôncio. Lá eles permaneceram por alguns minutos. Ao sair, o carteiro disse aos amigos que iria pegar um taxi. Isso indica que o plano de Helzano era dali mesmo ir para casa, mas não o fez e seguiu para o bar O Amarelinho a uns cem metros daquele lugar.

Como resultado da investigação, a polícia chegou a um Fusca marrom ano 1968 placa PI- TERESINA, AA -7185 da seguinte forma:

Embora continue negando o professor Luís é o principal acusado da morte do artista e funcionários dos Correios Helzano Ferreira de Sá. Seu companheiro, o universitário Robert continua como cúmplice do homicídio. Robert acusou, acusou o companheiro nas primeiras declarações e complicou-se também ao dizer que ajudou a carregar o corpo da vítima, segurando pela cabeça, enquanto L pegava as pernas. O vigia Geraldo Rosano afirmou para as autoridades policiais que viu o corpo ser jogado nas calçadas do DNOCS e, inclusive, neste momento anotou o número da placa do carro em que andavam os presumíveis assassinos, um fusquinha 1968, já apreendido pela polícia. R contou que L matou Helzano num matagal nas proximidades do DNOCS e que os dois deram carona a vítima, que sentou-se inclusive no banco dianteiro do fusquinha.⁸²

As informações trazidas nesse texto começam a revelar contradições sobre a forma como o crime se desenvolveu, o que acabou por trazer “dúvidas” sobre a autoria do crime, que até então era certa. Robert chegou a afirmar que estava no volante quando viu Luís esfaquear Helzano no banco traseiro do carro. Luís contou a mesma história, só que acusando o parceiro. Já nesse trecho, Robert afirmou que

⁸¹ UMA MORTE COM SADISMO E MISTÉRIO: saída. O Dia, Teresina, 10 de maio 1977, p.?.

⁸² UNIVERSITÁRIO CONFESSA, MAS DEPOIS NEGA CRIME: testemunha. O Estado. Teresina, 12 maio 1977, p.12.

o carteiro foi morto fora do veículo. É certo que o Instituto de Criminalística, segundo o jornal, não encontrou vestígio de sangue no veículo. Robert teria dito ainda que os dois levaram o corpo de Helzano até o cruzamento da Rua Anísio de Abreu com a Rua Benjamim Constant. De lá o teriam arrastado até a frente do DNOCS.

O delegado Edvaldo Pereira Moura não encontrou ninguém nas proximidades que tivesse ouvido um barulho, por menor que tivesse sido. O motorista do DNOCS Francisco Pereira da Silva e o vigia de uma residência particular, José Domingos dos Santos, afirmaram ter dormido a noite toda. Esses desencontros de informações foram agravados ainda mais com a declaração feita por Robert.

No início da noite, Robert desmentiu tudo que havia dito anteriormente, desta vez ele estava acompanhado do seu advogado, Dr. Flávio Teixeira de Abreu e do seu pai, que veio de Floriano para acompanhar o inquérito. A polícia volta á estaca zero... A perícia inclusive constatou que não existem marcas de sangue nas roupas dos suspeitos e no carro de Robert⁸³.

Os rapazes alegaram depois terem sido coagidos pela polícia a confessarem o crime, fato negado por Edvaldo Pereira Moura, delegado na época. No ano de 2011, o então Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí afirmou nunca ter tolerado nenhum tipo de ilegalidade em sua delegacia e também nunca ter compreendido a negativa para sangue nos exames realizados nas roupas dos acusados.

É importante ressaltar que sobre esse crime há contradições no mínimo interessantes. Em um primeiro momento, os autores do crime são conhecidos e em poucas horas os assassinos veem-se diante da polícia, mas a série de suposições que só aumentava ainda mais uma teia obscura de investigação continua.

Como disse o diretor e professor de teatro Aci Gomes Campelo, nos bastidores comentava-se que por trás do assassinato havia nomes importantes se aproveitando do prestígio social e econômico para desviar o foco da investigação e fazer com que a morte do carteiro fosse mais uma sem autores conhecidos.

⁸³ UNIVERSITÁRIO CONFESSA, MAS DEPOIS NEGA CRIME: testemunha. O Estado. Teresina, 12 maio 1977, p.12.

...nos bastidores em nossas conversas chegou-se a conclusão de que esses rapazes da Universidade, sem dúvida foram eles que mataram... naquele tempo então o ministro da justiça era Petrônio Portella, a mãe dele chegou a ir lá, mas os meninos eram filhos de sargentos, tenentes. ...eu fiz 40 slides isso foi pro espetáculo... prenderam eles na mesma noite, prenderam quase com a mão na massa com sangue na roupa, saíram estampados no jornal O Dia e O Estado... O Jornal O Estado era mais independente então davam um destaque enorme. Teve um que chorou na entrevista. O Robert chorava porque ele era mais conhecido e foi o que disse, que confessou. Fiz investigações sobre as pessoas que andavam com Helzano, elas diziam nomes de pessoas que a polícia nem sabia. Havia umas pessoas que tinham uma influência na vida dele e tal...levamos o espetáculo para o Teatro 4 de Setembro mostrando a cara de sujeito, a cara de delegado, o espetáculo foi censurado, aí cortaram umas coisas deixaram outras, começaram a sair notícias do Espetáculo Helzano: os últimos dias. Após o espetáculo, apareceram telefonemas ameaçadores, carros que acompanhavam gente....⁸⁴

O Grupo de Teatro Amador Raízes era formado em sua grande maioria por jovens do sexo masculino com menos ou pouco mais de vinte anos, muitos contrariando a vontade da família. Quando o crime aconteceu, muitos familiares ficaram apavorados e a saída de alguns dos jovens do grupo de teatro não tardou. Alguns deles mudaram para outros estados. Com exceção de Aci Campelo e outros, parte dos atores que participaram da peça em homenagem ao colega, Helzano: os últimos dias não foram contemporâneos do episódio.

Sem autores conhecidos, nas rodas sociais e nos bares da cidade a pergunta que se fazia ecoar era que a investigação sobre o assassinato tomou um caminho incerto e a conclusão seria improvável. Um dos acusados, Robert, passou a sustentar a versão de que foi coagido pela polícia a confessar a autoria do crime e a incriminar Luís.

⁸⁴ CAMPELO, Aci Gomes. Depoimento concedido ao pesquisador Helio Secretário dos Santos no dia 26 de fevereiro de 2010, p. 2-3.

Sofrendo ameaças de espancamento e totalmente coagido, o universitário Robert inventou uma história fantástica, confessando um crime que não cometeu delatando-se e ao professor Luís... Demonstrando equilibrado estado de espírito, o professor Luís, declarou ontem à tarde, que não chegou a conhecer o carteiro Helzano Ferreira, e nem o viu no bar “Amarelinho”, onde esteve acompanhado de R. às 2 horas da manhã de domingo. Hoje, eu me sinto moralmente abalado. O que espero realmente é que meus colegas de Universidade e os meus alunos da unidade escolar “Simões Filho” compreendam que eu sou inocente, afirmou Luís.... Em virtude das ameaças e das pressões, Robert. encontra-se traumatizado juntamente com os seus familiares, sem poder sair de casa...⁸⁵

Quando a polícia, por distorções do inquérito policial, perdeu de vista os principais acusados do crime, os jornais foram buscar o posicionamento da família do jovem assassinado. Nesse processo, os familiares levantaram o que para eles poderia ser a causa do crime.

Em matéria do Jornal O Estado,⁸⁶ a família apresentou três motivos para o assassinato: inveja de amigos, a descoberta do uso de maconha no meio artístico e a expulsão de quatro integrantes do grupo de teatro Raízes, do qual Helzano fazia parte. Edvaldo Moura, o delegado do caso, considerou tais motivos como o reflexo da pressa da família para a descoberta do crime.

O jornal O Estado, que estampou na primeira página a imagem de duas irmãs de Helzano e de sua mãe, trazia como legenda a seguinte afirmação: “Dona Antonia e as irmãs contam estórias fantásticas”⁸⁷. O fantástico, segundo o jornal, referia-se aos motivos que a família considerou para o crime. Helzano teria confessado ao pai que flagrara um dos integrantes do Grupo Raízes fumando maconha. Tal descoberta teria ocasionado uma forte discussão entre Helzano e o jovem flagrado. Segundo a família, como Helzano era um dos principais integrantes do grupo, teria dito ao pai que não aceitaria tal conduta.

⁸⁵ POLÍCIA COAGIU UNIVERSITÁRIA CONFESSAR CRIME. O Estado, Teresina, quarta-feira 13 maio de 1977, p. 12.

⁸⁶ DENÚNCIA DE TÓXICO PROVOCA MORTE DO CARTEIRO-ARTISTA. O Estado, Teresina, 14 maio 1977, p. 01

⁸⁷ ESTÓRIAS FANTÁSTICAS. O Estado, Teresina, 14 de maio de 1977, p.01.

A maconha era a droga da vez em Teresina, no final dos anos setenta. A cocaína e o LSD eram conhecidos, mas com uso muito restrito. O uso da maconha, para Aci Campelo, tinha uma conotação diferente. Era visto por alguns integrantes do grupo como um ato de insubordinação ao momento político que o Brasil vivenciava. Era uma atitude libertária.

Ainda de acordo com o jornal, o pai da vítima dissera que Helzano teria dado uma lição de moral no tal Robert. Entretanto, o pai não soube afirmar a quem o jovem se referia, se a um dos acusado do crime, Robert, ou se a Willame Robert, mais conhecido por Lili, com quem Helzano estivera minutos antes de ser assassinado. Conforme o jornal, o nome artístico “Robert” era muito utilizado no meio teatral.

Esse não era, pelo menos aparentemente, um fato difícil de ser constatado. O Grupo Raízes deveria ter um cadastro com dados de seus integrantes, e nele poderia ser verificado quantos jovens tinham como verdadeiro o nome Robert. Lili era amigo de Robert e fazia parte do grupo Raízes. A família de Helzano dissera em entrevistas que ele havia dormido várias vezes na casa de Lili. Na entrevista com o professor e diretor de teatro Aci Campelo, foi confirmada a amizade entre os dois. Em nenhum momento mencionou-se algum tipo de desavença entre Lili e Helzano.

Após os principais suspeitos da morte de Helzano terem sido considerados inocentes, a polícia teve que seguir outras linhas de investigação. Uma das mais presentes era a de que o crime se enquadraria em latrocínio, isso porque teria desaparecido da carteira da vítima certa quantia.

- Você sabe se tem algum aniversário hoje, Teonis?
- Sei não, mas tem festa mais tarde no Clube dos Diários.
- Não, eu quero é um lugar para beber de graça.

Este foi o diálogo entre o artista amador Helzano Ferreira de Sá e sua coleguinha do grupo Raízes Teonis Martins, poucas horas antes de Helzano ser assassinado. Serve para demonstrar o quanto a vítima era avarenta, do tipo esquisito, que não gostava nem de pagar bebidas para ele, muito menos para os amigos. A família acha que Helzano foi roubado pelo seu assassino. E explica porque: Helzano recebeu Cr\$ 1.761,00 deixou Cr\$ 300,00 para as despesas

de casa e pagou Cr\$ 400,00 às Casas Pernambucanas, referentes a uma prestação. O restante desapareceu porque a polícia encontrou apenas Cr\$ 15,00, que estavam na bolsa da vítima, juntamente com a carteira de identidade e outros documentos.⁸⁸

Nesse trecho do jornal, umas das primeiras questões a serem levantadas encontra-se na primeira frase. Afinal, haveria algum aniversário para Helzano comparecer no dia sete de maio de 1977? Levando em consideração esse breve diálogo, ele não tinha conhecimento de nenhum aniversário. Teria sido a declaração de Teonis Martins a razão para o desencontro de informações? Basta nos lembrarmos de trechos da matéria veiculada pelo jornal O Estado⁸⁹ no dia dez de maio de 1977. Na reportagem, Helzano e mais três amigos, após o encontro de jovens na sede da Legião Brasileira de Assistência, seguiriam para uma festa de aniversário no bairro Cabral.

Diz ainda o jornal que ao não encontrar o endereço da festa, o grupo de amigos permaneceu em uma mercearia na Avenida Jacob Almendra. Na edição dos dias quinze e dezesseis de maio de 1977, o jornal traz o trecho que desdiz o que foi dito na edição do dia dez de maio sobre uma possível festa de aniversário. Essa é uma questão que não está clara. Um outro ponto pertinente na citação é a análise que foi feita sobre o diálogo da vítima com uma suposta amiga. Nela a vítima é chamada de avarenta e esquisita “do tipo que não gostava de pagar bebida nem para ele...”.

Essa nova imagem de Helzano é contrária àquela que consta nas edições anteriores do Jornal. Na edição do dia 10 de maio, diz o jornal: “...Helzano era o jovem comedido, apesar de jovem, não se dava ao prazer da juventude atual em frequentar boates e salões de danças. Seu passatempo preferido era fazer teatro...”⁹⁰. Ací Campelo, amigo do jovem à época do crime nos fala que:

⁸⁸ SUMIU O DINHEIRO DO ARTISTA ASSASSINADO. O Estado, Teresina, dom/seg 15/16 maio 1977, p. 12.

⁸⁹ ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: o encontro com amigos e a saída. O Estado, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977, p.12.

⁹⁰ Idem.

O Helzano era carteiro, e também do Coral Nossa Senhora do Amparo, isso aí na década de 1972, 197. O CEP se acabou em 1976, 1977, o Alberto Silva saiu do governo e a fundação acabou. o Projeto Piauí se extinguiu e ali ele fundou esse Grupo Raízes ele e outras pessoas... eu era da área de literatura, fanzine, essas coisas. Muitos eram cabeludos hoje todos carecas(risos). Era uma geração bastante rica, poetas, contistas, dramaturgos... uns vinte adolescentes faziam parte desse grupo mostrando espetáculos quando aconteceu o assassinato dele. Helzano era vice-tesoureiro da Fundação de Teatro Amador fazia uma discussão muito grande no movimento cultural. A Fundação de Teatro Amador era uma entidade bastante agregada e bastante forte porque ela agregava todos os grupos do Piauí...Helzano era um cidadão pacato, educadíssimo chamavam ele de alto porque era excelente tinha uma ética fantástica, alto não de altura mas de inteligência, era negro, moreninho, negro mesmo. Alto era a sua excelência, sua sabedoria... e o crime aconteceu, acabou tudo, espatifou tudo...⁹¹

A imagem de Helzano dada por Ací Campelo é parecida com aquela das primeiras edições do jornal O Estado sobre o crime, diferindo-se muito da edição dos dias quinze e dezesseis de maio de 1977. Imagina-se que a fundação da qual Helzano era vice-tesoureiro não iria escolher alguém de caráter duvidoso para ser responsável pelo controle de suas finanças. Somente alguém que inspirasse confiança seria escolhido para exercer tal função. Em poucos dias sua imagem no jornal começou a ganhar traços tortos e grosseiros. Desconstruiu-se a imagem de bom filho que não era dado às farras, honesto e trabalhador. Consolidou-se um Helzano avarento e “esquisito”.

Em matéria publicada no dia 17 de maio de 1977, o Jornal O Estado fala da intenção do pai de Helzano, o senhor Acrísio Sá, de desistir da ideia de escrever uma carta ao ministro da justiça à época, Armando Falcão, pedindo ajuda para a solução do crime. De acordo com o jornal, foi uma orientação do advogado da família, Antonio Ribeiro Dias. Para o advogado, o pai da vítima não tinha provas das “conversas” que apareciam sobre o crime. Nessa matéria, aparece um sentimento

⁹¹ Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010, p.01.

que se fazia cada vez mais forte em torno do crime - “a polícia havia se perdido nas investigações”.

Até aquela data, aproximadamente 40 pessoas haviam sido ouvidas na tentativa de encontrar os autores do crime. A família se queixava também do fato de a polícia ir pouco à casa da vítima. Muitas eram as informações que chegavam até os familiares e estes esperavam que a polícia encontrasse algo de concreto que pudesse ajudar na solução do crime. O maior medo da família era que a morte de Helzano se igualasse ao assassinato da doméstica Maria das Mercês, em março do mesmo ano, uma jovem que viera do interior de Inhumas para ser retalhada a navalha, ou algo parecido, no seu quartinho de empregada e cujos culpados, embora conhecidos, nunca foram punidos.⁹²

Da cidade de Regeneração (PI), o poeta José Campelo transformou o assassinato do carteiro em literatura de cordel, trazendo em seus versos alguns dos fatos encontrados no episódio. O poema atribui à vítima algumas características que chamam atenção.

Leitor em quero contar
A morte de um carteiro
Que se chamava Helzano
Delicado e hospitaleiro
Que foi morto numa madrugada
Por um invejoso e traiçoeiro

Helzano além de carteiro
Era também um artista
Do teatro amador
Alegre e propagandista
E deixou muita saudade
Aos seus amigos entrevististas

Seu pai é Acrísio Santos
Sua mãe é D. Antonia
Consternados pelo túmulo
Dessa história medonha
E esse cara criminoso
Desapareceu da onda⁹³

⁹² PAI DO ARTISTA DESISTE DE COMUNICAR CRIME AO MINISTRO: revolta. O Estado, Teresina, terça-feira 17 maio 1977, p.08.

⁹³ CRIME DO CARTEIRO VIRA LITERATURA DE CORDEL. O Estado, Teresina, quarta-feira 18 de maio 1977, p. ?

É preciso dizer que tais características se baseiam nas matérias publicadas no jornal O Estado. A primeira característica a ser analisada é ser “delicado”. O professor e diretor de teatro Ací Campelo dissera em depoimento que Helzano era uma pessoa equilibrada, com um senso ético que o fazia ser admirado pelas pessoas do meio artístico. Como já foi mencionado, Helzano era chamado de “Alto”, apelido que destoava da sua estatura física, pois era franzino e baixo. “Alto” era referência ,segundo Campelo, a seu caráter e ética admiráveis.

Quanto à palavra “hospitaleiro,” não há registro de que a vítima recebia com frequência amigos em sua casa, talvez por ter uma família numerosa - era o primogênito de dez irmãos. Há, contudo, a informação de que Helzano, por algumas vezes, teria dormido na casa de seu amigo Lili, com quem aquele teria, segundo o poema, uma amizade íntima. À medida que os dias passavam, as pessoas mais próximas ao fato, com exceção da família, começaram a temer falar sobre o assassinato, inclusive alguns de seus amigos mais próximos. Talvez hospitaleiro se refira à receptividade do jovem.

Nestas três primeiras estrofes é possível identificar que o autor da poesia é um iniciante e possivelmente jovem, levando em consideração o uso de algumas gírias da época, como “cara” e “onda”, comuns na linguagem da juventude.

Tinha um fumado maconha
E Helzano reclamou
Eu acho que seja este
O cara que o matou
Só sei que o nosso amigo
No fim foi quem se acabou

Então D.Antonia disse
Que as quatro da madrugada
Bateram na sua porta
E fizeram uma parada
Ela pensou ser um Volks
Por imitar a zuada

Nessa hora um garoto
Que se chamava Eliano
Com 15 anos de idade
Saiu fora e viu Helzano
Que estava assassinado
E foi logo desmaiando⁹⁴

⁹⁴ CRIME DO CARTEIRO VIRA LITERATURA DE CORDEL. O Estado, Teresina, quarta-feira 18 de maio 1977, p. ?

Além de constar que a descoberta do uso de maconha por parte de um integrante do grupo tenha sido a causa de Helzano, chama atenção nas estrofes o barulho de um carro que, segundo os familiares, teria passado em frente à casa da vítima. Não é estranho que na década de setenta houvesse em Teresina uma quantidade muito grande de modelos de carros circulando. Isso possibilitaria que se pudesse identificar o modelo de carro pelo barulho do motor. Conforme a poesia, o carro seria um Volks, ou o popular Fusca.

Willame Robert Martins
 Conhecido por Lili
 Era um amigo íntimo
 E veio dizer aqui
 Dizem que foi a última
 Pessoa a se despedir

Lili disse a policia
 Quando em seu depoimento
 Que só teve dois contatos
 Entre eles, e somente
 E tinha amizade íntima
 E conserva sentimentos

Então d. Antonia disse
 Que Helzano tinha dinheiro
 Mais ou menos no seu bolso
 Mil e seiscentos cruzeiros
 Ao ser morto foi roubado
 Pelo Invejoso e traiçoeiro

Nessas estrofes, o jovem poeta fala da amizade entre Helzano e Lili. Willame Robert fora um dos jovens que pouco tempo depois do crime mudou-se para a cidade de Salvador. Amigo íntimo e amizade íntima são expressões que aparecem algumas vezes nos jornais, e em nenhum momento quem as escreveu explicou o que isso significava. Talvez não precisassem de explicação por ser uma relação comum entre jovens nos anos finais da década de setenta.

As características “invejoso” e “traíçoeiro” aparecem duas vezes ao longo da poesia. Para as pessoas que não eram tão próximas ao crime, com exceção dos

familiares, a inveja fora a principal causa do assassinato, não cabendo aí nenhuma discussão relacionada à sexualidade da vítima.

Tem detalhes curiosos
Contados pela família
Que se deu antes do crime
D. Antonia e duas filhas
Contaram bastante coisas
Que notaram nas apostilas

Então seu nome completo
Helzano Ferreira de Sá
Que com o grupo Raízes
Sem nunca ele esperar
Estar morto e ninguém sabe
Motivo por que será

Leitor agora um pouquinho
Tenho que ficar parado
Pois não consigo informar
Toda causa do passado
Vou aguardar novo anúncio
Que vi no jornal O ESTADO
(Poesia de Campelo p/ Helzano O CARTEIRO)⁹⁵

O jovem poeta, na penúltima estrofe, só tem certeza da morte do carteiro, mas não do motivo que levou ao crime e por isso manifestou sua inquietação sobre um jovem estudante, carteiro, ator amador, pobre e negro que foi assassinado.

1.2 Um lugar emblemático: o Bar O Amarelinho.

“ Muita confusão no bar O Amarelinho”⁹⁶. Após o assassinato de Helzano, um lugar tornou-se essencial para a compreensão e possível solução do crime: o bar O Amarelinho, situado na esquina do cruzamento da Avenida Miguel Rosa com a Rua Coelho de Resende. O estabelecimento, conforme investigação, foi o último lugar em que o carteiro estivera antes de ser assassinado. Começava funcionar nos finais de tarde até o alvorecer, principalmente na passagem do sábado para o domingo.

⁹⁵ CRIME DO CARTEIRO VIRA LITERATURA DE CORDEL. O Estado, Teresina, quarta-feira 18 de maio 1977, p. ?

⁹⁶ Jornal O Estado, Teresina, dom/seg. 22/23 de maio 1977, p. 01.

Era frequentado pelas pessoas do bairro e também por clientes de outras regiões da cidade.

Um prédio, uma banda de casa como chamamos por aqui, de um pavimento simples em duas tonalidades a de cima mais clara e a debaixo mais escura, com três portas, duas na parte frontal e uma na lateral. Pelo nome do bar, arrisco a dizer que a cor mais clara era o amarelo. O nome grafado numa espécie de letreiro juntamente com a propaganda de um refrigerante em letras maiúsculas- FANTA, na parte frontal do bar na direção do cruzamento da Miguel Rosa com a Coelho de Resende.⁹⁷

Ací Campelo dissera que o bar tinha a parte interior decorado com cores fortes - chamado por ele de decoração psicodélica - e algumas figuras na parede com formas abstratas. Não era um bar igual aos outros, não apenas pela decoração interna, mas também pelos clientes que ali se encontravam. Embora frequentado pelos moradores do bairro e trabalhadores da região, era também reduto de atores, poetas, pintores e pessoas com ou sem muito dinheiro. Em razão dessa diversidade, podemos concluir que o bar deveria ter um atrativo que cativava pessoas tão diferentes, de gostos tão diversos. Talvez o atrativo estivesse relacionado ao seu proprietário.

Após ouvir aproximadamente 40 pessoas, o delegado Edvaldo Moura chegou ao professor de música e regente do Coral Nossa Senhora do Amparo, Reginaldo Carvalho. Não era de se estranhar tal proximidade, uma vez que Helzano fizera parte do referido coral.

A revelação foi feita ontem por Leonora Sá, irmã de Helzano, confirmando ser o bar Amarelinho de propriedade do professor Reginaldo Carvalho. “ É, eu conversei com o Nonato Oliveira, o pintor, ele me disse que o bar Amarelinho é de propriedade do Reginaldo Carvalho”, disse Leonora.⁹⁸

⁹⁷ Diário de campo: a morte do carteiro e outras histórias. Teresina, 20 jul 2011, p.04.

⁹⁸ ALCANTARA, Pedro. Surge mais uma pista no crime do carteiro: dono do bar. O Estado, Teresina, sexta-feira 20 de maio 1977, p.08.

Reginaldo Carvalho,⁹⁹ quando regente do Coral Nossa Senhora do Amparo, segundo jornal, teria tido um desentendimento com Helzano, que se afastara do coral por algum tempo. Por coincidência, Helzano teria visitado Reginaldo Carvalho no dia do crime no CEPI¹⁰⁰. O Centro de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares foi criado em 1972, durante o governo de Alberto Tavares Silva(1971-1974)¹⁰¹. Segundo Ferreira Filho (2009), o CEPI foi extinto no início de 1981.

Para assumir a direção geral da nova instituição, o Governo do Estado convidou Reginaldo Carvalho, compositor, regente e educador musical que possuía reconhecimento nacional e considerável trânsito no meio musical. Esta escolha, assim como a dos demais artistas que viriam a compor os quadros do CEPI, foi fundamentada na idéia de que a presença de nomes nacionalmente conhecidos contribuiria para construir uma imagem de credibilidade para a instituição frente à sociedade piauiense¹⁰².

⁹⁹ Nascido na cidade paraibana de Guarabira, em 1932, Reginaldo Vilar de Carvalho havia sido o sucessor imediato de Villa-Lobos na direção do antigo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e, já naquela instituição, havia procurado desenvolver um programa de estudos bastante diferente dos modelos considerados tradicionais. FERREIRA FILHO, João Valter. História e memória da educação musical no Piauí: das primeiras iniciativas à universidade. Dissertação (Mestrado em Educação Universidade Federal do Piauí-UFPI). Teresina, 2009, p.144.

¹⁰⁰ COELHO, P. J. P. O impacto do Curso de Educação Artística no ensino e na produção de Artes Plásticas em Teresina. Dissertação (Mestrado em Educação Universidade Federal do Piauí-UFPI). Teresina, 2002. O Centro de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares foi criado [...] a partir do Projeto Piauí, que intentava implantar um modelo experimental de desenvolvimento integral e participativo através do Sistema Social de Educação para a Região Nordeste do Brasil. O governador do Piauí, de então, era Alberto Tavares Silva, músico exímio, o qual trouxe para terras piauienses alguns profissionais da Música e de outras áreas para se juntarem aos professores do Piauí. A elaboração desse projeto ficou a cargo dos seguintes artistas: Antonio Murilo de Macedo Eckhardt, Emílio José Terraza, Geraldo Adolpho Galvão Vianna, Marcus Antonio Riso, Marcus Cremonese, Mário Antonio de Lacerda Guerreiro, Paulo Barbosa de Magalhães, Reginaldo Carvalho e Ricardo Ney Quaresma do Amaral. (COELHO,2002, p. 43).

¹⁰¹ Grande parte do salto cultural verificado no Piauí a partir da década de 1970 deve-se à figura do engenheiro Alberto Tavares Silva, que, ao assumir o Governo do Estado, no início da década de 1970, montou uma equipe de especialistas para cada área de atuação governamental e muniu sua assessoria com todas as condições necessárias para empreender a modernização administrativa do Estado. No campo da Educação, a orientação era cumprir todas as metas designadas pelo Governo Federal para a implantação da Lei 5692/1971. FERREIRA FILHO, João Valter. História e memória da educação musical no Piauí: das primeiras iniciativas à universidade. Dissertação (Mestrado em Educação Universidade Federal do Piauí-UFPI). Teresina, 2009, p.143.

¹⁰² FERREIRA FILHO, João Valter. História e memória da educação musical no Piauí: das primeiras iniciativas à universidade. Dissertação (Mestrado em Educação Universidade Federal do Piauí-UFPI). Teresina, 2009, p.143.

Entretanto, esse não foi o primeiro nome que apareceu nas investigações como sendo proprietário do bar, o que para a polícia era uma tentativa de esconder o nome do verdadeiro dono.

Apenas um detalhe é estranho em tudo isso, existe interesse de alguém em esconder a verdadeira identidade do proprietário do bar Amarelinho para a polícia. Uns afirmam que o bar pertence ao pintor Afrânio Castelo Branco, outros garantem ser do Sr. Martinho e agora aparece essa versão de que o estabelecimento pertence ao professor Reginaldo Carvalho.¹⁰³

Desses nomes, é mais provável que o verdadeiro proprietário seja o Sr. Martinho. Nas proximidades do local em que funcionava o bar, duas pessoas afirmaram que o estabelecimento de fato pertencia a ele. Vejamos:

Ele pôs-se a falar sobre o bar. Lembrando o quanto aquele período fora bom. O bar abria por volta das quatro horas da tarde e entrava pela madrugada. Falou do som da radiola que animava o local e, num sorriso, que queria trazer de volta sua virilidade falou das mulheres que ele comia ali mesmo. Aproveitando a descontração, perguntei se o bar era conhecido na época como lugar frequentado por gays.

Ele disse que não, que qualquer pessoa poderia frequentar o bar, inclusive os gays. Vendo o Senhor Raimundo dizendo isso, o homem que ouvia nossa conversa perguntou se naquele tempo não havia preconceito. Ele disse que não com ar de quem não sabia bem o que significava aquela palavra. Disse que o dono do bar era garçom do Jockey Clube e mostrou para mim sua mão direita com o polegar e indicador encontrados, fazendo um círculo e indicando com o gesto que o dono do bar era gay. Não pude deixar de escapar um sorriso desconcertado com a situação.

¹⁰³ ALCANTARA, Pedro. Surge mais uma pista no crime do carteiro: estranho. O Estado, Teresina, sexta-feira 20 de maio 1977, p.08.

Levantei, agradei ao senhor Raimundo e segui rumo ao prédio onde funcionava o bar¹⁰⁴.

A outra moradora da região que identificou o Sr. Martinho como proprietário do bar foi Dona Belita. Segundo ela, inicialmente O Amarelinho funcionava na residência do Sr. Martinho, ali mesmo no bairro. Mas teve de mudá-lo de lugar para atender aos pedidos da mãe, que não aceitava a situação. De acordo com o Sr. Raimundo, o fato de também ser garçom do Jockey Clube permitia ao proprietário conhecer “gente grande”¹⁰⁵ e algumas delas eram frequentadoras assíduas do estabelecimento.

No inquérito policial apareceram três prováveis nomes de proprietários do bar O Amarelinho. Talvez porque todos eles fizessem parte do mesmo grupo social. Embora alguns tivessem um maior poder econômico, o teatro, a música, a pintura e o bar os ligavam. Era o lugar que “fundia” as diferenças até o momento em que tal fusão fosse conveniente. Não havendo mais conveniência, o abismo social se revelava.

Na edição do dia 24 de maio de 1977, O Estado passou a publicar a repercussão do crime junto aos moradores da região próxima ao bar. Não faltaram reclamações. Segundo o jornal, alguns moradores apelavam às autoridades para o fechamento do local. Após a meia-noite, a baderna acabava com o sossego público. A vizinhança também pedia monitoramento em outros bares que funcionavam na mesma região. Eram eles o Bar do Leôncio, o Bar do Raimundão e o Bar do Garotão. A madrugada do dia 8 de maio de 1977 foi a última do bar O Amarelinho. Quando suas portas se fecharam, trancaram consigo muitas histórias.

A onde de crimes que tem revolucionado a nossa Teresina tem levado a população às mais estapafúrdias considerações e conjecturas. Os crimes acontecem quase que diariamente e os criminosos são verdadeiros fantasmas. Dezenas de pessoas são consideradas suspeitas, são arroladas em inquérito, são investigadas umas até estupidamente amoladas e chateadas e, no final.... a montanha pariu um rato. Quer dizer, tanto alvoroço, tanta

¹⁰⁴ Diário de campo: a morte do carteiro e outras histórias. Trecho de uma entrevista realizada com o Sr Raimundo. Teresina, 19 de julho de 2011, p 02.

¹⁰⁵ A expressão “gente grande” pode se referir às pessoas com poder econômico ou político elevado.

balbúrdia e no fim, não há criminosos. Por paradoxal que pareça os crimes em Teresina não têm dono¹⁰⁶.

O fragmento acima é parte de um artigo que reflete o sentimento comum de boa parte da sociedade teresinense em relação às investigações sobre o crime. “A montanha pariu um rato” resume bem qual era a ideia que a sociedade tinha da polícia e da justiça da época.

Crimes, assaltos, roubos e outros episódios dramáticos são próprios de uma cidade que está entrando na puberdade. De uma cidade que está crescendo. E ninguém admira que Teresina esteja entrando nessa fase púbere de sua vida social. Isso não é justificativa, mas se explica. O que não se explica é que todos os crimes fiquem não só na impunidade como no anonimato. Ou por outra, no obscurantismo. Porque anônimos eles não são. Em contrapartida, os meios de repressão não estão acompanhando o desenvolvimento dessa cidade. Quero dizer: enquanto Teresina está numa puberdade caracterizada por uma onda desenfreada de crimes, os meios de que a cidade dispõe para coibir essa onda ou já são demais caducos ou estão ainda a engatinhar. E isso não é possível. Urge uma tomada de posição. Crime misterioso sempre houve em todo lugar. Que apareça um crime misterioso de quatro, de cinco ou de seis anos é muito normal. Mas crimes misteriosos todos os dias? Não. É demais. Eu acredito nas autoridades policiais de minha terra e tenho por elas meus devidos respeitos, mas, aqui fica o meu alerta a essas autoridades: o descrédito de um povo de um povo é a pior reação ao ludíbrio¹⁰⁷.

Na segunda parte do artigo é visível a associação dos crimes em Teresina ao seu crescimento. Teresina está deixando de ser menina para se tornar adolescente. É comum nos jornais do período a evocação da juventude de Teresina, ora para justificar seu atraso econômico em relação ao de outras cidades, ora para justificar o aumento da criminalidade.

¹⁰⁶ MONTE, Lamartine do. O Estado, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977, p. 12.

¹⁰⁷ Idem.

Em nível regional, Teresina desponta, entre os anos de 1960/1970, como a capital do nordeste com maior taxa de crescimento da população urbana, apresentando uma taxa média de 6,3% ao ano, ficando à frente de Fortaleza, com 5,8%, e de São Luis, com 5,1%. Em valores concretos, a capital do estado do Piauí contava, em 1970, com 220.487 habitantes, sendo que 181.062 residiam na zona urbana, dos quais 67.594 eram originários de outras localidades, ou seja, os migrantes representavam 37% da população urbana da capital. Em 1980, a população urbana já era de 333.405 habitantes, sendo 43% dela composta por migrantes, ou seja, pouco mais de 150.000 pessoas. Esses dados demonstram que a população de Teresina recebeu uma grande quantidade de migrantes nesse período, o que foi responsável pela duplicação de sua população a cada década. Esse incremento populacional é reflexo do êxodo rural no estado, sobretudo na capital, que recebeu o maior contingente populacional¹⁰⁸.

A mudança na cidade de Teresina não se dava apenas em números populacionais, mas em comportamentos também. Sobre a discussão aqui empreendida é possível dizer que nas décadas anteriores a 1970 não se encontravam nos jornais informações referentes à homossexualidade. Algumas notas sobre o uso ou não dos soutiens, uma leve crítica a alguns jovens da classe média que teimavam em continuar com o cabelo um pouco mais longo que o habitual, uma conquista masculina, mas quase nada acerca de um ou mais comportamento homossexual. A década de 1970 possibilitou discussões não apenas em torno da condição feminina, mas também sobre as transformações em torno da masculinidade. Ainda sobre os crimes misteriosos em Teresina:

Uma pergunta poderia surgir assim: tudo isso é só mistério? A resposta não está comigo, nem sei com quem possa estar. Consideremos: uma doméstica esfaqueada, retalhada dentro da própria casa onde trabalha e ninguém ouviu nada, ninguém viu nada, ninguém sabe de nada. Mistério? Um rapaz aparece assassinado em plena rua pública, em frente a um edifício público, no centro da cidade, a poucos metros de um vigia e ninguém viu nada, ninguém ouviu nada, ninguém sabe de nada. Mistério?¹⁰⁹

¹⁰⁸ MONTE, Regianny Lima. A cidade esquecida: (re) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970, p.56. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2010.

¹⁰⁹ MONTE, Lamartine do. O Estado, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977, p. 12.

Mas voltemos à discussão sobre os bares. O Bar do Leôncio, situado na Rua Tiradentes, nº 2101, penúltimo lugar em que o carteiro esteve, pertencia ao universitário Leôncio Antonio Deolino. Diante do fechamento do bar O Amarelinho, o universitário esclareceu ao Jornal O Estado que seu estabelecimento tinha como principal objetivo a concentração de seus amigos da universidade e que não precisava de monitoramento policial “Queria justificar que o bar não é de um simples Leôncio, mas do professor Leôncio...”¹¹⁰. O jovem disse ainda que aquela noite foi uma exceção quanto ao horário de fechamento, porque geralmente o bar encerrava suas atividades à meia-noite. O horário habitual não foi cumprido na noite do crime em consideração aos amigos. É certo que o proprietário do bar conhecia os acusados Robert e Luís.

Sobre o bar O Amarelinho, o Sr. Luis Melo Bastos, funcionário aposentado do Banco Estado de São Paulo, declarou à redação do jornal O Estado que sua vida havia sido um tormento durante o tempo em que foi vizinho do estabelecimento. O senhor temia pela integridade física e moral de sua única filha de um ano de idade, em razão da constante presença de maconheiros e travestis no local. Outro morador, um ex-bancário chamado “Luquinha”, afirmou que o bar fora palco de diversas brigas e que nada havia sido feito para solucionar o problema. Disse que quando o proprietário bebia, dizia que “comprava a Polícia Civil com uma carteira de cigarros de Arizona(preço menor) e Polícia Militar com uma de Continental (preço maior)”¹¹¹. A observação entre parêntese não consta na citação do jornal.

Dita ou não a afirmação acima, ela representa bem a relação das autoridades policiais com alguns estabelecimentos em Teresina no final dos anos 1970. Oito anos antes de acontecer o crime do carteiro - mais precisamente em 1969 -, quando o general Emílio Garrastazu Médici era Presidente da República, a censura sobre a imprensa de um modo geral e sobre manifestações artísticas tornou-se mais severa no Brasil. O DOI-CODI (Departamento de Operações e Informações e o Centro de

¹¹⁰ LEÔNCIO DIZ QUE BAR NÃO PRECISA DE POLICIAMENTO. O Estado, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977, p.12.

¹¹¹ BADERNA NO “AMARELINHO” IRIA AUMENTAR SE NÃO FOSSE A MORTE DE HELZANO. O Estado, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977, p.12.

Operações e Defesa Interna) eram as instituições responsáveis pela investigação e repressão do governo militar.

Para Trevisan,¹¹² a Lei 5250 criada em 1964 - a Lei da Imprensa -, estipulou penas para a divulgação de fatos e comportamentos que atentassem contra a moral pública e os bons costumes. Nesse bojo, também seriam combatidas expressões consideradas homossexuais.

Colunista mais lido da Última Hora de São Paulo, responsável direto pelo aumento de vendagem do jornal, Celso Guri, o rapaz da "Coluna do Meio", foi demitido em novembro de 1977 sob o Pretexto de "contenção de despesas" A demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa da campanha contra o jornalista que ousou transformar em assunto diário do jornal um tema até então considerado tabu: o homossexualismo. Por causa disso ele também foi incurso no Art. 17 da Lei de Imprensa - "ofender a moral e os bons costumes" - e, processado, poderá ser condenado a um ano de prisão¹¹³

Ao mesmo tempo em que a política nacional passou a vigiar mais de perto comportamentos considerados homossexuais, surgiam grupos organizados dedicados a reivindicar e defender seu espaço na sociedade. Em 1977 o Brasil vivia, entre outras coisas, o que se chamava de abertura política. Embora a repressão fosse uma realidade, havia ainda espaço para restritas reivindicações sociais. Antes do bar O Amarelinho, com as devidas ressalvas, existiu outro. Vejamos:

Bar Gaiola das Loucas, na região do Baixo Meretrício de Teresina, Piauí. Fica na Rua João Cabral, no Paissandu. Gaiola instalada no tabique do que já foi um grande galpão, (café? Cacau? Bofes?). Freqüentadores assíduos: Vanusa, Eliana Pittman, Regina Duarte. Passatempo: sinuca. Comida: pastéis e quibes de zona. Em 76, a polícia tentou moralizar o ambiente. A bicharada se entrincheirou atrás de mesas e cadeiras. Há informações de que a polícia foi enfrentada a socos, puxões de cabelo, golpes de salto de

¹¹² TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹¹³ Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso- Cúri? Lampião. Edição experimental, nº zero, Rio de Janeiro, abril de 1978, p.06.

sapato e dentadas. Resultado: o Bar Gaiola das Loucas existe até hoje e tem um bloco carnavalesco onde se misturam, democraticamente, peões de obra, estudantes, bichas de todas as origens e classes sociais. Um furdúncio. Viva o Piauí. Com amor, Rafaela Mambaba¹¹⁴

Histórias sobre guetos homossexuais na cidade de Teresina antecedem o ano da morte do carteiro, como podemos conferir nessa matéria do Jornal Lampião da Esquina.¹¹⁵ O jornal surgiu no Rio de Janeiro e recebia cartas de gays e heterossexuais de todo o país. O trecho acima faz parte de uma coluna do jornal Lampião da Esquina escrita por Rafaela Mambaba, onde a mesma fazia comentários sobre as cartas que chegavam de toda região do Brasil.

Em tese, os guetos seriam lugares seguros, nos quais os gays estariam livres da violência. O gueto era sinônimo de segurança e liberdade. Não sabe até que ponto.

(...) o que Lampião reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas¹¹⁶.

¹¹⁴ De Teresina para o mundo, Lampião da Esquina, ano I, nº 2, Rio de Janeiro, 25 de junho a 25 de julho de 1978, p. 04.

¹¹⁵ A edição zero do Jornal Lampião foi lançada a abril de 1978 e a edição nº 01 no dia 25 de maio do mesmo ano como nome Lampião da Esquina, no Rio de Janeiro. Era um jornal militante e de esclarecimento. O tablóide circulou até a sua 37ª edição, em junho de 1981.

¹¹⁶ Lampião, Edição Experimental, n. 0, Rio de Janeiro, abr. 1978, p. 2.

Os últimos anos de 1970 eram também o momento em que a política nacional sentia com mais intensidade os ares de liberdade. Reivindicavam-se liberdade de expressão, uma sociedade democrática e com direitos iguais. Para o jornal, se de um lado a sociedade defendia o fim da repressão e da falta de liberdade de expressão, do outro se via também a mobilização dos gays pela conquista de outros espaços que não os dos guetos.

Para Trevisan (1986), os últimos anos da década de 1970 caracterizaram o que ele chamou de o “desbunde gay”, apontando as contribuições de Ney Mato Grosso e os Dzi Croquettes,¹¹⁷ que fizeram do modo andrógino de ser uma “arma de combate”.

No início da década de 1970, Caetano Veloso vestia-se de baiana, usava batom e imitava trejeitos femininos em algumas apresentações; o grupo Dzi Croquettes, contudo, ia mais além. Num espetáculo que mesclava dança e humor, os integrantes usavam barba cerrada e cílios postiços, meias de futebol com sapatos salto alto e soutiens com peitos peludos, “num deboche apoteótico dos papéis sexuais convencionais”¹¹⁸.

Outro grupo que também ironizou as representações do masculino e feminino nos anos 1970 foi Os Secos e Molhados¹¹⁹. Talvez a forma extravagante com que o grupo misturava e também confundia a relação entre o masculino e feminino fosse o que mais chamava atenção da sociedade.

O professor e diretor de teatro Ací Campelo menciona em seu depoimento a existência de outro espaço na cidade de Teresina nos anos finais da década de

¹¹⁷ No dia 08 de janeiro de 1972, numa mesa de bar, Wagner Ribeiro de Sousa, Bayard Tonelli, Reginaldo de Polly e Benedictus Lacerda resolveram montar uma peça de teatro. Inspirados em um bloco de carnaval muito comum no Rio de Janeiro, o Bloco das Piranhas, eles decidiram se vestir de mulher. Assim era fundado o grupo Dzi Croquettes. Croquettes eram os integrantes, gente feita de carne: dzi era uma tentativa de registrar a sonorização do artigo “the” em inglês. O espetáculo não falava nem de homens, nem de mulheres: falava sobre gente. Disponível em: www.globoteatro.com.br/bis-1355-dzi-croquettes.htm. Acessado em 30 de janeiro de 2013.

¹¹⁸ FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹¹⁹ Foi um grupo vocal da década de 1970 cuja formação clássica consistia de João Ricardo, Ney Mato Grosso e Gerson Conrad. As apresentações ousadas, acrescidas de um figurino e uma maquiagem extravagantes, fizeram o grupo ganhar imensa notoriedade e reconhecimento sobretudo por canções como O Vira, Sangue Latino, Assim Assado, Rosa de Hiroshima... Disponível em: www.pt.m.wikipedia.org/wiki/secos-%26_molhados.

1970. Era o Bar Sasha, para ele um “bar de artistas,” situado na Avenida José dos Santos e Silva. “Lá só era artista”¹²⁰. Em relação ao bar O Amarelinho, Campelo afirmou que a presença de gays no bar era uma coincidência. Para alguns os bares O Amarelinho e Sasha¹²¹ poderiam ser considerados redutos gays na cidade de Teresina. Muito embora nesses lugares também havia frequentadores que não eram gays. Nesse momento, há uma ressalva a ser feita: em nenhum momento há nos jornais declaração de frequentadores assumindo-se homossexuais. As suposições foram feitas por alguns vizinhos do bar e pela polícia em relação ao bar O Amarelinho.

Para Macrae,¹²² a construção de guetos é uma resposta à marginalização que este grupo social sofre na sociedade da qual faz parte. Diante da rejeição, do sentimento de culpa e do peso da religião cristã com a concepção de pecado, o gueto seria o lugar de vivência e experiência de um comportamento em regra não tolerado.

Surgiu em 1978 no Brasil o Movimento Negro Unificado, o movimento feminista e os primeiros movimentos homossexuais. Alguns jornalistas, artistas e profissionais liberais estavam descontentes com a situação marginal a que os homossexuais eram submetidos. Seus espaços de sociabilidades restringiam-se apenas a boates e bares do gueto homossexual. Em São Paulo, após algumas reuniões, eles escreveram uma carta ao Sindicato dos Jornalistas expressando a insatisfação com a forma negativa atribuída à homossexualidade.

Em fevereiro de 1979, os membros deste grupo já agora batizados de SOMOS- Grupo de Afirmação Homossexual apareceram oficialmente em público durante um debate sobre as minorias, promovido na Faculdade de Filosofia, ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A importância desse debate é que marcou mais uma vez a crescente importância do movimento homossexual como interlocutor legítimo na discussão dos grandes assuntos nacionais. Além disso, foi uma experiência catártica que

¹²⁰ Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010, p.03.

¹²¹ Segundo Ací Campelo, o bar Sasha situava-se na Avenida Joaquim Ribeiro e era um reduto exclusivo de intelectuais.

¹²² MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 291-308.

aumentou a confiança dos participantes e deu impulso à formação de outros grupos similares em São Paulo e outras cidades como também em vários estados¹²³

Uma coisa é certa: quanto aos dois bares mencionados, seus proprietários gozavam de considerável influência, pois conheciam pessoas das mais diversas posições sociais. E mais um fato se confirma: parte das pessoas próximas ao crime conheciam-se umas às outras porque frequentavam os mesmos lugares. Os bares eram o ponto de encontro, onde “as mágoas eram afogadas” e onde as emoções tinham mais intensidade e mais vigor. São lugares de investidas, de declarações e de exposição da sensualidade, mas também de negação, de rejeição e de desprezo. Romances? Talvez!

1.3 Crime passionai?

Dois dias depois do crime, o delegado já tinha uma linha de investigação em desenvolvimento e que mais tarde foi abandonada. Não se apresentou outra convincente para a sociedade teresinense. Uma das primeiras coisas que o delegado procurou saber foi quem era a vítima. Em um assassinato, saber a ocupação da vítima, quem eram seus amigos, qual sua relação com os familiares, os lugares que frequentava são passos importantes para a elucidação do crime. E foi assim que a investigação procedeu.

Helzano Ferreira de Sá, 22 anos, solteiro, piauiense, filho de Acrísio de Sousa Sá e Antonia Ferreira de Sá. Era funcionário da Empresa Brasileira de Correios e telégrafos, lotado no (SED) Serviço de Entrega de Documentos. Pertencia a Federação Teatral e participava de peças teatrais patrocinadas pela Fundação Cultural do Piauí. Dos 10 irmãos era o mais velho. Segundo depoimento de familiares Helzano não tinha namorada e sua vida era

¹²³ FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.22-23.

dedicada ao trabalho e aos amigos da zona norte. Ele residia com os pais a Rua Bejamim Batista nº 642/ S próximo à Estação Rodoviária Provisória. Segundo seu chefe de trabalho nos Correios, Odimar Lacerda, era um excelente funcionário, nunca tendo faltado um dia sequer e tinha três anos de empregado. “Quebrou minha equipe, vai ser difícil encontrar outro com sua eficiência e interesse pelo trabalho”- disse Odimar Lacerda¹²⁴.

Essas foram as primeiras informações colhidas sobre Helzano. Nesse trecho, temos informações importantes sobre sua vida. Tinha emprego formal, estudava, fazia teatro, não tinha namorada. Por ser o filho mais velho com emprego fixo, ajudava nas despesas de casa. Segundo jornal O Estado, para a polícia o matador de Helzano seria um maníaco sexual. “Pode ser um crime passional”, disse o delegado Moura, “mas é obra de um homem”¹²⁵. O delegado não iria fazer tais conclusões precipitadamente. É evidente que após 48 horas do crime ele já tivesse averiguado algumas possibilidades. Ora, acredita-se que algumas coisas foram decisivas para tal postura. A primeira delas os lugares por onde o jovem passou. Vejamos:

As autoridades policiais de Teresina há muito foram alertadas de que o bar “Amarelinho” é local de encontro entre marginais toxicomaníacos e pederastas de toda qualidade. Sabe-se que o matador do estudante Helzano Ferreira de Sá, com certeza deveria estar no bar “Amarelinho”. O bar não fecha aos sábados, fica aberto até o dia amanhecer sendo por tanto local para encontro de casais de toda natureza¹²⁶.

A palavra pederasta vem do grego *paiderastrés*¹²⁷. A pederastia na Grécia Antiga consistia no ato sexual entre um homem e um jovem. E foi essa a palavra de

¹²⁴ ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: quem era? O Estado, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977, p.12.

¹²⁵ Idem

¹²⁶ TESTEMUNHAS INOCENTAM FUNCIONÁRIO DA SUNAB. O Estado, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977, p.12.

¹²⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. 15 ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, ?.

uso corrente à época atribuída ao bar O Amarelinho para referir-se à homossexualidade masculina. Entretanto, oeríamos considerar a utilização da palavra pederasta em 1977 como um anacronismo, porque tal conceito já não explicava as relações sexuais entre pessoas do sexo masculino nos anos finais daquela década. A pessoa responsável pela matéria do jornal não querendo fazer uso de termos considerados pejorativos à época, recorreu a um conceito utilizado para estudos e análise da sexualidade na Antiguidade.

Na segunda metade do século XIX, a medicina cunhou dois termos para se referir à homossexualidade. A palavra homossexual foi usada pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert, em 1869. O segundo termo, uranista, foi utilizado pelo médico alemão, Karl Heinrich Ürichs, em 1890.

A palavra uranista tem sua origem no nome da musa Urânia. Segundo Platão, era a musa inspiradora do amor entre pessoas do mesmo sexo. No século XIX, para o médico austríaco Krafft Ebing o homossexualismo era:

... ou uma patologia congênita ou mera perversão quando praticada por pessoas não uranistas... os uranistas sofrem de uma mancha psicopática, que mostram sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia, e epilepsia. Acrescenta ainda que “na maioria dos casos, anomalias psíquicas (disposição brilhante para a arte, especialmente música, poesia etc., ao lado de poderes intelectuais maléficos ou excentricidade original...”¹²⁸

Como se observa no trecho acima, além de ser concebida como um problema congênito, muitas vezes aliado ao fator social, a homossexualidade foi tratada como uma anomalia passível de cura. Temos claro nessa concepção o suposto papel da medicina como redentora de problemas sociais. Algumas das proposições a respeito da homossexualidade perderam sua base a partir dos 70, embora outras permaneçam.

¹²⁸ FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.64.

Já o discurso que atribui aos gays uma maior sensibilidade - e que por isso estariam eles mais propensos ao campo das artes - vem desde o final do século XIX e perpassou todo o século XX. Essa forma de pensar dá a entender que supostamente não haveria possibilidade de existirem gays em atividades consideradas mais rústicas, agressivas. Enfim, estamos diante de outro mito relativo ao tema. Por outro lado, é preciso apontar que o campo artístico foi muito importante para mostrar essa forma de ser, ainda que de forma caricata (tome-se como exemplo o grupo Dzi Croquettes).

Nos anos 1970, existiam termos pejorativos associados aos homossexuais como fresco¹²⁹, maricas, veado, boiola, baitola, bicha¹³⁰- esse último criado ainda nos anos de 1930. Segundo Green (1999), o jogo do bicho surgiu no final do século XIX, e dos números que correspondiam a animais. O veado era o animal correspondente ao número 24. Veado também era um termo que significava ou se associava-se à homossexualidade. Dessa forma que se alguém quisesse ofender um homem, bastaria chamá-lo de “vinte e quatro”. Em outras situações, para se evitar o número 24, também era comum se utilizar da expressão “três vezes oito”.

A palavra bicha como sinônimo de homem efeminado que mantém relações sexuais com outros homens foi criada na década de 1930. Bicha passou a definir o pederasta passivo. Para Green (1999), o termo surgiu dentro da subcultura homossexual. Teria sido uma adaptação espirituosa do francês *biche*, na língua francesa, o feminino de veado, corça. Na França, era uma maneira afetuosa de se dirigir às mulheres. O sentido pejorativo da expressão apareceu no início de 1960, quando passou a ser usada para insultar os homossexuais por pessoas fora do meio.

Já a palavra pederasta era comumente usada por algumas autoridades policiais. Palavras como gay e homossexual já eram conhecidas e raras vezes encontradas nos jornais O Estado ou O Dia dos anos 70. Os termos tornaram-se mais comuns na sociedade brasileira, e de forma mais específica na sociedade

¹²⁹ Segundo Mary Del Priore a palavra fresco foi utilizada pela primeira vez pelo professor de criminologia José Viveiros de Castro em 1884 no livro *Attentado ao pudor: estudo sobre as aberrações do instinto sexual*. DEL PRIORE, Mary *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo : Contexto, 2006. p.222.

¹³⁰ GREEN, James Naylor , FINO, Cristina , LEITE, Cássio Arantes. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, UNESP, 1999, p.145.

teresinense, devido ao movimento gay¹³¹, principalmente aquele oriundo dos Estados Unidos. Vejamos abaixo parte da entrevista realizada com perito criminal Vital da Cunha Araújo.

...é um fresco vai dar esse rabo pra lá quer dizer é uma maneira de se desfazer é um termo pejorativo, sapatona sem-vergonha tu gosta de mulher safada vai atrás dum macho pra te satisfazer, existe isto... Então existe várias maneiras de você traduzir quem é o pederasta, várias. Esse aqui dá o rabo, é uma expressão comum. Mulher: isso é uma sapatona sem-vergonha, saboeira. Só que a mulher demonstra menos do que o homem do que ela gosta ou gostaria de ser, ela demonstra menos, mas também quando demonstra parece um macho, e o homem pra se declarar mulher, tanto que nós que trabalhamos na polícia, na hora que a gente conversa com uma pessoa, a gente vê logo pelo sotaque, pela forma de se dirigir, a maneira de falar, pelo outro também são valentes, bom de murro, bom de bofete, bom de tapa, mas existe...eu acho que a pessoa nasce já com aquela índole, eu acho, não sei se tô errado, mas a grande maioria deles se torna, isso também é muito conforme o meio, que ele está convivendo, aquela coisa toda. São pessoas que se transformam daí A pouco perdem a personalidade ele quer parecer mulher. O melhor momento é o carnaval ele pega e se veste de mulher, se pinta, bota o sapato salto alto, passou o carnaval ele bota o terno dele, é difícil a gente analisar aquele porquê, aquela razão de ser, muita gente aí que anda vestida de mulher no carnaval, mas na hora que passa ela sai, ele gostaria de andar de mulher, vestido de mulher, então isso é muito vasto como eu lhe disse, você escolheu um assunto muito difícil, e o nome comum é fresco, viado, pederasta... o viado, o nosso viado que se costuma chamar, ele é valente parte pra briga, briga mesmo e bate, derruba, apanha mas bate e o viado é uma pessoa que agente deve ter respeito pra determinadas situações da vida dele por que quando ele decide tomar satisfação com você ele chega lá toma satisfação dele diretinho e abre a boca e diz todas as pornografias que ele sabe¹³².

¹³¹ Gay, uma palavra originalmente abraçada por homens e mulheres homossexuais como uma expressão positiva, afirmativa (como na liberação gay e nos direitos gay). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade/>. Acessado em 04 de agosto de 2012.

¹³² ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. Depoimento cedido a Hélio Secretário dos Santos no dia 06 de julho de 2011, p. 01.

Na entrevista de Vital Araújo, percebemos as formas mais depreciativas atribuída aos homossexuais masculinos e femininos. O fresco é o “homem que dá o rabo”, e como disse Vital, era uma expressão comum em nossa sociedade. Já o próprio Vital utiliza o termo pederasta em detrimento daqueles que ele considera pejorativos, como veado. Na sua concepção, o homossexual é fácil de ser identificado: tem trejeitos e um sotaque na voz. Alguns manifestam isso publicamente, vestindo-se de mulher. Simplificando: para o perito, o homossexual é aquele que quer ser mulher ou que quer parecer mulher, que imita desde os trejeitos femininos à preferência sexual por homens. Ressalta a valentia de alguns homossexuais, que são brigões e muitas vezes procuram por confusão.

Sobre as mulheres, para ele lésbica é aquela mulher que imita o jeito masculino de ser, de falar, de andar, de vestir. Os termos pejorativos para identificar lésbicas são sapatona, ou sapatão e saboeira - uma referência ao ato sexual entre duas mulheres. A fala de Vital Araújo torna explícito talvez a maior ofensa a um homem heterossexual representada na seguinte expressão: “Vai atrás dum macho pra te satisfazer”. Essa frase revela o que para alguns homens heterossexuais é incompreensível: a existência de prazer sexual entre duas mulheres.

Todavia é preciso ressaltar que embora os termos gay e homossexual fossem resultado de um processo de construção e expansão do movimento gay em parte do mundo ocidental, os termos pejorativos não caíram em desuso.

Também não era segredo que o bar O Amarelinho fosse frequentado por gays, pelo menos para a polícia ou para alguns moradores vizinhos ao bar. Mas não há um só registro, do proprietário ou de um frequentador do estabelecimento, que tenha dito ser gay. Pelo contrário, há negativas. No dia dezanove de julho de 2011, em conversa com o senhor Raimundo, que ainda mora próximo ao local onde funcionara o bar, perguntei se o local era frequentado por gays. Ele respondeu que não tinha conhecimento, mas que qualquer um poderia ir ao estabelecimento que ainda se lembrava das mulheres que ele “comia ali mesmo”¹³³.

¹³³ Diário de campo: a morte do carteiro e outras histórias. Teresina, 19 de julho de 2011. Trecho de uma entrevista realizada com Senhor Raimundo, p.02.

Ací Campelo, que frequentou O Amarelinho, disse em depoimento que a presença de gays era um detalhe e que o diferencial do estabelecimento era a presença assídua de pessoas ligadas ao movimento artístico em Teresina.

...era um bar libertário, no sentido, mas tinha, não era um bar de homossexual, ser homossexual era uma exceção a gente andava lá pra beber e tal tinha um fundo era um bar grande todo mundo ia pra lá, a cidade, o meio era pequeno e ele com o grupo ensaiava no Eurípedes de Aguiar e tal, e estudava ali no Helvídio um bocado de gente e aí a gente ensaiava lá e ia pela Coelho de Resende caminhando... a cidade pra gente naquele tempo não tinha absolutamente nada a gente ia caminhando e bebia noutros locais... vamos agora para lugar tal ia lá pra Redenção, era coisa doida(risos) várias vezes a gente atravessava a ponte caminhando, às vezes só um boteco...¹³⁴

Porque alguns consideravam o bar um local que servia para encontros de “pederastas” e casais de toda natureza foi um dos motivos que conduziu o delegado Edvaldo Moura à conclusão de que a morte de Helzano foi um crime passional. Em outras palavras, a vítima que frequentava o bar também foi considerada pela autoridade policial como sendo homossexual. Essa possibilidade não era de conhecimento dos familiares do carteiro nem de sua vizinhança.

Na vizinhança e com amigos de repartição, a reportagem de O Estado procurou saber se existia em Helzano algum sinal de pouca masculinidade. Todos foram unânimes em afirmar que jamais ele demonstrara qualquer ato que viesse comprometer sua dignidade¹³⁵.

Entre o conjunto de familiares, vizinhos e amigos de repartição não houve um que dissesse conhecer uma suposta homossexualidade de Helzano ou não

¹³⁴ Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010, p.01.

¹³⁵ ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: normal? O Estado, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977, p.12.

quiseram falar. Porém, para a polícia ancorada na experiência prática do cotidiano das ruas e das noites boêmias de Teresina, acreditava nessa possibilidade como podemos observar no trecho a seguir:

...e aí veio o assassinato dele. Ele era carteiro dos correios, homossexual... Em 1977 o homossexual era latente, não se exibia muito, mas a gente sabia, nós sabíamos quem era quem não era. Não era como hoje você não precisava nem saber(risos) naquele período. Então nesse caso não tinha aquele exibicionismo pelo fato de existir o preconceito da família e Helzano era um cidadão pacato, educadíssimo... pelos bastidores, havia os comentários de que ele era viado e tal...¹³⁶

Para a polícia não bastava existir indícios de que Helzano era gay. Indícios oriundos da constatação de que o bar era frequentado por homossexuais e porque ele era cliente, também acreditava que ele era gay. A polícia acreditava que boa parte das pessoas ligadas ao meio artístico era homossexual.

Apesar dessa pequena pesquisa feita pela reportagem, domingo, às 17 horas e 20 minutos, o corpo de Helzano, que já se encontrava no Cemitério Santo Antonio, foi requisitado pelo Instituto Médico Legal, para um exame, a fim de comprovar se Helzano era ou não homossexual¹³⁷

A polícia não poderia sustentar a afirmação de que Helzano era gay apenas porque o mesmo frequentava um bar em que eram vistos gays, ou porque o proprietário do bar era considerado gay, ou porque alguns de seus amigos também eram designados gays.

¹³⁶ Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010, p.01.

¹³⁷ ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: exame. O Estado, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977, p.12.

Pessoas residentes nas proximidades do bar Amarelinho denunciaram ontem o clima de violência, baderna e homossexualismo, no bar Amarelinho, situado na avenida Coelho de Rezende, esquina com Miguel Rosa¹³⁸

Era preciso uma prova da ciência¹³⁹. A polícia poderia até seguir suposições, mas somente com uma constatação a investigação poderia trabalhar para desvendar o possível crime passional. No trecho do jornal, percebe-se o peso com que a palavra homossexualismo¹⁴⁰ foi utilizada.

¹³⁸ MORTE DO ARTÍSTA: VIZINHOS DIZEM QUE CRIME TEVE ORIGEM NO BAR AMARELINHO. O Estado, Teresina, dom/seg, 22/23 de maio 1977, p. 01.

¹³⁹ A psicologia foi uma das primeiras disciplinas a estudar a orientação homossexual como um fenômeno discreto. As primeiras tentativas de classificar a homossexualidade como uma doença foram feitas pelo movimento sexólogo europeu no final do século XIX. Em 1886 o notável sexólogo Richard von Krafft-Ebing listou a homossexualidade junto com 200 outros estudos de casos de práticas sexuais desviantes em sua obra definitiva, *Psychopathia Sexualis*. Krafft-Ebing propôs que a homossexualidade era causada por uma "inversão [durante o nascimento] congênita" ou uma "inversão adquirida". Nas duas últimas décadas do século XIX, uma visão diferente começou a predominar nos círculos médicos e psiquiátricos, a julgar o comportamento, como indicativo de um tipo de pessoa com uma definida e relativamente estável na orientação sexual. No final do século XIX e início do século XX, os modelos patológicos da homossexualidade eram padrão. A Associação Americana de Psiquiatria, a Associação Americana de Psicologia e a Associação Nacional dos Trabalhadores Sociais declararam: Em 1952, quando a Associação Americana de Psiquiatria publicou o seu primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), a homossexualidade foi incluída como uma desordem. Quase imediatamente, no entanto, que a classificação começou a ser submetida ao escrutínio crítico em matéria de pesquisa financiado pelo Instituto Nacional de Saúde Mental. Esse estudo e a pesquisa subsequente falharam em conseguir apresentar qualquer base empírica ou científica para considerar a homossexualidade como um distúrbio ou anormalidade, ao invés de uma orientação sexual normal e saudável. Como resultado dessa pesquisa acumulada, os profissionais em medicina, saúde mental e em ciências comportamentais e sociais chegaram à conclusão de que era incorreto classificar a homossexualidade como uma desordem mental e que a classificação DSM refletia pressupostos não testados com base em normas sociais prevalentes e impressões clínicas a partir de amostras representativas compostas por pacientes que procuram tratamento e por indivíduos cujo comportamento trouxe para o sistema de justiça criminal. Em reconhecimento da evidência científica, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade do DSM em 1973, afirmando que "a homossexualidade em si não implica qualquer prejuízo no julgamento, estabilidade, confiabilidade ou capacidades gerais sociais e vocacionais." Depois de uma profunda revisão de dados científicos, a Associação Americana de Psicologia adotou a mesma posição em 1975, e exortou todos os profissionais de saúde mental "para assumir a liderança em eliminar o estigma de doença mental que há muito tem sido associado com orientações homossexuais." A Associação Nacional dos Trabalhadores Sociais adotou uma política similar. Assim sendo, os profissionais e pesquisadores de saúde mental há muito reconheceram que ser homossexual não constitui obstáculo inerente à liderança de uma feliz, saudável e produtiva vida, e que a grande maioria dos gays e lésbicas funcionam bem em toda a gama de instituições sociais e relações interpessoais. A Organização Mundial da Saúde, desde 1990, retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (sigla CID). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade/>. Acessado em 04 de agosto de 2012

¹⁴⁰ Especialistas em literatura psiquiátrica concordam em posicionar o surgimento do termo *homossexualismo* no século XIX, por volta da década de 1860 ou 1870, criado pelo discurso médico para identificar o sujeito homossexual. Uma vez que o sufixo "ismo" é utilizado para referenciar posições filosóficas, ideológicas e/ou científicas, diversos psicólogos e outros afirmam que sua utilização é errônea e usada no passado como forma de associá-la a distúrbio mental ou doença. A homossexualidade era listada na CID-9 (1977) da Organização Mundial de Saúde como um doença

A pesquisa nos faz pensar que a homossexualidade costura quase todas as relações das pessoas ligadas ao crime. Ligadas não no sentido de terem participado do crime, mas por frequentarem os mesmos lugares, conhecerem as mesmas pessoas. O proprietário do bar O Amarelinho era considerado gay por alguns. Garçom do Jockey Clube, conhecia muitas pessoas importantes, algumas das quais iam ao local. O proprietário do Bar do Leôncio era universitário e conhecia Robert e Luís, os dois suspeitos principais do assassinato de Helzano, ambos estudantes da Universidade Federal e clientes dos bares O Amarelinho e o Bar do Leôncio. Também sobre os dois acusados, recaiu o “estigma” do homossexualismo.

Pessoas ligadas aos dois suspeitos da morte do artista, afirmam que tanto Luís como Robert, são completamente diferentes de jovens das suas idades. “ Eles não têm namoradas, nunca ouvi falar sobre caso amoroso e só os vejo juntos em “farras”, disse um amigo dos dois¹⁴¹

Na versão final da polícia, estabelecia-se uma situação de passionalidade no assassinato de Helzane que havia alguma proximidade entre a vítima e os acusados por frequentarem os mesmos bares e por conhecerem o mesmo grupo de pessoas. Assim, concluía que havia a possibilidade de existir algum sentimento amoroso entre eles, ou do carteiro com apenas um deles, é pouco provável.

Há um detalhe importante sobre o homicídio que poderá auxiliar na compreensão da existência de um crime passional: a participação de um expoente pintor piauiense na morte de Helzano. Pelos bastidores comentava-se que o tal pintor já havia feito investidas na tentativa de uma aproximação com Helzano, e que este negara todas elas. Conforme Ací Campelo, algumas pessoas do meio artístico sabiam quem eram os homossexuais de Teresina. No Grupo de Teatro Raízes existiam relações homossexuais entre algumas pessoas, mas muito discretas. Financiado pelo governo do Estado, o grupo viajou para várias cidades dentro e fora

mental, mas foi retirada no CID-10, aprovada pela Quadragésima Terceira Assembléia Mundial da Saúde em 17 de maio de 1990. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade/>. Acessado em 04 de agosto de 2012.

¹⁴¹ PROFESSOR DISSE QUE ESTÁ RECEBENDO TELEFONEMAS: diferentes. O Estado, Teresina, sexta-feira 20 de maio 1977, p. 12.

do Estado. Nessas ocasiões, as relações entre alguns integrantes ocorriam mais tranquilamente entre eles ou com pessoas das cidades visitadas.

Diante das negativas de Helzano e conhecendo os principais suspeitos, o artista plástico Afrânio Castelo Branco teria combinado com eles para que dessem um susto no jovem carteiro, uma espécie de vingança diante da recusa em manter algum tipo de relacionamento. Mas o susto teria terminado em assassinato.

É uma hipótese. A vítima teria se defendido de forma mais agressiva, levando os acusados a desferirem as facadas. Segunda hipótese: talvez a intenção fosse mesmo a de matar Helzano. Terceira hipótese: o pintor era professor da Universidade Federal, na qual os dois suspeitos estudavam, e também era frequentador do bar O Amarelinho.

...O pintor Afrânio Castelo Branco é um dos envolvidos. Ontem foi feita uma acareação entre A. e os pais de Helzano. Foi no gabinete de Vital Araújo. A mãe de Helzano disse na cara do pintor que ele esteve em sua casa um domingo antes do crime, convidando seu filho para um passeio em José de Freitas. De joelho nas frentes dos peritos Vital Araújo, Antonio Barradas e de sua irmã a escritora e professora Nerina Castelo Branco, Afrânio juntou as mãos, levantando para o céu e jurou “por tudo que é mais sagrado, eu nunca vi o seu filho”. O pintor disse mais que não costuma freqüentar teatro, pois é pinto e não artista de peças. Ao ver o pintor de joelho jurando inocência, a mãe do carteiro perdeu as funções nervosas chorando descontroladamente sendo acalmada pela escritora Nerina
...¹⁴²

Tentando afastar qualquer proximidade com a vítima, o pintor afirmou que nunca vira o carteiro, contradizendo a afirmação de Dona Antonia, a mãe de Helzano, de que o pintor teria passado em sua residência e convidado a vítima para um passeio no município de José de Freitas, a poucos quilômetros da cidade de Teresina. As possíveis investidas do pintor sobre Helzano e as recusas deste foram fatos responsáveis para que o assassinato fosse considerado passional.

¹⁴² ESCLARECIDA MORTE DO ARTISTA HELZANO. O Dia, Teresina, 25 de junho de 1980, p.?.

...nas minhas pesquisas e nas conversas com os meninos que mais andavam com ele, eu tenho fita cassete gravada eles colocavam isso, que o Helzano não queria se expor ele(o pintor) era uma figura da alta sociedade que tinha um poder enorme... ele andava na casa dele rondando com o carro convidando ele pra churrasco, aniversário... no bar Amarelinho surgiu esse papo lá a figura tava lá e aí dessa rejeição da frieza do Helzano e até frieza de não querer se expor e aí ele se sentiu menosprezado, ai teve essa coisa como o cara trabalhava na Universidade o Robert. aí surgiu a história de que não era pra ter acontecido que eles acabaram exagerando não era pra ter matado o cara... mesmo porque talvez o Helzano era uma figura emblemática no seguinte sentido da denuncia se não tivesse acontecido certamente eles seriam denunciados...¹⁴³

Dona Antonia, a mãe de Helzano, dissera que um domingo antes do crime o pintor teria ido à casa da vítima convidá-lo para irem ao município de José de Freitas. Tudo leva a crer que o jovem recusara o convite. Esse fato também revela certa constância de flertes por parte do pintor para com o carteiro.

A partir do depoimento de Campelo é possível afirmar que talvez os primeiros contatos entre os dois tenham acontecidos no bar O Amarelinho, assim como as primeiras investidas. Ainda levando em conta o depoimento de Ací Campelo, o jovem carteiro não queria se expor e por isso rejeitava todas as investidas do pintor.

A morte do carteiro é uma trama em que sexualidade, bebidas, frustrações e posição social se misturam num jogo de “segredos”, muitos segredos. No primeiro semestre de 1977, a cidade de Teresina foi palco de dois crimes emblemáticos: uma doméstica, após 8 dias trabalhando na casa de número 955, localizada na Rua Magalhães Filho, depois assistir à novela O Bem Amado e lavar as louças, foi retalhada no quarto de empregada nos fundos da casa em 4 de março de 1977;¹⁴⁴ e o assassinato do carteiro Helzano na madrugada do dia 8 de maio do mesmo ano.

¹⁴³ Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010, p.03-04.

¹⁴⁴ MONSTRO SEXUAL RETALHA MULHER. O Estado; Teresina; dom/seg; 06/07 março de 1977, p.05.

Ací Campelo¹⁴⁵ dissera em depoimento que após os acusados da morte do carteiro terem sido presos e as investigações indicá-los como autores do crime, pessoas do alto escalão da Secretaria de Justiça do Estado do Piauí, em nome de interesses de indivíduos “ocultos”, deixaram entender que ou os “meninos” eram soltos, ou os nomes dos algozes da doméstica Maria das Mercês seriam expostos, de forma que todas as conclusões policiais que levaram aos jovens Robert e Luís foram consideradas nulas.

Tanto no crime do carteiro como no da doméstica, questões relacionadas à sexualidade das vítimas foram pontos cruciais para entendimento das histórias. A palavra “meninos,” além de se referir à idade dos acusados, deixa transparecer que os jovens eram imaturos, principalmente Robert, e que não seria por um “exagero” cometido que os dois deveriam responder pelo crime de assassinato.

Um jovem pobre, negro e possível homossexual, embora com futuro promissor, fora perfurado por pouco mais de uma dezena de facadas, e uma jovem do interior de Inhumas poucos dias antes tivera seu corpo retalhado por instrumento cortante em seu quartinho de empregada. Nas mãos da doméstica, fios de cabelos longos e negros.

Mas “então havia motivo pra ele matar?”¹⁴⁶. Foi esse o questionamento do perito Vital Araújo acerca da morte do carteiro, em um discurso carregado de jargões policiais e termos pejorativos sobre a homossexualidade comuns à sua época.

1.4 Uma amizade íntima.

Na morte do carteiro Helzano Ferreira de Sá, há uma expressão curiosa veiculada nos jornais: “amizade íntima”. Segundo a polícia, à medida que a investigação se desenvolvia, alguns depoentes atribuíam a Helzano e Lili (Willame

¹⁴⁵ Depoimento do professor e diretor de teatro Francisco Ací Gomes Campelo concedido a Hélio Secretário dos Santos em 26 de fevereiro de 2010.

¹⁴⁶ ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 6 jul. 2011, p.03.

Robert) a existência de uma amizade íntima. Esse tema também esteve presente em um poema de cordel que tratava sobre o assassinato do carteiro.

Willame Robert Martins
 Conhecido por Lili
 Era um amigo íntimo
 E veio dizer aqui
 Dizem que foi a última
 Pessoa a se despedir

Lili disse a policia
 Quando em seu depoimento
 Que só teve dois contatos
 Entre eles, e somente
 E tinha amizade íntima
 E conserva sentimentos¹⁴⁷

No terceiro verso da primeira estrofe, temos a expressão “amigo íntimo”; e no quinto verso da segunda estrofe, a expressão “amizade íntima”. Superficialmente, as expressões seriam sinônimo de uma relação de confiança quase fraternal, uma relação de confidentes. A amizade entre homens na história da humanidade já foi tema de estudos e de debates calorosos.

Talvez uma das amizades mais emblemática entre dois homens para a cultura ocidental foi a amizade entre Jônatas e Davi, nos primórdios da monarquia do Estado de Israel, por volta de 1100 a.C a 1000 a.C. Davi, após ter matado o filisteu Golias, foi levado à presença do rei Saul. “Sucedeu que, acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como a sua própria alma”.¹⁴⁸

Essa amizade ainda causa debates calorosos entre aqueles que defendem uma relação homoerótica entre Davi e Jônatas e os que defendem uma amizade fraternal, espiritual, entre os dois. Jônatas, filho de Saul, morreu em combate e, após sua morte, Davi escreveu uma elegia¹⁴⁹ por Saul e Jônatas.

¹⁴⁷ CRIME DO CARTEIRO VIRA LITERATURA DE CORDEL. O Estado, Teresina, quarta-feira 18 de maio 1977, p. ?

¹⁴⁸ I SAMUEL 18: 1. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

¹⁴⁹ Poesia de tom terno e triste, lamentação pelo falecimento de um ente querido, poesia triste, melancólica. Surgiu na Grécia Antiga, com (século VII a.C.)

... como caíram os Heróis
 No meio do combate?
 Jônatas, a sua morte dilacerou-me o coração,
 Tenho o coração apertado por tua causa, meu irmão
 Jônatas.
 Tu me eras imensamente querido.
 A tua amizade me era mais cara
 Do que o amor das mulheres...¹⁵⁰

Geralmente, o debate da existência ou não de uma relação homoafetiva entre Davi e Jônatas se dá entre os religiosos. Entretanto, estes negam essa possibilidade. Já os homossexuais, engajados defendem que houve uma relação homoerótica entre Davi e Jônatas.

Este trabalho não pretende dizer quem está com a razão, mas mostrar com esse exemplo as interpretações que podem existir sobre a amizade entre dois homens e, dentro dela, um possível envolvimento sexual. Na Grécia Antiga, Plutarco (750 a.C) dizia que “com efeito, o Amor é o que vos liga a almas jovens e bem-nascidas que através da amizade vos conduz a virtude...”¹⁵¹. Essa amizade era entre dois homens. Amizade e prazer estavam associados às relações masculinas.

Daniel Barbo (2011) chama atenção para os estudos feitos sobre o homoerotismo grego. Para ele, ao longo do século XX, predominaram duas vertentes historiográficas que estudaram o homoerotismo grego: o essencialismo e o construcionismo.

A corrente essencialista analisou a erótica grega em termos de hétero e homossexualidade (tais identidades seriam, para essa vertente historiográfica, essências humanas universais e não construções culturais datadas), obscurecendo a explicação do próprio fenômeno grego. Por sua vez, a interpretação construcionista afirmou que as experiências sexuais são construções culturais, isto é, em cada sociedade essas experiências são estruturadas de uma forma específica. Portanto, elas são consideradas categorias históricas e não categorias universais ou naturais.¹⁵²

¹⁵⁰ II SAMUEL 1:25-26. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

¹⁵¹ Plutarco. *Sobre o Amor*, 750 a. C

¹⁵² BARBO, Daniel. Detradores do homoerotismo grego: uma historiografia essencialista. História da historiografia. Ouro Preto; número 6; março, 2011. p. 172.

Avançando a discussão, Barbo (2011) traz o posicionamento do historiador britânico Kenneth Dover sobre os estudiosos do homoerotismo grego. Para ele, alguns pesquisadores agiam como homossexuais não assumidos, que usavam suas pesquisas para argumentar a favor da homossexualidade. Outros revelavam em suas pesquisas um verdadeiro horror e temor à homossexualidade, não expressos em público.

Quando o carteiro Helzano Ferreira de Sá foi assassinado, a polícia tratou logo de identificar o ciclo de amigos do qual ele fazia parte. Aproximadamente vinte rapazes integravam o Grupo de Teatro Raízes, dentre eles Willame Robert, o Lili. Lili, assim como Helzano, era negro e foi a relação entre os dois que recebeu o nome de amizade íntima. Segundo a família, Helzano por algumas vezes dormia na casa de Lili, mas não se posicionou acerca daquela amizade ou se haveria alguma conotação sexual nessa relação, posto que poderiam ser apenas amigos confidentes. No Brasil, o primeiro periódico que tratava de temas relacionados à homossexualidade apareceu no final da década de 1970.

Em abril de 1978, foi lançado no Rio de Janeiro a edição experimental número zero do jornal *Lampião*, que mais tarde viria a se chamar *Lampião da Esquina*, o primeiro periódico brasileiro com temáticas eminentemente homossexuais. Entre seus colaboradores estavam João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva, Gasparino Damatta, dentre outros.

Na edição de novembro de 1979, foi criada a seção Troca-troca. Esse espaço era destinado à troca de correspondências entre os assinantes do periódico é possível identificar expressões semelhantes ou parecidas com a amizade entre Helzano e Lili. O assinante tinha que ser o mais sucinto possível no seu propósito. Para superar esse requisito, os leitores tinham que ser criativos. Não faltavam características físicas, idade, gostos musicais, literários e características de personalidade nas correspondências. A caixa postal mantinha a privacidade dos assinantes.

Na edição de novembro de 1979, encontramos, entre outras, a correspondência de Pedro de Curitiba, do estado do Paraná. “RAPAZ de boa aparência, sincero, discreto, quer correspondência com rapazes que tenham as

mesmas qualidades”¹⁵³. Aqui nós temos a mistura dos traços físicos do rapaz com sua personalidade. O jovem destaca que é sincero e deseja o mesmo de seu parceiro.

A maioria das cartas não apresentava de forma explícita a necessidade de se manter um envolvimento sexual futuro entre os assinantes. De um total de quinze correspondências, apenas cinco ou menos deixavam claro o interesse de um envolvimento sexual. Grande parte delas destacavam outras necessidades ou interesses.

Estava-se em busca de uma “amizade sólida,”¹⁵⁴ de uma “boa amizade,”¹⁵⁵ de uma “amizade sincera,”¹⁵⁶ de uma “amizade sem preconceitos,”¹⁵⁷ de uma “séria amizade,”¹⁵⁸ de uma “profunda amizade”¹⁵⁹. Além de características físicas, traços de personalidade e outras preferências, a relação que essas pessoas buscavam recebiam denominações as mais diversas como elecado acima.

Ao dizer que Helzano e Lili eram amigos íntimos, a polícia deu à amizade entre ele uma natureza diferente; não era uma amizade comum, mas uma amizade especial que Helzano não matinha com outros membros do grupo de teatro Raíces. Mas mesmo assim, à época, a polícia não soube, ou não quis, esmiuçar essa relação.

A investigação policial, entretanto, não revelou que tivesse existido entre os dois rapazes um envolvimento sexual. O que predominou na afirmação foi a possibilidade de que Lili sabia de coisas que os demais membros do grupo de teatro não compartilhavam. Talvez uma relação de cumplicidade, de confiança, entre os dois. Após Helzano ter sido assassinado, Lili foi embora para a cidade de Salvador.

Dizia-se que Afrânio Castelo Branco, possivelmente envolvido na morte de Helzano, era conhecido no meio artístico como “gilete”. Essa expressão era associada ao papel sexual de alguém, uma metáfora. A lâmina chamada gilete lembraria um instrumento de dois gumes igualmente cortantes.

Em relação ao artista plástico, chamá-lo de gilete era uma maneira de identificá-lo como bissexual, ou era uma maneira de classificá-lo, dentro das

¹⁵³ Lamião da Esquina. Troca-troca. Ano 2, Nº 18. Rio de Janeiro, novembro de 1979, p.12.

¹⁵⁴ Lamião da Esquina. Troca-troca. Ano 2, Nº 19. Rio de Janeiro, dezembro de 1979, p.08.

¹⁵⁵ Idem

¹⁵⁶ Lamião da Esquina. Troca-troca. Ano 3, Nº 20. Rio de Janeiro, janeiro 1980, p.10.

¹⁵⁷ Lamião da Esquina. Troca-troca. Ano 3, Nº 21. Rio de Janeiro, fevereiro de 1980, p.16.

¹⁵⁸ Lamião da Esquina. Troca-troca. Ano 3, Nº 24. Rio de Janeiro, maio de 1980, p.13.

¹⁵⁹ Lamião da Esquina. Troca-troca. Ano 3, Nº 28. Rio de Janeiro, setembro de 1980, p.08.

relações homossexuais, como alguém que tanto poderia exercer o papel ativo quanto passivo. A última possibilidade parece ser a mais provável.

Comentava-se na agência dos Correios que o artista plástico causava constrangimentos com possíveis parceiros. Isso ocorria porque nas suas relações sexuais que mantinha, ele manifestava o desejo de ser tanto ativo quanto passivo.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Foi o que disse um funcionários aposentado que trabalhava nos Correios à época em que Helzano foi assassinado.

CAPÍTULO II

2. Luiz, “o bom moço”: assassinato, drogas e orgias sexuais.

No início da década de 1980, conforme Fundação CEPRO¹⁶¹, Teresina abrigava aproximadamente 349.264 habitantes¹⁶². A cidade enfrentava o problema do êxodo rural, que aumentava a demanda por moradias, e não oferecia empregos para todos - mesmo aqueles que trabalhavam muitas vezes não apresentavam condições de possuir uma moradia de qualidade. Restava a essas pessoas buscar na periferia um lugar para construir habitações precárias e improvisadas. Aproximadamente 53,2% das casas eram construídas de taipa, adobe ou palha.¹⁶³

Logo nos primeiros dias do ano de 1983, os jornais da capital veicularam a notícia do assassinato de um funcionário da Caixa Econômica Federal, Luiz da Costa. O jovem, natural da cidade de Simplício Mendes, ao sul do Estado, era estudante do curso de Economia na Universidade Federal do Piauí. Seu corpo foi encontrado na cidade de Timon, no estado do Maranhão, com sinais de agressão no rosto e um tiro na cabeça. Luiz tinha pela frente uma carreira promissora e estava noivo com uma colega de trabalho.

Um funcionário do Tribunal Regional Eleitoral que não quis se identificar disse em uma breve entrevista que havia estudado com Luiz na universidade e que alguns dias antes do assassinato, na companhia de outros colegas de universidade, haviam saído para uma churrascaria. Algumas atitudes do funcionário do escriturário da Caixa Econômica Federal fizeram o entrevistado perceber que o mesmo queria

¹⁶¹ Instituição criada em meados dos anos setenta tendo como objetivo realizar pesquisas e elaborar estratégias de intervenção na realidade sócio-econômica do estado, tendo como ponto de partida identificar os pontos críticos da economia, por meios de uma análise da conjuntura política e sócio-histórica do estado. Nesse sentido, pudemos contar com um considerável número de trabalhos, incluindo ensaios, relatórios e artigos publicados na revista da própria instituição, *Carta Cepto*, além de livros resultados de pesquisas e análises de caráter mais denso, realizadas por funcionários especializados, como economistas, sociólogos e demais técnicos da instituição.

¹⁶² Na Dissertação de Mestrado de Regianny Lima Monte, *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*, página 56, há registro de que a população urbana de Teresina no início da década de 1980 era de 333.405 habitantes. No documento da Fundação CEPRO, *Análise do processo de urbanização no Piauí* página 44 de 1985 há registro de que a população de Teresina no início da década de 1980 era de 349.264 habitantes.

¹⁶³ Fundação CEPRO. *Análise do processo de urbanização no Piauí*. Teresina, 1985.

conversar com ele de forma mais reservada. Luiz, o único da turma que estava de carro, tentou fazer com que o entrevistado fosse o último a ser deixado em casa, a fim de que os dois pudessem conversar. Fato que não aconteceu.

Dias depois, as manchetes estampavam imagens do corpo de Luiz morto. O funcionário do Tribunal Regional Eleitoral afirmou que aquilo foi um choque para ele. Com receio de que alguém o visse lendo os jornais que traziam notícias sobre o crime, trancava-se no banheiro para ler as notícias do assassinato.

O crime aconteceu numa parte distante da área residencial da estrada que liga as cidades maranhenses de Timon a Presidente Dutra. Após analisar o local do crime, o delegado autorizou a remoção do corpo em seu próprio carro.

Parcialmente coberto por um saco, o morto foi colocado no porta-malas do Chevette e como o espaço não era suficiente, as pernas ficaram para fora e à medida que o carro andava a porta, aberta, as pressionava¹⁶⁴.

O corpo do escriturário foi então levado para o Instituto Médico Legal para a realização dos procedimentos comuns a um crime de morte. Feitos os exames, o delegado foi informado de que o jovem teria tido uma relação sexual. Essa conclusão deu-se após uma análise no órgão genital do rapaz. A constatação levou à suposição de que Luiz, ao sair da universidade, teria se encontrado com alguma mulher. Pelo desfecho da história, tal mulher o teria levado para uma emboscada, uma vez que o carro da vítima não foi encontrado no local do crime. Um latrocínio?

O cadáver de um jovem de 27 anos é encontrado com sinais de relação sexual; a vítima teria estado, portanto, com uma mulher. Não foi uma constatação absurda. Em uma sociedade em que o padrão sexual tolerado era o de um homem e uma mulher heterossexuais, por que o delegado colocaria no mesmo plano a possibilidade de Luiz ter estado com um homem? O delegado pensou como um homem do seu tempo.

¹⁶⁴ LUIZ, MORTO NA ESTRADA. O Estado, Teresina, sexta-feira, 07 de janeiro de 1983, p.12.

Embora a relação sexual entre duas pessoas do mesmo sexo não fosse desconhecida das pessoas à época, naquele primeiro momento tal possibilidade não desfrutava de um espaço. Primeiro vêm os padrões normais, e quando eles não respondem determinadas questões, volta-se para os padrões desviantes. Quem era Luiz?

Luiz da Costa Leite, nasceu em Simplício Mendes, cidade a 600 km ao sul do Estado em 1955...em novembro de 1975 prestou concurso para a Caixa Econômica Federal tendo sido admitido em junho de 1976 no cargo de escriturário-A. Luiz cursava o último ano do curso de Economia na Universidade Federal do Piauí, ia se formar em seis meses, também passou para medicina, mas trancou o curso para se dedicar ao curso de Economia... morava na casa da irmã Maria, no Buenos Aires, no bairro era conhecido como “um cara legal”¹⁶⁵.

Luiz havia sido morto na quarta-feira do dia 05 de janeiro de 1983, mas somente na sexta-feira dia 07 os jornais noticiavam o crime. Muitas informações sobre o rapaz já eram veiculadas nas matérias, como sua origem, o que estudava e sua profissão. A investigação buscava respostas que explicassem por que um rapaz de 27 anos, com trabalho fixo e estudo de nível superior, terminou sendo assassinado numa quarta-feira na vizinha cidade maranhense de Timon.

É curioso o fato de um jovem com atribuições acadêmicas e profissionais ter saído numa noite de terça-feira em busca de diversão para ser assassinado na madrugada de quarta e não em um final de semana como era o costume.

¹⁶⁵ LUIZ, MORTO NA ESTRADA. O Estado, Teresina, sexta-feira, 07 de janeiro de 1983, p.12.

2.1 Ao cair da noite: o dia do crime.

Na manhã do dia 08 janeiro de 1983, o jornal O Estado estampava na primeira página a seguinte manchete: “ Fiat abandonado em Teresina: maconha e sexo na mote do funcionário da caixa” ¹⁶⁶.

Na manchete, havia uma combinação que concedeu um aspecto marginal à morte de Luiz: droga e sexo. Essa combinação trouxe uma série de implicações e suposições para o trágico episódio. Qual seria a relação desses elementos com um jovem de atividades acadêmicas e profissionais estáveis? Foi durante a década de 1980 que o uso da maconha adquiriu maior proporção na cidade de Teresina, principalmente entre pessoas de baixa renda. Mas o maior consumo majorou toda uma carga negativa social para quem consumia a maconha. A palavra “maconheiro” não estava associada apenas ao uso do entorpecente, mas também a um estilo de vida desviante, à vadiagem, a roubos e a outras posturas de caráter duvidoso.

A parcela maior de usuários da maconha era de homens, em sua grande maioria jovens sem trabalho formal - ou sem atividade alguma de trabalho. Havia uma diferença enorme entre o homem que não tinha uma atividade profissional pela falta de emprego daquele que não trabalhava para viver de pequenos crimes - os vagabundos. À Luiz não se aplicavam essas características sociais questionáveis. A vítima tinha residência fixa, estudava e era funcionário público.

O carro da vítima foi abandonado na praça do Tribunal de Justiça. Segundo o vigia da obra em execução do Tribunal Regional Eleitoral, por dois homens e uma mulher. No veículo, foram encontrados vestígios de maconha, os tênis e uma calça cotelê que Luiz vestia no dia em que fora assassinado.

“Na década de 70, observou-se um homem menos formal com calças de veludo cotelê”¹⁶⁷. Embora o trecho esteja se referindo aos anos de 1970, também se aplicava aos anos de 1980. As mudanças no comportamento masculino também se

¹⁶⁶ FIAT ABANDONADO EM TERESINA: MACONHA E SEXO NA MORTE DO FUNCIONÁRIO DA CAIXA. O Estado, Teresina, 08 de janeiro de 1983, p. 01.

¹⁶⁷ SCHEMES, C. et. Al. A vestimenta masculina, cores e apropriações. In: Cultura Visual, n. 12, outubro/2009, Salvador: EDUFBA, p.11-26.

davam na forma como os homens passaram a se vestir. Luiz era um jovem que tinha conhecimento dessas mudanças e as experimentava.

... se partirmos do pressuposto de que existe algo para além de um significado definido previamente e d que mesmo a peça vestimentar não pode ser concebida como um mero transmissor, nos aproximamos da dimensão formante presente na dinâmica da moda, e nos damos conta de que é preciso apreciar não apenas o sentido vestimentar isolante, mas também a relação que ela estabelecer entre indivíduo e sociedade¹⁶⁸

Diante dos indícios encontrados, como a presença de maconha no carro da vítima e a possível participação de homens e de uma mulher no crime, os jornais passaram a falar em orgia regada a muito sexo e drogas. Para a polícia, Luiz teria caído numa cilada que acabou por levá-lo a morte.

O repórter investigativo Feitosa Costa, ao tratar sobre o crime, fez uma breve investigação com moradores próximos ao trecho da estrada onde ocorreu o homicídio. O trecho da estrada Timon - Presidente Dutra, também chamada de “rota do crime” ou “estrada do roncador”, em referência a um balneário popular daquela região, gozava de muito má fama. Um morador da região relatou ao repórter que a partir das 5 horas da tarde carros começavam a estacionar naquele lugar, casais passavam horas conversando mesmo correndo o risco de serem roubados, agredidos ou seviciados¹⁶⁹.

Outro morador da região disse a Feitosa Costa que certa vez, vindo de uma caçada, teria visto duas mulheres conversando dentro de um carro, de cujo modelo não se lembrava. Segundo o morador, as duas apenas “tiraram a vista”, demoraram um pouco e depois foram embora.

O trecho de estrada em que Luiz havia sido morto é o que se encontra logo após a Ponte Velha e que liga a cidade maranhense de Timon ao bairro Tabuleta, em Teresina. O perigoso trecho servia de local de encontro para os mais diversos

¹⁶⁸ CIDREIRA, Renata Pitombo. Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo, SP. Annablume, 2005, p.29.

¹⁶⁹ COSTA, Feitosa. Estrada de Timon é a “rota do crime”. O Estado, Teresina, dom/seg, 9/10 de janeiro de 1983, p.08.

casais, que buscavam mais privacidade ou não queriam gastar dinheiro em algum motel em Teresina¹⁷⁰.

Percebe-se na fala do segundo morador a intenção de identificar as duas mulheres como um casal homossexual, mas talvez por estar na presença de um conhecido repórter não quis se utilizar dos termos que pudesse conhecer (sapatonas, saboeiras). E, talvez, por ignorar o termo lésbica,¹⁷¹ preferiu utilizar um linguajar sugestivo.

2.2 Os michês.

Na semana seguinte ao crime, duas pessoas detidas que poderiam estar envolvidas na morte de Luiz foram detidas: os irmãos Douglas e Deyves. Na casa dos suspeitos, entre seus pertences foi encontrada a camisa com que a vítima havia saído de casa, segundo o jornal. O delegado responsável pela investigação em Teresina, José da Silva Torres, teria afirmado a um repórter não identificado do jornal O Estado que nas próximas horas mais duas pessoas seriam presas. “Uma delas é um rapaz cuja silhueta, de longe ou à noite, pode ser muito bem confundida com de uma mulher”¹⁷².

O vigia da obra em construção do Tribunal Regional Eleitoral disse que havia visto três pessoas, dois homens e uma mulher, abandonando o carro de Luiz na praça do Tribunal de Justiça do Piauí. A investigação levou o delegado a dizer que “ não existe nenhuma mulher na história, só coisa de homossexual”¹⁷³. A confusão

¹⁷⁰ COSTA, Feitosa. Estrada de Timon é a “rota do crime”. O Estado, Teresina, dom/seg, 9/10 de janeiro de 1983, p.08.

¹⁷¹ A palavra lésbica vem do latim *lesbius* e originalmente referia-se somente aos habitantes da ilha de Lesbos, na Grécia. A ilha foi um importante centro cultural onde viveu a poetisa Safo, entre os séculos VI e VII a.C, muito admirada por seus poemas sobre o amor e beleza, em sua maioria dirigido às mulheres. Por esta razão, o relacionamento sexual entre mulheres passou a ser conhecido como lesbianismo ou safismo. Até o século XIX a palavra lésbica não tinha o significado que lhe é dado hoje, o termo mais utilizado até então era “tribade”. Muitos termos foram utilizados para descrever o amor entre mulheres nos últimos dois séculos, entre os quais: *amor lesbicus*, urniginismo, safismo, tribadismo e outros. PEREIRA, Aldo. Vida Íntima- Enciclopédia do amor e do sexo. Abril Cultural, 1981, Vol 1, p.185-188.

¹⁷² MATADDOR DO FUNCIONÁRIO DA CAIXA USOU SUA CAMISA. O Estado, Teresina, quarta-feira, 12 de janeiro de 1983, p.12.

¹⁷³ Idem.

quanto à existência de uma mulher se deu porque um dos jovens tinha os cabelos loiros e longos. Mas o que teria levado o delegado a afirmar que era “coisa de homossexual”? Os cabelos longos de um dos rapazes teria sido a única razão?

Segundo Dona Dezinha, proprietária do bar com o mesmo nome, situado em frente à Igreja São Benedito, na Praça da Liberdade, centro de Teresina, Deyves teria estado no bar por volta das 11 horas da noite. Outro cliente do bar dissera que Luiz passara de carro várias vezes, olhando para o rapaz.

Tenho certeza de que houve um desentendimento entre os dois. Esse Deyves só vivia atrás de homossexuais para arrancar-lhes dinheiro. E naquela noite estava a fim de conseguir mais do que o normal...¹⁷⁴

Segundo a investigação, os irmãos Douglas e Deyves eram jovens que costumavam se relacionar com homens em troca de dinheiro ou presentes. Há um fato interessante a esse respeito: os dois irmãos tinham um padrão de vida razoável para aqueles dias, o que não se sustentaria, caso fosse levantada, a hipótese de que a necessidade financeira teria levado os jovens à prostituição.

Atarantado pelos automóveis
meus olhos são varados pelo néon
degusto minhas doses de cinismo nos
balcões molhados pelo vácuo.
As mariconas fustigam meu corpo com
olhares sórdidos, cada olhada fere
fundo e cria crostas que
endurecem; até a noite acabar estes
olhares superpostos me tornarão
imune. Avenida São Luis e seus anjos
turvos, supermarketing de pupilas
frenéticas, sob as árvores o poder
acaricia e intumesce caralhos
lânguidos.
Há pelos corpos em fila uma náusea
imprecisa, eu vejo uma sinfonia de
cusparadas e aprendo acordes
sombrios com os quais devo ornar
minhas pernas metidas num
blue-jeans rasgado.
Meu camarada uns passos à frente

¹⁷⁴ MATADDOR DO FUNCIONÁRIO DA CAIXA USOU SUA CAMISA. O Estado, Teresina, quarta-feira, 12 de janeiro de 1983, p.12

negocia sua boca de estátua grega
 perfumada por conhaque e baforadas
 com um pederasta untoso que pilota
 uma reluzente máquina.

Nós viemos do subúrbio numa
 progressão eufórica, bebemos várias
 cachaças de nossos corações
 acossados pela média preferem a
 autocorrosão, mas é assim que a
 cidade nos gosta.

Eu vejo funcionários públicos
 Levemente maquiados.

Eu vejo policiais que me tolhem os
 passos com ameaça de sevícias.

Eu vejo as bichinhas evoluírem
 num frenesi azeitado por
 anfetaminas e um desespero
 dissimulado.

As mariconas não as buscam, por
 isso elas exorcizam a noite com
 gritos e vêem nos outros rapazes
 um frisson de inexistentes
 limusines.

O poder pelas esquinas gargalha.
 Atarantado pelo sono, embarco
 ríspido num carro.

Logo mais, de madrugada ejacularei
 catarro, voltarei no ônibus com
 meu amigo, adentraremos em
 silêncio o subúrbio sabendo que
 algo em nós foi destroçado.¹⁷⁵

Segundo Perlongher (1987), o texto acima foi publicado em um boletim gay paulista de pequena circulação e sem um período de publicação contínuo entre 1981 e 1984. O texto retrata a prostituição masculina na Avenida São Luís, no centro da cidade de São Paulo, e traz algumas expressões comuns àquele meio, como mariconas ou tias (homossexuais maduros) e bichinhas (jovens efeminados). O texto explora ainda a relação entre o rapaz pobre da periferia com sua calça jeans rasgada e o pederasta com seu carro de luxo. Faz menção a outras características da noite, como o consumo de álcool e outras drogas, bem como a abordagem policial.

Teresina, por diferenciar-se em muitos aspectos de uma metrópole como São Paulo, tem suas particularidades. Por exemplo: alguns desses jovens não iriam

¹⁷⁵ FERNANDEZ, Dominique. "Summer 77". In: O Corpo, nº 6, São Paulo, 1984. In: PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.40.

correr o risco de ofuscar seus olhos com as luzes de neon. Enquanto em São Paulo, havia avenidas e ruas identificadas como reduto de prostituição masculina, em Teresina havia uma diferença.

Geralmente os contatos ocorriam em bares. A Avenida Frei Serafim, no centro da cidade de Teresina, abrigava alguns desses locais, que eram frequentados por um público diversificado. Para os jovens que se prostituíam, esses estabelecimentos serviam de vitrine. Em São Paulo, já na década de 1980, havia ruas em que só mulheres se prostituíam, outras para os travestis e outras para os rapazes. As duas cidades, contudo, não apresentavam somente diferenças

Tanto em Teresina quanto em São Paulo, na década de 1980, os jovens que em busca de sexo por dinheiro com homens procuravam os lugares em que pudessem ser vistos e deixassem à mostra seu olhar ladino e sorriso atrevido, por vezes levavam a mão ao entreperna para ressaltar o volume do pênis¹⁷⁶. Quem eram eles?

...“bofes”- rapazes que sem necessariamente se autoconsiderarem homossexuais, ou ainda se gabando de não sê-lo, consentem em “transar” com bichas, quando essa transa se consuma por dinheiro, o prostituto é conhecido como “michê”, “cowboy” ou simplesmente boy, como eles preferem ser chamados¹⁷⁷.

Gabar-se de manter relação sexual com homens, ainda que em troca de dinheiro, e não se considerar homossexual era típico dos michês. Tais jovens estariam apenas dando vazão a uma característica cara à sexualidade masculina, como a impulsividade, “comum” e mais presente na juventude, mas que acompanha o homem durante boa parte de sua vida com maior ou menor intensidade.

As primeiras relações sexuais com mulheres eram fundamentais na construção da masculinidade, se as relações com animais mostravam o interesse pelo sexo, a força da virilidade masculina, a relação sexual com mulheres lhe colocaria em outro patamar na sua construção como homem adulto, passaria a ser percebido, a partir daquele dia, de outra forma pelos pares¹⁷⁸.

¹⁷⁶ PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

¹⁷⁷ Idem, p.44

¹⁷⁸ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. História e masculinidades: a prática escriturística dos

O Professor Pedro Vilarinho Castelo Branco, no trecho acima, discute uma prática comum principalmente nas zonas rurais: as relações sexuais de alguns jovens com animais, consequência do que ele chama de força da virilidade masculina. Essa força da virilidade também seria a causa que levaria alguns rapazes a se relacionarem sexualmente com outros?

A prática sexual de homens com animais não caracteriza novidade, principalmente em zonas rurais. Como disse Pedro Vilarinho (2008), era uma manifestação da “força da virilidade” masculina. Uma realidade mais tolerada do que a relação sexual entre homens. Enquanto a relação sexual de um homem com um animal era para muitos a manifestação da “impulsividade sexual” ou da “força da virilidade” masculina, ou prática de um homem tarado, a relação entre homens tinha outra conotação: era anormal, doentio, errado, pecado.

Para alguns michês, fazer sexo com homens era apenas uma fase que logo cessaria. Eles esperavam encontrar a redenção no envolvimento amoroso com uma mulher. Todavia, havia casos de jovens que tinham consciência de sua preferência sexual. Fazer sexo por dinheiro era apenas uma maneira de associar um prazer ao outro.

Além dos irmãos Douglas e Deyves, apareceram mais dois irmãos na história do crime: Oscar e Ocilene, 19 e 18 anos respectivamente. Eram rapazes brancos e bonitos. Ocilene fora o jovem confundido por um vigia com uma mulher pelo fato de ter os cabelos longos.

Nem era tão longo, mas na altura dos ombros, lisos e claros, com um corte arredondado. A concepção do que significava ser um homem nos primeiros anos da década de 1980 para algumas pessoas ainda era muito superficial - homem devia ter cabelo curto, e mulher devia ter cabelo longo. Eis o motivo da confusão com o jovem Ocilene. Para o delegado, José da Silva Torres, até o momento os quatro jovens faziam parte de “uma quadrilha de jovens especializada em explorar homossexuais”¹⁷⁹. Eles não foram chamados de homossexuais, michês ou gays.

Os quatro jovens acusados de pertencerem à quadrilha não moravam na periferia de Teresina. Todos eles residiam no bairro Vermelha, e com exceção de Ocilene, estudavam na Escola Paulo Ferraz, no mesmo bairro. Costumavam

literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008, p.88.

¹⁷⁹ CRIME DO ESCRITURÁRIO: DETIDOS MAIS DOIS IMPLICADOS. O Estado, Teresina, quinta-feira, 13 de janeiro de 1983, p.01.

frequentar o Bar do Paulo, localizado na Avenida Miguel Rosa, no qual, por várias vezes, beberam com Luiz. Oscar afirmou ao delegado que saíra com ele umas cinco vezes. Disse também que nas vezes em que Deyves ia sair com Luiz, pegavam-no em sua casa e depois o deixavam em algum lugar para que seguissem sozinhos.

Entre os jovens, por algumas vezes foi utilizada a expressão “tomar pico”¹⁸⁰.

Ocilene disse que em novembro do ano passado saiu com Luiz da Costa e esse outro rapaz. “ Nós paramos em uma farmácia e esse rapaz- tomou uns picos duas vezes logo. Depois foi a vez de Luís¹⁸¹”.

O jornal, contudo, não deixa claro a que tipo de substância química Ocilene estava se referindo e que poderia ser comprada em uma farmácia. O quinto personagem da história era um menor de iniciais H.S.A, de dezesseis anos. O jovem, que residia na Avenida Nações Unidas, no bairro Vermelha, disse que conheceu Luiz a caminho da casa da namorada, ao receber o convite de uma carona. A partir daquele dia, passaram a “sair juntos” com alguma frequência.

Além do Bar do Paulo, na Avenida Miguel Rosa em Teresina, os rapazes costumavam frequentar a Churrascaria Antártica, na cidade de Timon, “um inferninho onde estive com Luís há alguns dias,”¹⁸² disse o jovem H.S.A.

Interessante que dos cinco jovens envolvidos na história, quatro moravam na Rua 13 de Maio, no bairro Vermelha e também estudavam na escola Paulo Ferraz. Todos se conheciam. Não era estranho também estudarem na principal escola do bairro. Intrigante era a relação de todos eles com Luiz da Costa.

¹⁸⁰ O jornal não identificou que tipo de substância comprada em farmácia era esta, mas pela situação deveria ser algum medicamento que tivesse alguma substância química em sua fórmula.

¹⁸¹ Idem, p.12.

¹⁸² ESTUDANTE INDICA “INFERNINHO”. O Estado, Teresina, sexta-feira, 14 de janeiro de 1983, p.12.

2.3 Rivaldinho: o algoz.

Após efetuar muitas diligências para verificar as informações da história do crime, a polícia chegou ao sexto suspeito, o “Rivaldinho”. R.F.A estava a quatro meses de completar dezoito anos de idade. Um vigia da Automaq teria visto “Rivaldinho” subir da praça do Tribunal de Justiça, levando um toca-fitas nas mãos¹⁸³.

“Rivaldinho” morava em uma pensão, localizada na Rua Mato Grosso, 46, zona sul, com um colega universitário da cidade de Água Branca. Segundo os depoimentos, saía todas as noites com amigos que partilhavam os mesmos hábitos e só voltava de madrugada. Sair todas as noites, beber e chegar de madrugada seriam os hábitos comuns aos jovens? Ou haveria outros?

Rivaldo teria dito à polícia que estava em frente à Automaq, na Avenida Frei Serafim, por volta das três horas da madrugada de quarta-feira, tomando ar e sem camisa. Luiz passou de carro e o olhou com insistência. Ao passar pela terceira vez, o funcionário da Caixa Econômica Federal convidou o rapaz para tomar cerveja, e os dois seguiram para a Prainha. Depois de algum tempo, eles seguiram para a estrada Timon - Presidente Dutra, onde o crime teria sido praticado.

Rivaldo era um jovem de pele morena, cabelos pretos e lisos, rosto e olhos arredondados e corpo magro - nenhum atributo que o tornasse um rapaz bonito. Na madrugada do dia 05 de janeiro de 1983, estivera em frente à Automaq, na Avenida Frei Serafim, por volta das 3 horas da madrugada, “tomando ar” e sem camisa, mostrando-se disponível.

Não há referência nos jornais do período ao termo michê ou prostituto para designar os jovens que tinham o costume de sair com Luiz. Assim como ele e os jovens com quem “saía”, deviam existir outros tantos. Entretanto, há referência apenas aos jovens que em troca de dinheiro saiam com homossexuais ou às quadrilha de rapazes especializadas em explorá-los.

Michê era um termo comum em cidades maiores, como São Paulo, onde essa realidade era um fato público e notório, até mesmo objeto de estudo. Embora em Teresina também existisse o mesmo tipo de manifestação sexual, a prostituição masculina ainda não tinha o nome específico. Mas quem eram os michês?

¹⁸³ CRIME DO ESCRITURÁRIO:MATADOR DE LUÍS CONFIRMA AUTORIA. O Estado, Teresina, terça-feira, 18 de janeiro de 1983, p.12.

A origem etimológica do termo é obscura. Aluizio Ramos Trinta, na sua tradução de *A Sombra de Dionísio*, de Michel Maffesoli (1985, p.120), relaciona, baseado no *Dictionnaire Historique de Argots Français*, de G. Esnault, *michette* (seio), *miches* (nádega), *michê* (doença venérea), *michete* (o que paga o amor), e *michetonner* (pagar o amor)...¹⁸⁴

Para Perlongher (1987), o termo *michê* pode ser entendido de duas formas. Uma é ato de se prostituir de um modo geral, ainda que algumas prostitutas e travestis o possam utilizar para identificar seus clientes.

Na segunda maneira, o termo é utilizado para um tipo específico de prostituição: designa jovens rapazes que se prostituem com homens sem abrir mão dos códigos de comportamentos comuns à masculinidade.

Dos seis rapazes que saíam com Luiz, apenas os irmãos Douglas e Deyves não tiveram suas fotografias estampadas nos jornais, talvez porque o pai fosse escrivão da polícia civil. Entre os seis jovens, Ocilene apresentava uma beleza clássica. Todos pareciam ter o jeito típico de garotões da década de 1980, estilo descolado, roupas justas, uma falsa aparência de ingenuidade mesclada com uma pitada flagrante de uma sensualidade latente.

Você bem sabe
 Eu sou um rapaz de bem
 E a minha onda
 é do vai e vem...
 Pois com as pessoas
 Que eu bem tratar
 Em qualquer dia
 Posso me arrumar
 (vê se mora).
 No meu preparo intelectual
 É o trabalho a pior moral
 Não sendo a minha apresentação
 E meu dinheiro é só de arrumação

 Se a luz do sol
 vem me trazer calor
 a luz da lua vem me trazer amor.
 Tudo de graça a natureza dá
 Pra que eu quero trabalhar.¹⁸⁵

¹⁸⁴ PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do *michê*: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.17.

¹⁸⁵ Rapaz de Bem. Johny Alf, Álbum MPB, Abril, 1979.

Perlongher (1987), citando Macrae (1983) e Ottoni (1981), lembra que o “michê é o travesti do homem, assim como o travesti o é o da mulher”. São jovens com uma aparência típica do homem heterossexual, tanto no modo de se vestir quanto no de andar e falar. Os michês atenderiam uma demanda de homossexuais que negam a possibilidade de se relacionarem sexualmente como outros homens igualmente homossexuais.

Os clientes dos michês geralmente procuram jovens que não sejam homossexuais - ou que não se assumem como tais. É um desejo que reflete uma construção positiva em torno da masculinidade heterossexual. Os clientes buscam nesses rapazes uma forma de reproduzir a relação sexual homem/mulher. Para muitos homossexuais, a relação com alguém semelhante equivaleria à relação negativo/negativo.

“amam ou querem fazer amor com um heterossexual disposto a uma experiência homossexual, mas cuja heterossexualidade não seja em absoluto questionada. Ele deve ser macho(donde a falta de hostilidade para com o heterossexual que aceita a relação sexual como simples experiência ou por interesse: com efeito, isso garante a sua heterossexualidade)”¹⁸⁶

Nas relações homossexuais, essa preferência é um reflexo da rejeição aos efeminados, na qual alguns afirmam o quanto são machos e dão preferência aos que também dizem que são ou mostram ser.

Perlongher (1987) aponta para a dissertação defendida por Barbosa da Silva na USP, no início dos anos de 1960, e que uma vez arquivada não mais apareceu. Nesse trabalho, Barbosa faz uma cartografia da prostituição masculina em São Paulo. Em seu mapeamento, o pesquisador dividiu os homossexuais nas seguintes categorias: homossexual, passivo, homossexual duplo e homossexual ativo.

O homossexual passivo, no ato sexual, desempenha papel semelhante ao da mulher. Os de comportamento duplo, tanto podem desempenhar papel feminino

¹⁸⁶ PASOLINI, Pier Paolo. Desbloqueando o tabu. In: Lampião, Ano I, nº 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 02.

quanto masculino. Já os ativos são aqueles que representam apenas papel masculino na relação.

Sobre o assassinato de Luiz da Costa, os exames no Instituto Médico Legal constataram que a vítima manteve relação sexual. Fato que levou a polícia a acreditar que ele tivesse saído com uma mulher.

Após o aprofundamento das investigações, chegou-se à conclusão de que Luiz, na madrugada em que fora morto, saíra com pelo menos dois rapazes, sendo o último o seu assassino. Levando em consideração a primeira conclusão da polícia - a de que Luiz teria tido relação sexual não com uma mulher, mas com rapazes -, teria ele desempenhado o papel ativo na relação sexual com qual dos dois rapazes?

Perlongher (1987) considera que nos anos de 1980 começou a existir uma maior tolerância em relação à homossexualidade, o que teria aumentado o interesse pela relação homossexual por parte de alguns jovens. A combinação de homossexuais ávidos por jovens com rapazes desprovidos de meios de subsistência formais era muito produtiva. Boa parte dos jovens dispostos a manter relações sexuais em troca de dinheiro era composta de adolescentes incipientes na vida sexual. Instalava-se o casamento entre desejo e interesse.

O negócio do michê situa-se na interseção de uma multiplicidade de coordenadas sociais. O interesse homossexual dos jovens pobres não diz respeito apenas ao plano do desejo, mas também à crescente pauperização... dos adolescentes de classe baixa, principais vítimas do desemprego. Este processo enche de bandos de jovens as ruas das grandes cidades brasileiras. O desemprego propicia a perambulação; o quase inevitável encontro com os homossexuais à deriva, à procura de um garoto jovem e rude, dá lugar a um peculiar contrato, no qual uma “ajuda” outorgada ao rapaz pelo cliente serve também de exutório para veicular a consumação sexual, atenuando os reparos “morais” em nome da compensação monetária¹⁸⁷.

Nessa citação, Perlongher faz referência ao fim do milagre econômico no Brasil e à recessão econômica. Combinadas as principais causas dessa pauperização com uma tolerância maior à homossexualidade, testemunhou-se um

¹⁸⁷ PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.107.

aumentou no número de jovens dispostos a fazer tacitamente um contrato de trocas. Segundo Perlongher (1987), tais jovens são os michê-machos, ou bofes, rapazes não assumidamente homossexuais, mas que eventualmente fazem sexo com outros homens sem perder sua macheza.

Em São Paulo, alguns desses jovens têm outras atividades como fonte de renda, moram com a família e se prostituem ocasionalmente; outros começam no período da tarde e atravessam madrugada afora. Aqueles que se prostituem eventualmente o fazem como forma de escape sexual.

Sobre os clientes, boa parte se enquadra no que Perlongher (1987) chama de cliente enrustido - homem homossexual não assumido em seu círculo social. Para alguns gays, aqueles que notoriamente pagam para fazer sexo são vistos de forma inferiorizada. Seriam homens com mais de trinta e cinco anos que por não conseguirem um parceiro sexual pela falta de atrativo físico recorrem aos jovens prostitutos.

Essa característica não se aplica a Luiz, uma vez que a vítima foi assassinada aos 27 anos. Será que Luiz não poderia manter um caso amoroso com outro jovem na mesma faixa etária por que não era possível ou por que só encontrava prazer com o michê-macho, com jeito e fala de macho? Todos os seis jovens que foram citados no homicídio tinham entre 16 a 20 anos. Será que Luiz preferia jovens nessa faixa etária?

Para os prostitutos, os clientes poderiam ser pobres, ricos e não-pobres. Os clientes não-pobres era o termo utilizado para designar professores. Ainda segundo Perlonher (1987), o cliente pobre era chamado de “maricona tumbada”, enquanto o cliente que dispunha de muito dinheiro era chamado de “maricona fudida.” A “maricona podre” era o cliente idoso que, por ter muito dinheiro, esnobava alguns boys ou fazia questão de bancá-los por mera ostentação. O cliente “executivo” se aplicava ao homem com trabalho de boa remuneração, fosse industrial, burocrata ou comerciário.

O cliente professor (universitário, artista) era um tipo singular. A diferença entre o executivo e o professor consistia no fato de que ambos se apresentavam como “ricos”, mas enquanto o executivo procurava impressionar com seu poder econômico, o professor encantaria o rapaz com um discurso intelectual.

Estava na cidade, vi aquele menino, olhos negros, cabelo cacheadinho, lindo e falei pra ele: tem dois punhais de prata dentro dos teus olhos. Até hoje ele lembra da frase. Cada vez que me visita a repete. Ele é michê mesmo, transa com turistas americanos no Rio e ganha muito dólar por noite, mas comigo a transação não é por dinheiro: ele gosta de papo, da curtição. Até fez questão uma vez de me pagar o jantar¹⁸⁸.

Havia ainda o cliente fanchona, “machudo” que na relação com o michê queria exercer o papel ativo, o que algumas vezes terminava em violência. Eram homens que publicamente ostentavam uma postura heterossexual, mas que também se sentiam atraído por jovens másculos.

A “maricona” era o homossexual enrustido com mais de 35 anos. A “tia” era a bicha-velha assumida. O cliente piedoso era o que dava conselhos para o jovem sair daquela vida - os michês encaravam como uma tentativa de fazer com que eles não cobrassem, cobrassem menos ou ainda como artifício para que não fossem roubados. Os clientes depressivos eram aqueles de personalidade dramática – choravam ou diziam que iriam se suicidar. Alguns michês desenvolvem repulsa; outros, pena. O cliente namorado desenvolvia uma obsessão pelo prostituto, a quem prometia tudo. Essas são conclusões de Perlongher.

Após o assassinato de Luiz da Costa, a polícia encontrou uma agenda em meio a seus pertences. Ela continha nomes e endereços de jovens com os quais ele costumava sair. Foi através dela que a investigação chegou aos nomes de alguns rapazes. Na relação de Luiz com eles, havia até espaço para que aquele que o conhecesse há mais tempo manifestasse ciúmes da relação dele com outros jovens. Foi o caso de H.S.A, de 16 anos, que teria disto sair frequentemente com o escriturário para bares e outros lugares, chegando inclusive a dirigir o carro dele. Mas a partir do momento em que Luiz conheceu Deyves, a amizade teria acabado¹⁸⁹.

Se Luiz manteve relação sexual antes de morrer, ele o fez com um dos jovens com quem saiu àquela noite. Esse fato contraria a característica principal dos boys, bofes ou michês: a de desempenhar o papel ativo na relação sexual.

¹⁸⁸ PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.138.

¹⁸⁹ EU NÃO QUERIA DEYVES COM LUIZ. O Estado, Teresina, sexta-feira, 14 de janeiro de 1983, p. 01.

No mundo da prostituição masculina, o rapaz que nas relações com outros homens desempenhasse papel passivo perdia prestígio entre seus pares. Além do que mais, os clientes, ou a maioria deles, buscavam nesses garotos a postura do macho ativo. Mas as exceções não eram coisas tão estranhas.

Alô?
 Alô, quem é que tá falando?
 É o amante profissional
 Como é que você é, hein?...
 Moreno alto, bonito e sensual
 Talvez eu seja a solução
 Do seu problema
 Carinhoso, bom nível social...
 Inteligente e à disposição
 Pr'um relacionamento
 Íntimo e discreto
 Realize seu sonho sexual...
 Prá qualquer tipo de transação
 Sem compromisso emocional
 Só financeiro
 E o endereço prá comunicação
 Prá caixa postal
 Do amante profissional...
 Amor sem preconceito
 Sigilo total!
 Sexo total!
 Amante profissional...
 Moreno alto, bonito e sensual
 Talvez eu seja a solução
 Do seu problema
 Carinhoso, bom nível social...
 Inteligente e à disposição
 Pr'um relacionamento
 Íntimo e discreto
 Realize seu sonho sexual...
 Prá qualquer tipo de transação
 Sem compromisso emocional
 Só financeiro
 E o endereço prá comunicação
 Prá caixa postal
 Do amante profissional...
 Amor sem preconceito
 Sigilo total!
 Sexo total!

A música Amante Profissional foi lançada no álbum de mesmo nome, em 1985, pelo grupo Herva Doce. A composição é de Roberto Ly e refletia os resultados da liberação sexual dos anos 70 e 80. A música começa com uma voz

feminina ao telefone iniciando uma conversa com um possível michê, embora a realidade dos anos 80 fosse outra. Jovens rapazes que ofereciam sexo em troca de dinheiro tinham como público principal os homens. A letra da música possui alguns trechos que sugerem isso.

“Pra qualquer tipo de transação”, “Amor sem preconceito” e “Sem compromisso emocional só financeiro” são características próprias da prostituição masculina voltada para o público masculino. Além da exaltação dos atributos físicos, observa-se também a identificação do nível social. O jovem que na música oferece seus serviços sexuais não se expõe nas ruas como a maioria dos michês, mas possui caixa postal para a manutenção de uma prática mais discreta.

Possivelmente poderia ir à casa dos clientes ou recebê-los. Mas por que na música há o diálogo entre um homem e uma mulher? A explicação mais provável é a de que, a despeito do que afirmava Perlongher (1987) – para quem a década de 80 havia inaugurado o período de maior tolerância à homossexualidade - a sociedade, embora conhecedora desse desdobramento, não aceitava que uma música de sucesso expusesse explicitamente o negócio da prostituição masculina. Ainda que, pela letra da música o entendimento, mais óbvio é o de o anúncio de um michê, típico da prostituição masculina.

2.4 “Então, havia motivo para matar?”¹⁹⁰ - viados e travestis.

O título acima é uma frase do depoimento do perito Vital Araújo sobre o assassinato do carteiro Helzano, mas que foi utilizada neste capítulo para abrir a discussão sobre os porquês que levam ao assassinato de possíveis homossexuais.

O veado no mato é bicho corredor
Corre veado lá vem caçador
Lá vem caçador, lá vem caçador
Corre veado lá vem caçador¹⁹¹

¹⁹⁰ ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 6 jul. 2011, p.03.

Em 1973, Aurino Quirino Gonçalves, o Pinduca, lançou seu primeiro vinil na cidade de Belém do Pará. Com mais de 15.000 cópias vendidas, o cantor começava a divulgar um estilo de música regional - o carimbó. Entre as dez músicas, O Caçador era a de número cinco do lado A do disco de vinil¹⁹².

À primeira vista, a música de três minutos e cinquenta e cinco segundos, composta de quatro versos, com informações típicas da região amazônica (floresta, animal, caça) seria apenas uma forma bem humorada de retratar o cotidiano daquela região através de um ritmo envolvente.

Pinduca, segundo Amaral (2005), não teria tido problemas com a censura da Ditadura Militar porque seu estilo musical regional não agredia o regime¹⁹³. Contudo, embora simples e com poucas frases, a música não teve como único objetivo retratar o cotidiano de parte da população paraense.

Temos dois personagens simbólicos na canção: o veado e o caçador. A relação entre os dois sujeitos na música nos faz pensar na relação entre o homem homossexual versus o homem heterossexual, como sinônimo de perseguição, rivalidade, fuga, medo. Ao mencionar o caçador à procura de um veado, lembrei da fala do perito Vital Araújo quando utilizou a expressão o “nosso viado”¹⁹⁴.

Para explicar como a palavra “viado” passou a ser associada aos homossexuais, James Green (1999) conta que, no Rio de Janeiro na década de 1920, um comissário de polícia foi encarregado de prender todos os homossexuais das Praças Tiradentes e República. O comissário, não logrando êxito, teria relatado que a tentativa de fazer a abordagem teve como resultado a dispersão dos homossexuais, que saíram em disparada, correndo como veados. A divulgação do episódio teria contribuído para a associação da espécie animal a uma das manifestações da sexualidade masculina¹⁹⁵.

¹⁹¹ O Caçador LADO A. Pinduca; LP Vinil Carimbó e Sirimbó do Pinduca. Beverly Som e Eletrônica LTDA, 1973.

¹⁹² FERNANDES, Leonardo. Pinduca: pioneiro da modernidade musical paraense. www.orgulho.diarioonline.com.br/noticia-int.php?idnot=67889. Acessado em 08/02/2013.

¹⁹³ AMARAL, Paulo Murilo do. Tradição e modernidade no carimbó urbano de Belém. Publicado no Periódico Músicas e Suas Interfaces, EDUEPA/2005(Belém/PA). www.overmundo.com.br/overblog/tradicaomodernidade-no-carimbo-de-belem. Acessado em 08/02/2013.

¹⁹⁴ ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 6 jul. 2011, p.01.

¹⁹⁵ GREEN, James Naylor, FINO, Cristina, LEITE, Cássio Arantes. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX, UNESP, 1999.

No caso da música de Pinduca, o caçador representa o homem macho, viril em busca de “abater” a presa. Enfim, a relação expressa traz certa “naturalidade” ao fato de o caçador ter como função caçar e abater a presa. Mas também há certa “naturalidade” no fato de que o caçador tem como ato final comer a presa. Nesta relação, as palavras caçar, abater e comer podem assumir conotações variadas. Diante da aproximação do caçador, cabe ao veado correr para não ser morto. E para ter essa possibilidade de fuga mediante a sua velocidade, o veado deve estar atento a qualquer movimento a sua volta. Quando os meios de imprensa escrita passaram a divulgar com maior ênfase as mortes de homens que se envolviam sexualmente com outros homens?

“Matar veado não é homicídio é caçada.”¹⁹⁶. A frase do jornalista Berbet é um reflexo de como uma ala da sociedade brasileira via os assassinatos de homossexuais. Percebemos que na posição do jornalista há o imperativo de que em um crime de morte no qual a vítima fosse um homossexual poderiam recair vários atenuantes. Na posição do jornalista, percebe-se a tentativa de naturalização contida na música O Caçador, de Pinduca.

Segundo Mott (1988), a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo era praticada no Brasil antes da chegada dos portugueses. “Tibira” era o termo atribuído aos indígenas do sexo masculino e “çacoaimbeguira” era a expressão conferida às mulheres. Com a chegada dos primeiros africanos, tratou-se logo de identificar aqueles que praticavam relação sexual com pessoas do mesmo sexo. “Quimbanda” foi o termo atribuído aos homens e “aló” as mulheres¹⁹⁷.

Em Portugal, a sodomia não era apenas o pecado mais sujo, como também o crime mais torpe¹⁹⁸. Desde muito cedo os pais orientavam seus filhos a reagirem de maneira violenta a qualquer investida homossexual¹⁹⁹.

Mott (1989) informa que as primeiras execuções de homossexuais na Colônia ocorreram no século XVII. Em 1613, em São Luís do Maranhão, um índio tupinambá

¹⁹⁶ A Tarde, Salvador, 12/07/1982, frase de autoria do jornalista José Augusto Berbet. In: MOTT, Luiz Roberto. Homofobia: a vilolação dos direitos humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil. Grupo Gay da Bahia/ International Gay and Lesbian Human Rights Commission, 1997. p. 1-2.

¹⁹⁷ MOTT, Luiz Roberto. O sexo proibido: virgens. Gays e escravos nas garras da Inquisição. Campinas: Papyrus, 1988.

¹⁹⁸ SIQUEIRA, Sonia. A Inquisição portuguesa e sociedade colonial. São Paulo: Ática, 1978.

¹⁹⁹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, (Lisboa, Portugal). I.L., Caderno do Nefando nº 4769/4230 (1665-1692).

teve o corpo amarrado à boca de um canhão e despedaçado. Em Sergipe, em 1678, um jovem negro fora açoitado até a morte por ter cometido o pecado de sodomia²⁰⁰.

Nesses primeiros casos, as intuições constituídas são as responsáveis pelas execuções ou punições. Geralmente as autoridades religiosas acusavam e davam andamento ao processo, cabendo ao Estado executar a pena - que ia desde castigos corporais à pena capital.

Desde o final dos anos de 1960, quando a sociedade ocidental passou e experimentar mudanças comportamentais e sexuais, perceberam-se mudanças significativas quanto à morte de homossexuais ou possíveis homossexuais. O poder laico ou religioso já não eram os responsáveis diretos pela aplicação de penas aos homossexuais, embora contribuíssem indiretamente para a prática dos assassinatos.

O Estado - através de seus órgãos policiais e judiciais - quando não inoperante, mostrava-se ineficiente na investigação dos crimes. A Igreja, por considerar a homossexualidade um pecado dos mais sujos, dava respaldo àqueles que se achavam no direito de eliminar os homossexuais do convívio social. Por outro lado, muitos crimes decorriam da relação entre homossexuais, ou seja, parceiros da relação de homossexuais com algum michê, ou ainda do envolvimento de um homossexual com homem que consideravam a si mesmos heterossexuais..

A causa das mortes em muitos crimes é resultado da intolerância, na qual um homem ou um grupo de homens realizam uma verdadeira caçada a homossexuais. Outras mortes decorrem do interesse material de um dos parceiros. É recorrente alguns jovens se relacionarem com homossexuais em troca de um retorno financeiro ou agrados. Quando isso não ocorre, muitas vezes a situação leva a uma briga que termina em morte.

Há uma situação singular que leva à morte de alguns homossexuais. Alguns homens sentem atração sexual por eles e terminam consumando o desejo, mas não suportam o fato de aqueles terem tido um envolvimento sexual com outro homem, resultando em uma reação violenta que muitas vezes termina em morte.

Um homem na faixa dos cinquenta anos que não quis se identificar relatou que certa vez, nas primeiras horas da madrugada, no início da década de 1980,

²⁰⁰ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando nº 14; MOTT, Luiz Roberto. A Inquisição em Sergipe. Aracaju: FUNDESC, 1989.

encontrou um parceiro na Avenida Frei Serafim. Os dois teriam recuado para uma das ruas que corta a avenida e consumado o ato sexual.

O entrevistado disse que terminada a relação, baixou-se para subir as calças. Por instinto, percebeu que o parceiro estava com uma faca na mão. O entrevistado afirmou que ao seu alcance havia toras de madeiras e que, ao levantar-se, atingiu o companheiro com uma delas e saiu a correr²⁰¹. O que lhe chamou atenção nessa experiência foi o fato de o parceiro mostrou sentir prazer na hora do ato sexual e após a relação o parceiro demonstrou sentir repulsa ao ato consumado.

A travesti Isabellita Kennedy²⁰² começou a vestir-se de mulher ainda com dez anos de idade e parou de estudar por não suportar a perseguição na escola. Antes da puberdade, envolveu-se com um senhor na faixa dos cinquenta anos. Ele não queria que Isabellita se vestisse de mulher, preferia que ela mantivesse a aparência de garoto, o que não aconteceu. Os problemas também estavam dentro de casa. O pai não aceitava a sua condição, e por isso a amarrava por diversas vezes para que ela não saísse de casa. O resultado mais imediato dessa situação foi que Isabelita começou a se prostituir muito cedo nos anos de 1980.

Isabellita disse que uma das situações de maior risco por que passava estava relacionada ao contato com homens os quais chamou de problemáticos. Era o momento em que ela tinha que ser psicóloga. Alguns homens a procuravam, iam ao motel e consumavam o ato sexual. Depois “do nada,” o parceiro surtava, começava a falar que aquilo era errado, que não precisava daquilo, que era casado e chorava.

Isabellita relatou que muitas vezes utilizava todos as suas táticas conseguidas com as experiências das ruas para não ser assassinada dentro de um quarto de motel por um homem que a princípio havia demonstrado interesse em sair com ela e que, após a consumação do programa, manifestava “arrependimento”²⁰³. Tais homens chegavam a chorar dizendo que não precisavam sair com travestis porque tinha uma esposa em casa e demonstravam que a única forma de compensar esse arrependimento era agredir física e verbalmente o parceiro.

As pesquisas mostram que Luiz da Costa saía habitualmente com jovens rapazes. Alguns deles queriam apenas demonstrar a amigos que conseguiam tirar proveito da relação. Às vezes Luiz era visto com dois rapazes em bares ou

²⁰¹ Entrevistado que não quis se identificar I.

²⁰² KENNEDY, Isabellita. Entrevista concedida ao pesquisador Hélio Secretário dos Santos no dia 15 de novembro de 2012.

²⁰³ Idem.

churrascarias. Depois seguia apenas com o jovem com quem iria manter relação sexual. Além de beber às custas de Luiz, o rapaz que mantivesse um contato mais íntimo com ele deveria receber em troca mais que algumas cervejas pagas antes do contato.

Na madrugada em que foi morto, o funcionário da Caixa saiu com dois rapazes, Deyves e Rivaldinho, e com um deles manteve relação sexual. Rivaldinho fora o último a sair com ele. Sua morte estaria ligada a esta relação sexual ou ao roubo do toca-fitas de seu carro.

Não havia sido a primeira vez que Rivaldinho fizera da Avenida Frei Serafim seu local preferido para tomar ar fresco sem camisa às 3 horas da madrugada. As pesquisas indicam que Luiz não fora o primeiro homem a convidar Rivaldinho para “tomar cerveja”. Rivaldinho o matara apenas para roubar o toca-fitas do carro ou por que na relação sexual teria desempenhado o papel passivo.

Se a relação sexual fora praticada com o primeiro rapaz, Rivaldinho matou Luiz apenas para roubar o toca-fitas. Entretanto, as suposições não são tão simples. A perícia não informou quantas relações sexuais o escriturário havia mantido aquela noite. E se a perícia fez o exame em seu órgão genital, deixou de examinar o ânus. A única certeza quanto à relação sexual é a de que Luiz, naquela madrugada, desempenhou o papel ativo na relação, não se sabendo com quem nem quantas vezes.

Quando o carteiro Helzano foi assassinado em 1977, veiculou-se a informação de que o cadáver passaria por exames para identificar se o jovem era homossexual. Ora, tal exame poderia constatar essa possibilidade apenas por uma análise ocular. Pelas circunstâncias de sua morte, as pesquisas indicam que, para detectar a homossexualidade em Helzano, a perícia iria examinar seu ânus na tentativa de encontrar algum vestígio que indicasse a prática de uma relação sexual anal recente. Mas, “então, havia motivo para matar?”²⁰⁴

Ao longo de várias décadas, a relação construída entre a ideia do que é ser homem e a do que é ser homossexual foi de diferença, de como se o homossexual masculino não fosse um homem e não gostasse de coisas de homem. Não obstante, o homossexual masculino tem uma preferência sexual diferente. Ele não necessariamente precisa ser efeminado, carregado de trejeitos e ser passivo no ato

²⁰⁴ ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 6 jul. 2011, p.03.

sexual. Essas são apenas possibilidades, entre outras. Mas, como disse Elisabeth Badinter, “será sempre um pouco mais demorado e mais difícil fazer um homem do que uma mulher”²⁰⁵.

Luiz da Costa foi assassinado com um tiro na cabeça. Antes, porém, recebeu uma paulada sobre o olho direito, que acabou exposto para fora da cavidade ocular. Quando o corpo foi encontrado o jovem estava com uma cueca.

Em 1983, era comum a um jovem de 27 anos sair no final de semana para ir a festas ou a bares com amigos. Mas não foi o caso de Luiz. Segundo a irmã do rapaz, ele havia ido à universidade numa terça-feira, no turno da tarde, para ser encontrado morto na quarta-feira. Luiz assistiu à primeira aula, conforme colegas de turma, e depois começou a sua peregrinação pela noite de Teresina.

Segundo informações, Luiz era do tipo que não tinha muitas amizades com outros homossexuais. Por isso, para não levantar suspeitas estava sozinho nas suas andanças em busca de “transa homossexual”.²⁰⁶ Quando se encontrava em algum bar ou churrascaria, era visto acompanhado de rapazes mais jovens que ele, como os seis nomes que apareceram nas investigações.

Luiz saiu de casa por volta das 7 horas da noite de terça-feira, dia 04 de janeiro de 1983, para assistir a aulas. Segundo depoimento do seu assassino, eram 3 horas da madrugada de quarta-feira quando, depois de passar três vezes em frente a revendedora de carros Automaq. Luiz convidou Rivaldinho para tomarem cerveja na Prainha. Antes disso, de acordo com depoimento de um cliente do Bar da Dona Dezinha, situado quase em frente à Igreja São Benedito, teria passado várias vezes olhando para os rapazes que ali bebiam ou simplesmente conversavam. As pesquisas apontam que na noite em que foi assassinado Luiz manteve relações sexuais com mais de um rapaz.

Segundo jornal O Dia, Deyves confessou à polícia que na noite do homicídio teria mantido três relações sexuais com Luiz. A polícia chegou rápido aos jovens porque no local do crime havia uma agenda com os dados das pessoas com quem ele costumava sair. Na agenda, foi encontrado o nome de um funcionário do setor de cadastro do Banco do Estado do Piauí, conhecido apenas como Paulinho. A

²⁰⁵ BADINTER, Elisabeth. XY: a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p.189.

²⁰⁶ POLÍCIA JÁ POSSUIA UMA CONFISSÃO CONTRADITÓRIA. O Dia, Teresina, sábado, 15 de janeiro de 1983, p.12.

polícia considerou Paulinho um travesti²⁰⁷ que participava de orgias sexuais em companhia dos três, Luiz e os irmãos Douglas e Deyves - este último, que à época era menor de idade, segundo o Jornal O Dia.²⁰⁸ É preciso entendermos os motivos que levaram a polícia considerar o homem de nome Paulinho como travesti e quais os atributos que um homem deveria ter ou que deveria fazer para ser considerado como tal

A única diferença entre os travestis e as stars 'de cinema está no pênis e nos testículos (dos travestis), únicos resquícios masculinos exteriores que ainda lhes restam, mas que podem ser dissimulados entre as coisas com o auxílio de um adesivo (sendo que o melhor é emplastro Sabiá, que não fere a pele pelo uso constante). E é assim que um travesti aparece em público, muitas vezes despido quase que totalmente, em shows e bailes de carnaval, deixando que as dúvidas parem mesmo entre aqueles garanhões que se gabam de conhecer mulheres. Dificilmente se pode falar sobre travestismo em termos da sociedade de hoje, que não seja ligando-o diretamente à prostituição, porque o fato é antes de mais nada econômico. Contam-se nos dedos as exceções, isto é, aqueles que atuam *em* shows, ou são maquiladores ou cabeleireiros, e que também adotaram o travestismo como forma de realização pessoal. Sendo o travesti-prostituto um sucedâneo da mulher prostituta, de pode realizar como passivo muitas atuações numa noite, assim como elas, apenas simulando o prazer. Mas existem os casos, que são até comuns (e dizem os travestis que cada vez mais freqüentes), de clientes que os procuram exclusivamente para serem sodomizados. É um complicado jogo de consciência disputado com o complexo de machice em que subsiste a argumentação de estarem sendo possuídos por uma mulher...²⁰⁹

²⁰⁷ Hoje, travesti ficou sendo aquele (ou aquela bem mais raramente) que use roupas do sexo oposto e que elabore o próprio corpo com atitudes, posturas, maquilagem. Hormônios e cirurgias plásticas a fim de assemelhar-se ao sexo imitado - o que ironicamente, no caso atual de certos travestis masculinos, supera em feminilidade o modelo adotado... (sempre naquele sentido modernoso que se lhe dá hoje), é um indivíduo dotado de boa dosagem (?) homossexual, digamos que seja daquele tipo de homossexualidade que mais se aproxima do feminino (a gama é imensa, como já foi dita e que por razões diversas, mas principalmente para satisfazer o ego, tenta uma semelhança com o sexo oposto. PENTEADO, Darcy. O travesti, este desconhecido. Lampião da Esquina, Ano 2, Nº 22, Rio de Janeiro, março de 1980, p.12.

²⁰⁸ PRESOS HOMOSSEXUAIS IMPLICADOS NO CRIME. O Dia, Teresina, segunda-feira, 17 de janeiro de 1983, p.12.

²⁰⁹ PENTEADO, Darcy. O travesti, este desconhecido. Lampião da Esquina, Ano 2, Nº 22, Rio de Janeiro, março de 1980, p.12.

Para Penteado (1980), o travesti sente a necessidade de chamar atenção para si. Uma vez travestido, apresenta personalidade diferente da que possui no cotidiano. Paulinho exercia uma profissão incomum, considerando as que Penteado elencou, pois trabalhava em um banco, ao qual provavelmente não ia vestido de mulher. A polícia também não esclareceu se ele se prostituía à noite. Talvez o motivo que convenceu a polícia a considera-lo travesti fosse seu comportamento efeminado.

Ao ser constatado o assassinato, o corpo de Luiz foi levado para a Delegacia de Timon, na Avenida Presidente Médici, 1237. Permaneceu exposto do lado de fora, sobre uma cama de espaguete, para satisfação dos curiosos e para desespero dos colegas de trabalho, que se comoviam com a cena.

Tóxico, orgias e homossexualismo estão relacionados com a morte do escriturário Luiz da Costa Leite, sobre o qual nem todos sabiam de suas variantes sexuais, ainda mais que era noivo de uma colega de trabalho, segundo revelou estarecido uma dos funcionários que trabalhava com ele, ao tomar conhecimento de tais anormalidades²¹⁰.

Notícias sobre violência envolvendo homossexuais aparecem com mais frequência nos jornais de Teresina a partir dos anos de 1980. Antes do episódio do assassinato de carteiro Helzano, em maio de 1977, não há referência à violência contra homossexuais que ganhasse ênfase nas publicações do período. A partir dos anos de 1980 é possível encontrar notas tratando de roubos ou brigas, cujos principais personagens são considerados pela polícia homossexuais. Nesses episódios, era comum a associação a drogas, roubos e sexo.

Os homossexuais Valter Pereira da Silva e Floriano de Oliveira Santos combinaram um encontro, mas quando os dois estavam sós, houve um desentendimento e Valter, que tem um físico mais avantajado, tomou o relógio de marca

²¹⁰ DELEGADO DO 1º DISTRITO EVITA REVELAR DADOS SOBRE O HOMICÍDIO. Jornal da Manhã, Teresina quarta-feira, 12 de janeiro de 1983, p.11.

oriente, de propriedade de Floriano. Os dois estão presos na Delegacia do 5º Distrito Policial²¹¹.

Na citação acima, o jornal preferiu substituir o termo “roubou” por “tomou”. Ainda destacou que a força física foi favorável a Valter em sua empreitada – a de apropriar-se do relógio de Floriano. Vejamos o que disse o jornal:

Segundo informou ontem o delegado, Sr. João Batista Lusardo Soares, os dois homossexuais que foram presos são casados na zona leste da cidade. Valter e Floriano se encontraram ontem pela manhã e combinaram manter relações sexuais e seguiram para um local que oferecesse condições, mas ao chegar lá, os dois começaram a brigar e foram aos tapas. Floriano, como era mais fraco, acabou perdendo na briga e ainda teve seu relógio tomado por Valter...²¹²

As informações trazidas pelo jornal são intrigantes. O delegado afirmou que os dois eram homossexuais e casados, dando a entender que dividiam a mesma casa, mas se assim o fosse, Valter e Floriano não marcariam um encontro pela manhã para depois manterem relação sexual, nem Valter “tomaria” o relógio de Floriano.

Esse episódio se assemelha muito mais a uma relação entre michê e cliente. Se os dois fossem “casados,” não haveria necessidade de marcarem um encontro, muito menos de um “tomar” o relógio do outro. Talvez por considerar a relação de Valter e Floriano um casamento, o delegado usou o verbo “tomar” em detrimento de “roubar”.

Ao que parece, o fator determinante para a afirmação do delegado foi o fato de Valter e Floriano terem marcado um encontro para manterem relação sexual. Implicitamente, podemos perceber a reprodução da relação ativo *versus* passivo entre Valter e Floriano, no qual o primeiro, por ser mais “forte,” conseguiu se apossar do relógio do segundo. Mais um fato que reforça a ideia de casamento, em que o

²¹¹ HOMOSSEXUAIS BRIGAM E SÃO PRESOS PELO 5º DP. O Estado, Teresina, sábado, 06 de janeiro de 1980, p.08.

²¹² Idem.

homem representa a força e a mulher, a fraqueza. O delegado que reforçou a ideia de que Valter, por ser mais forte, homem ativo que Floriano, “mulher”, passivo, não encontrou resistência em tirar-lhe o relógio. Associar a delicadeza à homossexualidade é mais um mito entre vários, nem todos os homossexuais demonstram fraqueza ao se sentirem ameaçados. Vejamos outro caso:

O travesti Luiz Francisco de Moura, apelidado por “Núbia”, foi flagrado no Mercado Central quando tentava furtar uma grande quantidade de confecções de propriedade de um comerciante, cujo nome não foi revelado. A detenção do travesti foi efetuada por PMs, que iam passando pelo local...²¹³

Núbia era um homem de estatura baixa, negro, cabelo crespo, na faixa etária dos trinta anos, com roupas sujas e rasgadas. Algumas dessas características não se enquadram naquelas típicas de um travesti. Em “Núbia”, apenas o nome e atitudes efeminadas fizeram os policiais a considerarem um travesti. Tudo leva a crer que “Núbia” já era conhecida no Mercado Central de Teresina. Para um travesti típico, não basta um nome de mulher e a imitação de trejeitos femininos. A roupa, a maquiagem e o cabelo têm que reproduzir a aparência feminina.

O professor Bernardo Pereira de Sá Filho, ao discutir a prostituição feminina na cidade de Teresina entre 1930 a 1970, mencionou que na década de 70 a quantidade de travestis era significativa. Numa entrevista com Antonio Pereira da Silva, o “Cavalheiro”, o entrevistado relatou a convivência entre as prostitutas e as bichas ou travesti sexual²¹⁴.

Cavalheiro ressaltou as características femininas de alguns travestis, como o cabelo “estirado” e as coxas grossas. O público certo desses travestis eram vendedores de mercadorias de outras cidades, como Picos, ao Sul do Estado. Os homens começavam a chegar ao domingo para os negócios da semana. Ao cair da noite de segunda-feira, vendedores, travestis e prostitutas ficavam “conversando”

²¹³ “TRAVESTI” QUERIA ROUBAR CONFECÇÕES. O Estado, Teresina, terça-feira, 25 de janeiro de 1983, p.12.

²¹⁴ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina(1930/1970). Teresina, 2006. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí.

em frente aos hotéis em que se hospedavam. Alguns desses homens saíam com os travestis para transarem – ou o faziam no próprio hotel.

Boa parte dos travestis encontrados na fala de Cavalheiro trabalhavam nesses hotéis, de tal forma que possuíam uma proximidade maior com os clientes do estabelecimento. Segundo o professor Bernardo Pereira de Sá Filho, quanto mais parecido com uma mulher fosse o travesti, maior era a possibilidade de ele se relacionar sexualmente com alguns daqueles homens.

Há um detalhe interessante no depoimento de Cavalheiro: a afirmação de que os travestis trabalhavam nos hotéis/prostíbulo. A julgar pelo momento em que isso aconteceu, assim como as prostitutas esses travestis trabalhavam nos estabelecimentos porque não havia espaço para eles em outros lugares, nem mesmo na casa em que nasceram; restava, portanto, buscar algum tipo de função nos estabelecimentos de prostituição.

Cavalheiro nasceu em um cabaré porque a mãe era prostituta. Naquele ambiente, ainda garoto teve sua primeira relação sexual. Sua função era “arrumar quarto de muié”²¹⁵, ou seja camareiro.

Sá Filho (2006) entrevistou Cavalheiro em 1999, por isso é possível perceber algumas dificuldades do entrevistado com certos conceitos, a exemplo de “travesti sexual” - ao que parece, ele quis fazer uma fusão entre as palavras travesti e homossexual. As palavras que ele menciona sem atropelos são bicha e viado. Na segunda metade da década de 1970, a presença de travestis, chamados de terceiro sexo, no centro de Teresina era motivo de preocupação para a polícia.

... o delegado do 1º Distrito, bacharel Edvaldo Moura, surpreendeu os adeptos do terceiro sexo com a infausta notícia de que doravante nenhum pederasta poderá circular naquela zona ou em qualquer parte daquela área com segundas intenções. São constantes os casos de denúncia, principalmente de homens vindos do interior que enganados pelas “bonecas” são levados para “casas de cômodo” para prática de atos libidinosos pensando se tratar de mulher. Nessa ocasião os pederastas aproveitam a inexperiência das vítimas roubando-lhes todo o dinheiro²¹⁶.

²¹⁵ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina(1930/1970). Teresina, 2006. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí p.75.

²¹⁶ GUERRA TAMBÉM AO TERCEIRO SEXO. O Estado, Teresina, quarta-feira, 12 de janeiro de 1976, p.13.

Há três expressões importantes na citação: “terceiro sexo”, “casas de cômodo” e “pederastas”. A primeira expressão era utilizada para identificar os homossexuais, assim como Simone de Beauvoir²¹⁷ chamou as mulheres de “segundo sexo”.

As “casas de cômodo” eram uma referência aos vários prostíbulos que existiam na Rua Paissandu. Há, entretanto, uma confusão quando se trata da palavra “pederasta”. O delegado chama as “bonecas,” uma referência aos travestis, também de pederastas, ao mesmo tempo em que afirma que tais “bonecas,” por terem uma aparência feminina, enganavam os homens “inexperientes” do interior.

Foi na década de 1970 que expressões que identificavam pessoas que se relacionavam sexualmente com o mesmo sexo ganharam impulso. Talvez fosse esse o motivo da confusão. O próprio título da matéria é um exemplo disso. Embora a velha palavra pederasta ainda fosse utilizada, as expressões “bonecas” e “terceiro sexo” já não eram ignoradas. A expressão “terceiro sexo” era uma tentativa de se fazer reconhecer a homossexualidade como uma manifestação sexual diferente.

Desde a década de 1970 que os gays se fizeram mais visíveis, reivindicando direitos e garantias. Pôde-se observar também o aumento da violência para com esse grupo. Não faltaram o deboche, o escárnio e a marginalização para os gays. Os diferentes cedo ou tarde não suportariam a pressão na família, escola, igreja e outras instituições²¹⁸.

A masculinidade hegemônica legitimou que os homens heterossexuais “punissem” qualquer pessoa que tentasse subverter a ordem estabelecida. Assim foi com as mulheres que na Idade Média queriam inverter a posição no ato sexual. Sobre elas caía o estigma da bruxaria e da loucura, e por consequência, as punições também²¹⁹.

²¹⁷ Em o Segundo Sexo, Simone de Beauvoir examina a condição feminina em todas as suas dimensões: a sexual, a psicológica, a social e a política. E propõe os caminhos que podem levar à libertação não só das mulheres como, sobretudo, dos homens. E é a própria autora que afirma: “O certo é que até aqui as possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade; já é tempo, em seu interesse e no de todos, de deixá-la enfim correr todos os riscos, tentar a sorte. BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: fatos e mitos. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

²¹⁸ MOTT, L. Os homossexuais: as vítimas principais da violência. In: VELHO, G. e ALVITO, M. (Orgs.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 99-146.

²¹⁹ DAVIS, N. Z. As mulheres por cima. In: _____. *Culturas do povo. Sociedade e Cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. e MICHELET, J. *A Feiticeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

Nem sempre a homossexualidade esteve desvinculada da masculinidade. Na Grécia Antiga, a pederastia consistia em um ritual de passagem. Em Atenas, existia o 'erastes', professor-tutor, e o 'eromenos', que só se tornaria um adulto após essa fase de iniciação²²⁰.

Em Esparta, a bravura militar e homossexualidade não estavam desvinculadas. Entretanto, havia restrições. Na Antiguidade, o homem adulto não poderia exercer o papel passivo na relação. A passividade e atitudes femininas eram consideradas características de um homem fraco.

Se na Grécia Antiga os efebos satisfaziam os homens adultos, na Roma Antiga coube aos escravos jovens servir aos seus senhores.

Nesse mundo não se classificavam as condutas de acordo com o sexo, amor pelas mulheres ou pelos homens, e sim em atividade e passividade: ser ativo é ser másculo, seja qual for o sexo do parceiro chamado passivo. Ter prazer de modo viril, ou dar prazer servilmente, tudo está nesse ponto²²¹.

No século XVIII, não havia espaço digno para homens sensíveis e frágeis. Tinha valor a força física, que acabou por integrar a constituição do homem ocidental²²². Virilidade e força física eram a bola da vez.

O século XVIII produziu uma quantidade considerável de obras literárias sobre as excentricidades das pessoas sexualmente anormais. Eunucos, hermafroditas, homossexuais, lésbicas e mulheres que se travestiam foram objeto de tratados, ataques satíricos, diatribes morais e ficção erótica que, apesar de suas diferenças literárias,

²²⁰ DOVER, K. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994; FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. 5 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988; BREMMER, J. (Org.). *De Safo a Sade. Momentos na história da sexualidade*. Campinas: Papirus, 1995.

²²¹ VEYNE, P. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, P. e BEJÍN, A. (Org.). *Sexualidades Ocidentais*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.43.

²²² ROSSEAU, G. S. e PORTER, R. Introdução. In: _____. (Org.). *Submundos do Sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

tinham um denominador comum: satisfazer o interesse lúbrico dos leitores²²³.

Os padrões sexuais foram se tornando cada vez mais fechados. Vestir-se ou ter atitudes diferentes constituíam atos que destoavam do normal.

O travesti erotizou o mundo. Não só as pessoas se livraram de suas inibições como também podiam experimentar, hipoteticamente pelo menos, um novo corpo e seus prazeres. A troca de roupa era também uma troca de desejos. O resultado era a fuga do 'natural' — de tudo o que fosse culturalmente preordenado — para os novos domínios da desordem voluptuosa²²⁴.

No século XIX, o controle a qualquer ameaça à ordem social tornou-se mais intenso, principalmente se tal ameaça estivesse relacionada à sexualidade. Foi o que Michel Foucault chamou de 'implantação perversa'. Tentou-se enquadrar a sexualidade nas relações conjugais.

Incontrolável família dos perversos que se avizinha dos delinqüentes e se aparenta com os loucos. No decorrer do século eles carregam sucessivamente o estigma da 'loucura moral', da 'neurose genital', da aberração do sentido genésico', da 'degenerescência ou do desequilíbrio psíquico'²²⁵.

Ainda no século XIX, a homossexualidade, além de ser considerada pecado, passou a ser uma espécie sexual. A homossexualidade como espécie sexual foi uma construção do discurso médico, que a tornou uma manifestação patológica. No Brasil, ainda permanece a relação ativo versus passivo, na qual o viado é sempre o passivo. Na maioria das vezes o ativo é aquele homem que tem o desejo sexual insaciável, a tal ponto de buscar satisfazê-lo com outros homens, e quase nunca é

²²³ WAGNER, P. O discurso sobre o sexo, ou o sexo como discurso. Erótica médica e paramédica no século XVIII. In: ROSSEAU, G. S. e PORTER, R. Op. Cit., p. 78.

²²⁴ CASTLE, T. A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In: ROSSEAU, G.S. e PORTER, R. Op. Cit., p. 201.

²²⁵ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 5 ed., 1988, p. 41.

visto como viado. Por isso Richard Parker diz que no Brasil surgiram tipos sexuais que caracterizam uma subcultura urbana peculiar²²⁶.

Na França, Michel Pollack também observou essa manifestação, na qual o 'fodido' é recriminado socialmente por romper com a ordem natural das coisas, enquanto o 'fudedor' não²²⁷.

O culto à virilidade, a defesa da existência de uma ordem natural, o sexo voltado para a reprodução e a importância da religião na sociedade ocidental são justificativas para a violência contra homossexuais.

À medida que o público homossexual ganhou visibilidade, principalmente a partir da década de 1970, o índice de violência contra eles tem aumentado. Por outro lado, para Silvério Trevisan, as contradições dessa ordem e os abalos sofridos pela virilidade têm construído um homem menos duro e mais flexível.²²⁸ Mas vejamos o que diz Elizabeth Badinter sobre a homofobia:

A homofobia reforça em muitos homens sua frágil heterossexualidade. É, pois um mecanismo de defesa psíquica, uma estratégia destinada a evitar o reconhecimento de uma parte inaceitável de si mesmo. Dirigir a agressividade contra os homossexuais é uma maneira de exteriorizar o conflito e fazê-lo suportável²²⁹.

A violência contra os homossexuais parecia quase justificável socialmente. Em um passado não muito distante, essa reação violenta e a punição eram legitimadas legalmente. Chegava-se a compreender por que heterossexuais sentiam ódio extremo ao ver homossexuais, principalmente se ele fosse efeminado, nele descarregando todo o seu furor. Essa reação violenta manifesta uma tentativa de eliminar toda e qualquer ameaça à virilidade, ao jeito do homem de ser e à força masculina. Se a fraqueza atribuída às mulheres as tornava inferiores aos olhos dos homens, de maneira alguma uma postura feminina seria aceita em um homem.

²²⁶ PARKER, R. Homossexualidade masculina. In: RIBEIRO, M. (Org.). *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 330-341.

²²⁷ POLLAK, M. *Os Homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1988.

²²⁸ TREVISAN, J. S. Naturalidade: uma pose difícil de ser mantida. In: _____. *Seis Balas num Buraco Só*. São Paulo: Record, 1998.

²²⁹ BADINTER, E. *XY: A Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 119.

CAPÍTULO III

3 Um romance secreto: a morte de “Chocolate”

“Chocolate” era o apelido de Antonio Soares da Costa, assassinado na madrugada do dia 12 de fevereiro de 1984, uma segunda-feira. Antonio tinha 26 anos, segundo Jornal O Estado (para o Jornal O Dia eram 33 anos) e fazia cobranças para escritórios de advocacia na cidade de Teresina. O assassinato se deu em seu escritório, situado na Rua David Caldas, 1309.

Os jornais da capital do início da década de 80 noticiavam sobre a expansão urbana da cidade de Teresina, engrandecendo o que foi chamado de crescimento vertical - uma referência à construção do prédio de Telecomunicações, no centro da cidade. Segundo o jornal O Estado, era mais um desdobramento do crescimento urbano de Teresina. Depois de ter ultrapassado a outra margem do Rio Poty e de ter alcançado o Quilômetro Sete da BR 306, em direção à zona sul da cidade, a nova tendência era a construção de edifícios, principalmente os residenciais, na cidade²³⁰.

A peça de teatro Itararé - a República dos Desvalidos(1983), de autoria de José Afonso Lima, era aclamada em 1984. A peça seria levada pelo GRUTEPI²³¹ para as principais cidades brasileiras. Relacionada ao crescimento urbano de Teresina, a peça fazia uma crítica à construção de conjuntos habitacionais, como o Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde I, o maior deles construído até 1984²³².

Este era o cenário em transformação onde ocorreu o trágico acontecimento da morte de Antonio da Costa que foi por alguns chamado de “romance secreto”²³³.

²³⁰ MAIS DOIS EDIFÍCIOS NA CAPITAL. O Estado, Teresina, quinta-feira, 02 de fevereiro de 1984, p.01.

²³¹. Fundado em abril de 1976 o Grupo de Teatro Pesquisa - GRUTEPI tinha como propósito descobrir novos valores piauienses passando pela experiência de shows lítero-musicais¹³ “*terra seca*”; “*proposta*” e “*Ave de arribação*” que unia a interpretação de poemas piauienses e músicas de novos compositores. Os objetivos do Grupo era desenvolver na comunidade o interesse pela atividade cultural de forma geral, promovendo palestras, cursos, seminários, além de incentivar o trabalho comunitário no contexto em que está inserido. Uma das “propostas do GRUTEPE é dá novos valores a cultura piauiense por meio de pesquisas e debates.” SILVA FILHO, Francisco Lopes da. Teresina (em) Cena. Apropriações Históricas no Espetáculo Teatral Itararé- a República dos Desvalidos de Afonso Lima. Dissertação de Mestrado (UFPI), Teresina, 2012.

²³² DOIS MOMENTOS DE ITARARÉ. O Estado, Teresina, dom/seg, 19/20 de fevereiro de 1984, p.09.

²³³ PRESO ASSASSINO DE CHOCOLATE. O Dia, Teresina, quinta-feira, 16 de fevereiro de 1984, p.10.

A expressão chama atenção porque o jornal o adjetiva de secreto, sugerindo que aquela relação não poderia existir senão na clandestinidade.

O assassinato de Antonio da Costa chegou a ser comparado ao do carteiro Helzano pela maneira bárbara com que ambos foram mortos, mas não só por isso. A polícia já trabalhava com a hipótese de que a vítima teria algum tipo de envolvimento sexual com alguém do mesmo sexo e possível assassino. Os jornais O Dia e O Estado divulgaram que Antonio saberia detalhes a respeito da morte de Helzano, mas que para não se comprometer preferia não fazer nenhum comentário.

3.1 Rapazes nus: as fotografias.

Após a notícia do crime, a polícia tratou logo de efetuar a investigação no local do episódio. Foram constatados sinais de luta corporal, que deixaram o local na mais completa desordem, e uma grande quantidade de sangue - inclusive pelas paredes do escritório. Fotos de rapazes nus também foram encontrados. Um desses rapazes foi logo identificado: tratava-se de Rogério, um auxiliar de Antonio da Costa.

Nos primeiros anos da década de 1980, não havia circulação de revistas eróticas voltadas ao público homossexual em Teresina. O primeiro periódico foi, como já mencionado anteriormente, o Jornal Lampião da Esquina, cuja edição experimental foi lançada em 1978. Nesse periódico, as edições traziam algumas fotografias de rapazes nus, embora na maioria das vezes ela não fosse explícita. Quem fizesse a assinatura do jornal, contudo veria a nudez completa. O jornal, em alguns casos, deixava informações a respeito desses rapazes, sugerindo que se tratavam de garotos de programa.

Na edição experimental do Jornal Lampião da Esquina, em abril de 1978, Darcy Penteado discute a arte-erótico homossexual no Brasil. E lembra que não há na pintura nacional grandes representações do nu masculino. Apenas Anita Mafalti teria criado nus masculinos corajosos, a exemplo de O Retrato de Sangirardi Nu. E com isso, Penteado afirma que inaugurou com seus desenhos de 1949 a arte-erótico homossexual no Brasil. Vejamos o que ele diz sobre o assunto:

E possível que atualmente a arte pictórica erótico homossexual esteja mais difundida entre nós, com maior

número de pesquisadores, mas como ainda bem pouco se divulga ou se expõe, pouco ou nada se conhece. Quanto a mim, só voltei a pintar nus, particularmente nus masculinos, depois de 1971. Um deles era um Adão a maneira de Dürer e meu modelo foi o ator Marcelo Picchi. Essa tela, como as outras da série, não era intencionalmente erótica. Era apenas a imagem suporte que, por meio de plásticos transparentes, o espectador vestia ou despia. Em 1973 tentei com bom resultado uma volta ao erotismo homossexual que eu deixara lá atrás, em 1949. Influenciado pelo pintor austríaco Gustav Klimt e pelas alegorias "art-nouveau" de Mucha, pintei quatro "sentimentos essenciais", série que deveria ter sido ampliada, mas que até hoje só ficou nessas quatro telas. Intencionalmente copiei composições e efeitos plásticos desses dois artistas, mantendo inclusive as posturas. As figuras, porém foram mudadas, de femininas para masculinas.²³⁴

O jornal Lampião da Esquina era distribuído em Teresina pela Livraria Corisco. Provavelmente, o público que tinha conhecimento e acesso ao periódico era limitado. Um funcionário do Tribunal Regional Eleitoral que não quis se identificar, falando sobre o assassinato de Luiz da Costa, em 1983, afirmou que para ler nos Jornais O Dia ou O Estado as informações acerca do crime se escondia no banheiro para não ser visto lendo sobre o assassinato de um homossexual. Supõe-se que era difícil para um gay na cidade de Teresina comprar às claras a edição de um jornal voltado para o público homossexual. Aqueles que podiam manter uma caixa postal gozavam de um pouco mais de privacidade para ter acesso ao Jornal Lampião da Esquina, que trazia entre outras coisas desenhos, quadrinhos e fotografias de rapazes nus.

Segundo os jornais, Antonio da Costa também era ligado à produção de shows em Teresina, o que o tornou conhecido, segundo o jornal O Estado, de algumas personalidades da música brasileira, como Fafá de Belém, Núbia Lafaiete e Luís Gonzaga. Também por isso tinha um ciclo de amizades significativo.

Para a polícia, ainda de acordo com o Jornal O Estado, o crime sugeria três prováveis causas: latrocínio, porque sumiram algumas joias da vítima; passional, uma vez que produtor e acusado tiveram um momento de privacidade; e vingança, motivada pela profissão de Antonio da Costa, que teria feitos alguns desafetos na

²³⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA. Edição Experimental, nº zero, abril de 1978, p.03.

cidade. Para reforçar a linha de investigação que dava ao crime uma causa passional, a polícia conseguiu informações de que Antonio “era muito amigo de homossexuais cujos nomes não foram revelados”²³⁵.

Na noite do crime, Antonio foi a um bar chamado Dogão, próximo da Estação Ferroviária, e de lá teria ido à Feirinha de arte popular,²³⁶ na Praça Saraiva. Essa feira era uma iniciativa da prefeitura de Teresina para a revitalização da Praça Saraiva, mas que servia também para o lazer da população. Nesse evento, além de um pequeno comércio, homens e mulheres aproveitavam para desenvolverem outros tipos de relações, fossem elas amigáveis, namoros, paqueras ou sexo casual.

Após o encontro na Feirinha, Antonio seguiu com o assassino para seu escritório, local em se deu o crime. No quarto em que o assassinato aconteceu, havia móveis revirados, papéis jogados ao chão, um colchão de solteiro com dois pequenos travesseiros e muito sangue pelas paredes e teto. Um retrato do local do crime:

O rapaz tinha um buraco no coração que dava para colocar a mão de homem, e muitos golpes na virilha. Outro ferimento na mão esquerda, para a polícia, indica que ele tentou se livrar de todas as maneiras”²³⁷.

Após o homicídio, vieram as comparações: “Chocolate, parecidíssimo com o carteiro Helzano”²³⁸. Referiram-se não apenas à forma como ambos foram mortos e ao círculo de amigáveis, mas também à existência de uma homossexualidade velada.

A polícia encontrou na cena do crime fotografias de rapazes despidos. O primeiro a ser identificado, como dito anteriormente, foi um auxiliar de Antonio da Costa chamado Rogério. O jovem, ao ser questionado pela polícia, não soube explicar em que circunstâncias aquelas fotografias haviam sido tiradas. Para o perito

²³⁵ POLÍCIA JÁ TEM PISTA DE ASSASSINO. O Estado. Teresina, quarta-feira, 15 de fevereiro de 1984, p. 12.

²³⁶ Um entrevistado que não quis se identificar afirmou que nessa Feirinha na Praça Saraiva ocorria encontros de homossexuais bem como paqueras entre eles, lembrou com risos de um amigo seu que sem nenhum pudor baixava as calças por entre as plantas de um jardim que existiam à época na praça e literalmente de quatro oferecia seu corpo para qualquer um que dele se agradasse.

²³⁷ COBRADOR ASSASSINADO COM 28 GOLPES DE FACA. O Estado, Teresina, terça-feira, 14 de fevereiro de 1984, p. 12.

²³⁸ Idem

Vital da Cunha Araújo, os indícios levaram a polícia a acreditar que o assassinato poderia ter agido movido por violenta paixão.

Antonio da Costa, conforme os jornais mostraram, apreciava a vida noturna. O Jornal O Estado ressaltou que Antonio frequentava com assiduidade também as casas noturnas da zona Leste da cidade, sem mencionar o nome de nenhuma desses estabelecimentos.

3.2 A impotência sexual de Neto?

Não demorou muito tempo para que a polícia encontrasse o autor do crime e suas razões. Francisco José de Assis Neto foi preso na cidade de Água Branca ao tentar vender algumas das joias roubadas e depois de ter se medicado no hospital local²³⁹. Neto, como era chamado, vivia pelo centro da cidade de Teresina. Era conhecido por ter o hábito de furtar tocas-fitas de carros e ser usuário de maconha.

O acusado de ter matado Antonio da Costa alegou nos primeiros depoimentos que havia matado o cobrador porque se negara a ter uma relação íntima com a vítima. O motivo da recusa teria sido uma dor de cabeça. A justificativa do jovem teria deixado Antonio da Costa insatisfeito, o que motivou uma séria discussão.

Antonio da Costa encontrou Neto e outro jovem de 15 anos na Feirinha da Praça Saraiva. Essa informação reforça a ideia de que parceiros se conheciam no local e acertavam ali mesmo que tipo de relação iriam estabelecer. Da Praça Saraiva, os três saíram rumo à Prainha. Após algumas cervejas, seguiram para o escritório da vítima. O jovem de 15 anos permaneceu do lado de fora, enquanto Neto e Antonio subiram para sala.

Na região do centro da cidade, Neto carregava consigo a fama de “garoto que costuma freqüentar apartamento de homossexuais de posse”²⁴⁰. Vejamos o que disse o jornal:

Neto é de família pobre, segundo a polícia apurou, ele já trabalhou de garçom na churrascaria Passarela, o ambiente mais carregado de Teresina e odiado por pessoas de bem.

²³⁹ PRESO ASSASSINO DO COBRADOR CHOCALOLATE. O Estado, Teresina, quinta-feira 16 fe fevereiro de 1984, p.12.

²⁴⁰ Idem

Ali costumavam se reunir, prostitutas e tipos altamente indesejáveis... Esse jovem que assassinou “Chocolate” é um dos muitos de Teresina que vivem em rodas de tóxico e à procura de homossexuais de posses²⁴¹

A relação entre Neto e Chocolate era bem anterior a do dia do encontro dos dois na Feirinha da Praça Saraiva. Conforme o Jornal O Estado, os dois eram vistos juntos em outras situações. No dia do crime, eles haviam combinado de se encontrarem na Feirinha. O jovem já havia roubado anteriormente a vítima, mas o caso não foi levando adiante. Esse fato dá a entender que pelo menos Chocolate acreditava manter uma relação amorosa com o jovem rapaz.

Francisco José de Assis Neto era um rapaz magro, pele morena, cabelos escuros e lisos, um rosto de traços finos - um típico jovem saindo da adolescência. Após algumas conclusões da polícia, Neto foi orientado pelo advogado a acrescentar outras informações ao seu depoimento. O jovem ressaltou posteriormente a sua situação de estudante e que foi impelido a praticar o crime por motivo de força maior.

Vejamos o que disse o próprio acusado: “Ele pegou a faca e disse que ia manter relações sexuais comigo já que eu não conseguia ter potência”²⁴². Reforçar que era estudante foi uma tentativa de evocação de adjetivos nobres que poderiam fazer parte da condição de estudante. Em uma cultura em que o conhecimento acadêmico é valorizado, o estudante também usufrui das qualidades nobres dessa valoração.

Outra questão levantada foi a inversão no ato sexual. Segundo Neto, por não ter conseguido uma ereção para a prática do ato sexual, Antonio da Costa quis exercer papel ativo na relação. Temos aí um exemplo da masculinidade pedindo provas. Essa teria sido a causa do assassinato. Essa informação poderia favorecer Neto. Ora, vimos ao longo do segundo capítulo que em algumas regiões do mundo ocidental o homem que na relação sexual com outro homem exerce o papel ativo não é considerado homossexual, ao contrário de quem exerce o papel passivo. Com essa versão, Neto pretendeu dizer que só matou para defender a honra.

²⁴¹ PRESO ASSASSINO DO COBRADOR CHOCALOLATE. O Estado, Teresina, quinta-feira 16 fevereiro de 1984, p.12.

²⁴² GARÇOM INTERROGADO PELO TRIBUNAL DE JUSTIÇA. O Dia, Teresina, sexta-feira, 23 de março de 1984, p.10.

Entretanto, conforme relatório da polícia, Neto era um jovem acostumado a se relacionar sexualmente com homens em troca de alguns favores materiais, e por isso sabia bem onde poderia encontrá-los. No dia do crime, o local marcado para o encontro foi a Praça Saraiva. Ali acontecia uma feira com produtos populares naquela noite de domingo. A falta de iluminação adequada e a existência de um jardim na praça favoreciam a prática do sexo no local.

Próximo dali, com alguns bares ao seu entorno, a Praça Pedro II também era utilizada para a paquera, para o flerte. O centro da cidade de Teresina era o lugar de encontros e diversão do público homossexual, com suas praças mal iluminadas, pequenos bares e avenidas como a Frei Serafim. Voltemos a “impotência” de Neto.

De acordo com a investigação policial, Neto possuía o hábito de se relacionar sexualmente com homens em troca de dinheiro ou algum tipo de presente bem antes de completar os 18 anos de idade. O jovem morava com um irmão no bairro Bela Vista, zona sul de Teresina, mas passava boa parte do dia e da noite pelo centro de Teresina. Praticava pequenos furtos, sempre à espera de um encontro casual com outro homem, a fim de que pudesse tirar algum proveito em troca, muitas vezes, de uma carícia mais íntima.

Neto tinha características de garoto de programa, ou simplesmente boy, uma forma abreviada do inglês cowboy: jovem, relativamente bonito e que na relação sexual desempenhava o papel ativo. Nos jornais O Dia e O Estado, ou mesmo no posicionamento da polícia, não foram encontrados os termos michê ou boy, comuns em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

A expressão utilizada em Teresina para designar rapazes como Neto era “garotos que vivem em busca de homossexuais de posse”. Embora fosse constante no centro da cidade a presença de rapazes que, além de praticarem pequenos furtos, também estavam em busca de transa homossexual, não se utilizavam as expressões michê ou boy para eles.

As pesquisas levam a crer quem nem todos tinham as mesmas práticas, nem todos furtavam ou roubavam seus parceiros. Alguns jovens preferiam ficar em bares à espera de quem pudesse “patrocinar” o consumo de bebidas, enquanto outros preferiam passear pela Avenida Frei Serafim.

Neto, por não ter tido uma ereção naquela noite, teria matado Chocolate porque não aceitou ser penetrado pela vítima. Essa fala revela algumas características caras à masculinidade, como a virilidade e a potência. Revela

também que o que em princípio levava o jovem a se relacionar com outros homens era apenas um interesse material que o parceiro poderia suprir. A fala de Neto trazia uma explicação simples sobre a concepção da relação entre o homem heterossexual com o homem homossexual. Ele afirmou que não conseguiu uma ereção para consumir a prática sexual e que diante desse fato a vítima quis inverter os papéis, dando início a uma luta corporal. Aparentemente, a posição exposta por Neto leva a crer em legítima defesa, ao mesmo tempo em que revela algo mais interessante: o jovem teria matado para defender a sua honra de macho, viril, e a dor de cabeça teria sido a causa física para não ter tido uma ereção. Assim para ele, assassinar ainda seria mais aceitável do que ser o ente passivo na relação.

Existiria algum júri que não se comovesse com o depoimento de um jovem, relativamente bonito, pobre e supostamente estudante afirmando ter matado “apenas” para não perder seu posto de macho ativo? De uma forma ou de outra, a virilidade, a potência de um homem, em alguns momentos de nossa história constituíram problema des de um passado mais distante, conforme lembra Pierre Darmon (1988).

As pesquisas de Darmon tem como palco a Europa. Muitos homens foram acusados, em geral por suas esposas, de não terem cumprido seus papéis sexuais no casamento, e por isso levados a tribunal. Cabia-lhes, no Antigo Regime na França, submeterem-se a uma investigação densa de seus corpos e provarem que não eram impotentes. Esses homens muitas vezes viam-se expostos ao deboche público.

Além de serem acusados de comprometerem a sagrada procriação por serem impotentes, havia outros detalhes que poderiam levar alguns homens aos tribunais. A falta de uma voz mais grave, uma quantidade pequena de pelos pubianos, os órgãos genitais considerados pequenos se comparados aos de outros homens, hermafroditismo, uma idade avançada ou uma simples calúnia eram motivos suficientes para a realização de uma perícia e instauração de um processo.

Em certos casos, a falta de puberdade de alguns jovens poderia levar a uma investigação. Segundo Darmon, o imperador Justiniano, levando em consideração a posição da Igreja de considerar obsceno a nubidade pela perícia dos órgãos

genitais, aboliu esse procedimento e reconheceu como púberes as jovens com idade de doze anos e os rapazes com idade de quatorze anos.²⁴³

Neto começou a se prostituir cedo e não saía apenas com Antonio da Costa, mas também com outros homens e com mulheres. O que ele conseguia saindo com homens era também usado para custear suas relações com mulheres. Pelas pesquisas que realizei nos jornais é possível identificar que ele aceitava a companhia de homens também para poder custear suas saídas com mulheres. Segundo o acusado, após não ter tido a ereção, a irritada vítima o acusou de ter roubado joias do seu escritório e tê-las dado a uma amante de nome “Tetela”. Neto, de acordo com os jornais, era categórico ao afirmar que só matinha relações sexuais com Antonio da Costa em troca de dinheiro.²⁴⁴

Conforme o Jornal O Dia, Neto já havia trabalhado no escritório de Antonio da Costa. Eles teriam se conhecido na região do centro de Teresina. Após os primeiros contatos, Antonio ofereceu um emprego ao jovem rapaz em seu escritório. Neto teria deixado de trabalhar para a vítima quando furtou algumas joias e teve de comparecer ao 1º Distrito para prestar esclarecimentos. Mesmo depois desse episódio, os dois continuaram mantendo contato.

Segundo Neto, após alguns dias trabalhando com Antonio, teria ele recebido uma proposta para também se relacionarem sexualmente, ao que respondeu: “poxa cara você é tão legal e é veado”.²⁴⁵

... disse Neto, estranhando a proposta, no entanto, aceitou, mantendo assim o emprego. Aparentemente o relacionamento de Chocolate e seu empregado era somente em termos de trabalho. Os dois guardavam segredo do estranho amor.²⁴⁶

Chama atenção a “surpresa” expressa por Neto ao receber de Antonio a proposta de se relacionarem sexualmente. A surpresa causada pela ignorância do jovem em desconhecer a existência desse tipo de relação talvez fosse apenas uma fala que pudesse amenizar as circunstâncias brutais em que ele cometera o crime.

²⁴³ DARMON, Pierre. O tribunal da impotência: virilidade e fracassos conjugais na antiga França. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²⁴⁴ CRIME DO ESCRITÓRIO. O Dia, Teresina, sexta-feira, 17 de fevereiro de 1984, p.?

²⁴⁵ AMOR DE HOMOSSEXUAL FOI A CAUSA DO CRIME. O Dia, Teresina, quinta-feira, 16 de fevereiro de 1984, p.?

²⁴⁶ Idem.

As pesquisas revelam que Neto, embora com pouca idade - entre dezessete e dezoito anos -, já conhecia bem a vida noturna do centro Teresina e praticava pequenos furtos. Também tinha conhecimento de que poderia tirar algum proveito de homens que, em troca de alguns favores sexuais, estariam dispostos a pagar desde simples lanches ou cervejas a roupas caras.

Os comentários do jornal também são significativos. O redator da matéria, Oliveira Sales, reforçava a tese de que algumas pessoas se prostituíam para tentar sanar uma situação financeira desfavorável. Aqui Neto se enquadraria, embora estranhando a proposta, aceitou-a para não perder o emprego, mantendo em segredo o que Oliveira Sales chamou de “estranho amor”.

“Amor de homossexual”, “romance secreto” e “estranho amor” são algumas das expressões utilizadas para crimes semelhantes ao do assassinato de Antonio Pereira da Costa. Embora sejam carregadas de marginalidade, representando as relações afetivas que existiam apenas nas sombras, na clandestinidade, elas revelam também que os jornalistas e os policiais, embora cientes da existência da prática em que jovens rapazes mantinham relações sexuais com outros homens em troca de dinheiro, tinham dificuldade em encontrar palavras que denominassem melhor esse tipo de relação.

,É fato que principalmente a partir dos de 1980 tornou-se mais fácil identificar a presença de rapazes que, com as mais diversas justificativas, buscavam transas homossexuais, principalmente no centro da cidade de Teresina. Contudo, se em cidades maiores eles eram chamados de boys, michês ou prostitutos, não há nos jornais da capital uma só menção a esses termos. Em geral, em caracterizados como jovens que viviam em busca de “homossexuais de posses”.

Antonio Pereira da Costa, assim como Luiz da Costa Leite, foram duas vítimas de trajetória parecida. Ambos eram jovens, trabalhadores, mas além da vida profissional e familiar os jovens se aventuravam pelas noites de Teresina em busca de sexo. Isto porque não tinham um relacionamento com outra pessoa com as mesmas preferências sexuais.

Os rapazes que “viviam atrás de homossexuais de posse” apresentavam alguns atributos venerados não apenas pelos homossexuais, tais como a juventude e o comportamento de macho - ou seja, homens com atitudes, voz e preferência sexual comuns aos heterossexuais. A beleza como parte dos atributos citados é um elemento relativo para alguns homossexuais. Para caírem no gosto de alguns

clientes, os jovens deveriam apresentar um certo ar de mistério, virilidade e descontração, quando não um sorriso cínico que desse a entender que topariam o sexo com outro homem. Em outras palavras, os rapazes deveriam ser o oposto da típica caricatura homossexual (efeminado, passivo e espalhafatoso).

Como bem discutiu Perlongher (1987), esses rapazes interpretam um jeito de ser desejado: o jeito viril. Por isso, ainda que arriscando sua própria integridade física, muitos homens saíam em busca de rapazes que pudessem satisfazer seus desejos e fantasias. Uma delas era a de ter ao lado não outro homossexual, mas o que se convencionou chamar ao longo do tempo de “homem de verdade”.

Ao que tudo indica, o uso de termos como “romance” e “amor” para designar relações entre dois homens – relações essas baseadas na troca sexo *versus* dinheiro, muitas dessas terminando em assassinatos brutais - revelam certo desconhecimento por parte dos jornalistas e da polícia da época. Ou ainda pode ser reflexo dos discursos de movimentos homossexuais que ecoavam mundo afora e se fizeram sentir também na cidade de Teresina. Discursos esses que defendiam que o jeito de ser homossexual era legítimo.

Outra questão importante que as pesquisas revelaram e que também chamou atenção foi a falta de registro nos jornais da palavra heterossexual. Falava-se em homossexuais, homossexualismo e veado, mas da oposição entre os conceitos homossexual *versus* heterossexual, não. Essa ausência nos jornais de Teresina aponta para o desconhecimento e a falta da necessidade de discussão sobre o modo de ser heterossexual.

Quando as discussões acerca da homossexualidade, nos anos de 1970, se proliferaram no mundo ocidental, elas também despertaram discussões sobre o que era ser heterossexual. Em Teresina, nos anos de 1980, a falta de registros sobre a relação entre os dois modos de ser revelava que não se discutia a natureza sexual padrão; exatamente porque era padrão, ideal e normal.

O discurso em defesa de uma identidade gay e da legitimidade do modo de ser homossexual ganhou notoriedade principalmente graças aos grupos de afirmação que se formaram na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil - em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto não encontrei nos jornais de Teresina registros da existência de um movimento gay entre os anos de 1970 a 1986. O que os jornais publicavam sobre a homossexualidade era oriundo do conhecimento particular dos delegados, dos investigadores de polícia, dos cidadãos e cidadãs

comuns ou de peritos que se baseavam em princípios médicos do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX.

Nos crimes aqui analisados, todas as vítimas foram reconhecidas nas investigações policiais como homossexuais, mas nenhuma delas se reconheceu, em vida, como tal. As conclusões sobre a sexualidade delas foram baseadas nos laços de amizade que mantinham, nos possíveis envolvimento sexuais que mantiveram, nos locais de lazer que frequentavam ou nos depoimentos dos acusados de as terem assassinadas.

Se podemos dizer que havia em Teresina certa dificuldade com o uso de alguns conceitos sobre a homossexualidade, isso não era motivo para o completo desconhecimento de sua prática.

Na metade da década de 1980, a maior parte do público que frequentava o Cine Rex era de homossexuais e “curiosos”, dependendo das sessões. Apesar de serem exibidos filmes de aventura, policiais e românticos, os do gênero eróticos atraíam um público considerável. A troca de olhares acontecia na Praça Pedro II, enquanto as carícias eram feitas no apagar das luzes, dentro do cinema. Algumas das produções eróticas eram pornochanchadas, muitas vezes com insinuações sexuais que exploravam certos fetiches masculinos; outros continham cenas de sexo explícito, como o filme *Oh! Rebuceteio*²⁴⁷ dirigido por Cláudio Cunha.²⁴⁸

Não tardou os jornais de Teresina discutirem sobre as consequências do avanço da AIDS no mundo passaram a ser identificadas em Teresina na primeira metade dos anos de 1980. Na coluna Ronda Policial do Jornal O Dia, encontramos as primeiras notas sobre a doença e o temor que ele causava na sociedade.²⁴⁹

A coluna, ao tratar da repercussão da AIDS no mundo, revelou que em Teresina havia um grupo de homossexuais insatisfeitos com uma campanha mundial que estaria relacionando a doença a eles. Esse grupo de homossexuais não identificados afirmou que eles estavam sendo tratados como uma verdadeira “peste” na sociedade.

A presença de homossexuais e travestis no centro de Teresina não era um fato ignorado por quem frequentava a região à noite, fossem clientes de bares,

²⁴⁷ *Oh! Rebuceteio*. Dir. Cláudio Cunha. 100min. Cor. Brasil, 1984. Filme brasileiro de 1984 dirigido por Cláudio Cunha. É uma mistura de *Oh! Calcutá* com *A Chorus Line* cujo título chamativo faz a mistura da palavra “Rebu”(uma grande confusão) com um dos nomes chulos do órgão sexual feminino. Foi um dos primeiros filmes de sexo explícito no Brasil.

²⁴⁸ O Dia. Teresina, terça-feira 7 de maio de 1985, p.8

²⁴⁹ O Dia. Ronda Policial. Teresina 13 de junho de 1985, p. 12.

trabalhadores noturnos, estudantes ou policiais. Mas para os travestis a noite poderia ser uma aventura.

A coluna Agenda Nobre²⁵⁰ do Jornal O Estado, de 1986, publicou o resultado do Concurso Miss Gay Piauí Verão 1986. A vitória coube a Isabellita Kennedy, “ela (ou ele, como queiram), universitária, manequim profissional, loura, um metro e oitenta de altura.”²⁵¹

Entrevistando Isabellita,²⁵² pudemos constatar que algumas das informações sobre ela não eram verídicas. Isabellita não chegou a terminar o ensino fundamental porque antes mesmo de entrar na puberdade começou a se vestir como garota. Não suportando a rejeição de professoras e colegas de escola, parou de estudar.

Segundo a entrevistada, restou-lhe a prostituição. Contou que o maior perigo que outras como ele poderiam encontrar nas ruas era a polícia. Certa vez, conforme seu relato, policiais militares forçadamente fizeram com que ela e uma companheira de profissão entrassem em uma viatura, sem lhes revelarem o destino. Foram levadas a um distrito policial do centro e introduzidas em uma cela ocupada com alguns detentos, cujo número ela não soube precisar. Contou que foram abusadas sexualmente durante toda a madrugada.

Elas muitas vezes faziam acordos com alguns vigilantes que trabalhavam no centro em troca de uma carteira de cigarros. Eles as escondiam dentro dos estabelecimentos para não serem vistas, caso houvesse uma batida policial. Quando isso ocorria, apanhavam e ainda ouviam xingamentos.

Mas por que atribuir o *status* de universitária a alguém que começou a se prostituir ainda menor, sem ao menos concluir o ensino fundamental? O concurso Miss Gay Piauí era organizado por pessoas que transitavam por dois mundos: o mundo marginal da sexualidade do centro de Teresina e o mundo das colunas sociais.

Atribuir um *status* valorizado à vencedora do concurso era uma forma de maquiagem as conotações pejorativas que giravam em torno da homossexualidade e também tentar convencer a sociedade de que o contato os com homossexuais dizia respeito apenas ao lado glamouroso. É preciso assinalar também que alguns dos

²⁵⁰ O Estado. Agenda Nobre. Teresina, terça-feira, 16 de setembro de 1986, p. 10.

²⁵¹ Idem.

²⁵² KENNEDY, Isabellita. Entrevista concedida ao pesquisador Hélio Secretário dos Santos no dia 15 de novembro de 2012.

organizadores de eventos e concursos semelhantes eram homossexuais, embora não o assumissem publicamente.

No meio artístico, dos anos de 1970 a 1980, o humor foi o mais importante instrumento condutor do jeito de ser homossexual, ainda que de forma pejorativa e debochada, nas peças de teatro, nas músicas e na televisão.

Em maio de 1980, estreou no Teatro 4 de Setembro a peça de teatro “Mas quem não é?,” com os atores Nestor Montemar, Milton Carneiro, Eduardo Nogueira e Cláudio Luis. O jornal O Estado convidou a sociedade Teresinense para prestigiar a peça entre os dias 29 de maio a 1º de junho.²⁵³

O título da peça era sugestivo e provocativo, mas o momento vivido pela sociedade brasileira permitia tal insinuação. É preciso dizer que se não fosse uma peça caricata, debochada e carregada de humor sarcástico, dificilmente teria a aceitação do público. No meio artístico em geral, os espectadores toleravam personagens gays debochados, efeminados e considerados “engraçados”. Caso contudo, se quisesse mostrar duas pessoas do mesmo sexo querendo constituir uma relação considerada séria, em que uma tivesse que demonstrar afetividade pela outra, a reação da sociedade seria diferente.

Na edição do Estado de 1º/2 de junho de 1980, noticiou-se um crime ocorrido no bairro Pirajá, zona norte de Teresina, em cujo contexto estariam envolvidos maconha e homossexualismo.²⁵⁴ A semelhança desse episódio com os demais aqui analisados foi a presença, direta ou indireta, de sexo e drogas como possíveis agravadores nos assassinatos, segundo a polícia.

A matéria falou de uma poderosa rede de traficantes de maconha e de um autêntico grupo de homossexuais. O jornal O Estado trouxe a palavra autêntico entre aspas, sem que o responsável pela matéria esclarecesse este detalhe. O uso das aspas na palavra talvez fosse explicado pela associação de possíveis homossexuais com o tráfico de drogas. Em outras palavras, esse grupo teria comportamentos que destoavam daqueles que se esperam de um homossexual, como homens efeminados e sensíveis.

Nesse episódio, a vítima foi o jovem José Nicolau dos Santos, de 21 anos. José foi alvejado pelo menor de 14 anos de iniciais A.S.M. Segundo o jornal, a

²⁵³ O ESTADO. Super Sociais. Teresina, quarta-feira, 28 de maio de 1980, p.11.

²⁵⁴ MACONHA E HOMOSSEXUALISMO NO CRIME DO BAIRRO PIRAJÁ. O Estado. Teresina, dom/seg, 1º/2 de junho de 1980, p.?.

família da vítima reconheceu que o jovem morto era homossexual, mas negou seu envolvimento com o tráfico de maconha e roubos. Para a polícia, o crime teria acontecido após uma “briga íntima” entre José e o menor. A expressão briga íntima foi a forma que a polícia encontrou para insinuar que entre os dois havia um envolvimento sexual, ou um caso amoroso.

Ainda conforme as autoridades policiais, os dois mantinham um envolvimento sexual e por isso o desentendimento entre os dois não teria sido uma briga qualquer. José morava no bairro Parque Alvorada, Rua Campo Maior, S/N. De acordo com o jornal, vinte homossexuais compareceram ao seu velório. Os amigos discordaram da polícia quanto ao fato de a vítima ser um “assaltante”. Apenas admitiram que José fumava maconha com um grupo de homossexuais.

Para os policiais, José e o menor mantinham um caso. Alguns dias antes, os dois haviam se desentendido ao se encontrarem na casa de um amigo, no bairro Pirajá. Eles voltaram a discutir acirradamente porque o acusado menor de idade teria traído José. Não aceitando a acusação, A.S.M disparou um tiro contra a vítima. Segundo a mãe, José tinha um curso de eletrotécnica e trabalhava em uma oficina na zona sul, cujo nome e endereço desconhecia. Reforçou que ele era muito conhecido no bairro Parque Alvorada.

Segundo o jornal, os amigos da vítima, “até muito abertos para determinados assuntos”²⁵⁵ admitiram em José a condição de homossexual e o vício em maconha. Os amigos teriam respondido as questões propostas pelo jornal mediante a garantia de que permaneceriam anônimos.

A palavra “condição” soa quase como que um pedido de desculpas para a existência da homossexualidade. É como se tal condição estivesse relacionada ao fato de um indivíduo nascer homossexual. Ora, o fato de o indivíduo não escolher ser homossexual caracteriza uma condição, um comportamento definido antes mesmo de seu nascimento? O problema não se encontra no campo biológico ou numa disfunção hormonal, mas sim no campo da cultura. É fato que há pessoas com comportamentos homossexuais e heterossexuais, bem como uma série de atributos depreciativos que recaíram sobre os primeiros: anormais, incompletos, doentes, pecadores. Não raro é encontrar em alguns depoimentos de homossexuais

²⁵⁵ MACONHA E HOMOSSEXUALISMO NO CRIME DO BAIRRO PIRAJÁ. O Estado. Teresina, dom/seg, 1º/2 de junho de 1980, p.?.

frases como “eu não pedi para nascer assim”, “eu nasci assim”, “se eu pudesse escolher, não teria nascido homossexual”. Essas frases são fáceis de serem compreendidas se olharmos historicamente como eles foram tratados, principalmente nas sociedades alicerçadas na tradição judaico-cristã.

As explicações em torno da homossexualidade são diversas, mas optamos por falar dela através das explicações culturais, e neste trabalho, a partir de episódios envolvendo sexo e assassinatos.

As histórias de Luiz da Costa e Antonio Pereira trazem pontos comuns: as duas envolvem a prostituição masculina, fato que na Teresina dos anos de 1980 constituía uma prática chamada apenas de “rapazes que andavam à procura de homossexuais de posse!”. Em tais relações, é possível identificarmos mais do que a relação de sexo em troca de dinheiro ou qualquer outro favor material. Segundo Perlongher (1987), a prostituição envolve códigos sexuais, racistas e classistas.

Em geral, são jovens que sabem usar certos atributos para conseguir algum tipo de benefício. Um jeito viril de ser, em regra, a prostituição masculina é praticada por rapazes que se dizem ativos. Aí está o “encanto” da prostituição masculina: para alguns homossexuais, é a forma de fazer sexo com um “homem de verdade”, macho, viril. Segundo essa forma de pensar, a única razão que levaria um homem heterossexual a fazer sexo com outro homem seria a necessidade financeira. Aqui seria a externalização de um código classista.

O rapaz que se prostitui geralmente apresenta menor condição financeira que o cliente. Em relação ao assassinato de Luiz da Costa, alguns dos acusados poderiam ser considerados de classe média. Ao se prostituírem, alguns rapazes além de reforçarem a sua virilidade, direta ou indiretamente procuravam deixar claro que só se prostituíam pelo dinheiro e que a atividade seria passageira, somente até encontrarem um emprego.

Nessa trama de códigos, é preciso registrar também que a juventude é muito importante. À medida que os rapazes envelhecem, torna-se mais difícil encontrarem clientes. A beleza é relativa, nada de rapazes bem vestidos, pois eles devem parecer o mais “normal” possível. A vantagem que um rapaz negro pode apresentar na prostituição está relacionada ao mito de geralmente serem bem-dotados.

Mas se em quatro paredes o cliente quiser outras coisas? O rapaz que transa apenas por dinheiro não beija na boca, não aceita que acariciem sua bunda, recusa que toquem o pênis em seu corpo, não aceita ser “comido”. Esses desejos podem

ser vistos como ofensivos e causar reações violentas. Para Perlongher (1987), é muito comum nesse tipo de relação o prostituto dizer que matou para roubar e continua dizendo:

Em algum lugar do imaginário social, a homossexualidade é sempre uma festa: despesa de sêmem, esbanjamento de dinheiro, esbanjamento de fluxos libidinais econômicos. E nestas festas o que se paga é o imposto: o uísque que se derrama a mancheias na cobertura, a nota enrolada no travesseiro....²⁵⁶

A relação entre cliente que é o que paga e o prostituto não se resume apenas a dinheiro. Envolve culpa, prazer e poder. Por isso, Perlongher diz que muitos clientes se submetem às imposições despóticas do rapaz másculo em nome do prazer, tornando-se vulneráveis a situações de alto risco. Alguns prostitutas acreditam que o homossexual merece algum tipo de violência, de serem roubados ou até mesmo mortos. Quantos homossexuais foram à delegacia denunciar que sofreram roubo por parte de algum michê? Seria essa omissão apenas resultado do medo, da exposição, do sentimento de culpa?

Se por um lado o michê tira proveito da sua virilidade, por outro o cliente se vangloria de ter dinheiro, ainda que só um pouco a mais que o michê. Ao pagar, ele teria o direito de pedir qualquer coisa a seu parceiro.

Na fala de alguns michês entrevistados por Perlongher, o tesão estaria no dinheiro. A obrigatoriedade da ereção se tornaria mais fácil dependendo da quantidade de dinheiro oferecida. Com o tempo, ter uma ereção não seria um grande problema. Caso o michê não a conseguisse, em regra o contrato seria desfeito, ou segundo a pesquisa de Perlongher, ele poderia ser passivo. Por outro lado, “o código é taxativo: michê que gosta é bicha. Michê não pode gostar”.²⁵⁷

No mundo da prostituição masculina, geralmente o jovem que se prostitui exerce o papel ativo na hora do sexo ou ao menos sustenta esse papel em seu discurso. Esse reforço não está ligado apenas à autoafirmação de sua virilidade, mas também faz parte do negócio. O cliente geralmente busca um rapaz ativo. Caso o michê não deixe isso bem claro no momento da conversa, o cliente o recusa.

²⁵⁶ PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.223.

²⁵⁷ Idem. p.229.

Há casos, entretanto, em que o cliente busca um rapaz que aceite ser passivo. Uma característica é essencial nessa relação: o michê deve ser bem jovem, menor de idade. Muitos homens só sentem prazer em uma relação sexual exercendo o papel ativo e com rapaz muito jovem. Não é uma regra.

Os exames periciais mostraram que antes de morrer Luiz da Costa tinha tido uma relação sexual. Cogitou-se que alguma mulher o tivesse levado para uma emboscada. Ora, havia em seu pênis lesões típicas de uma relação sexual. Mais tarde, Deyves, um dos jovens supostamente envolvido no assassinato, confessou que na noite do crime havia mantido relações sexuais com a vítima mais de uma vez. À época, Deyves não tinha dezoito anos de idade.

Entre os jovens que se prostituem, aquele que levantar suspeitas de que em algumas relações exerce o papel passivo perde prestígio. “Fulano agora está dando é chupão, boy mãezinha”.²⁵⁸

Para alguns jovens que se prostituem, todo michê tem vontade de ser passivo. O que os impede é um machismo próprio. Mesmo aqueles que são constantemente passivos fazem questão de ostentar posturas machistas. Porém, quando encontram um cliente de que gostam, chegam na cama e “caem de quatro, outros caem de boca”.²⁵⁹

Como os michês necessitam encontrar mais de um cliente por noite, eles evitam ejacular. Às vezes, para satisfazer um cliente, fingem um gozo. Geralmente deixam para ejacular com o último cliente da noite.²⁶⁰

Segundo Perlongher (1987), é muito comum no mundo da prostituição viril os michês se relacionarem entre si, mesmo que nas rodas de conversa afirmem que o prazer sexual se dê com mulheres. Isso seria a translação libidinal. Muitas vezes o michê direciona sobre o corpo do cliente o desejo que ele sente por outro michê, gerando outra forma de sentir prazer.

Há o jogo da virilidade nas relações sexuais entre homens, realizado para se saber quem é mais “macho”. Em alguns casos, um homem másculo só aceitaria ser passivo com um homem mais másculo que ele. Somente assim a sua virilidade não

²⁵⁸ PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.230.

²⁵⁹ Cair de boca: expressão que denomina a feação ativa. Chupar seria o mais desprestigiante dos atos passíveis de serem cometidos por um michê másculo. No entanto, a feação passiva enaltece a virilidade e costuma operar como uma introdução à transa completa.

²⁶⁰ PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

seria ameaçada. Entre os rapazes que se prostituem, isso pode gerar envolvimento por vezes violentos, carregados de ciúmes. Em geral, entre um rapaz mais velho e outro mais jovem.

Existe também entre alguns michês, segundo Perlongher, o sonho de encontrar o “príncipe encantado” que os tire daquela vida. Mas eles se veriam numa situação difícil caso aceitassem a proposta de algum cliente, pois passariam a ser vistos como “marido de bicha”, para alguns um *status* inaceitável.

Muitos rapazes que perambulam pelo centro das cidades, seja São Paulo ou Teresina, são atraídos não apenas pela possibilidade de ganharem dinheiro fácil, mas também pela circunstancialidade, pelo momentâneo, pelo nomadismo, pela transgressão.²⁶¹

Há outra questão importante a ser discutida quando se trata de prostituição masculina. Perlongher considera a conjugalidade desaconselhável e arriscada. Geralmente, quando um michê resolve morar com um dos seus clientes, ele passa a ter outras preocupações - por exemplo, satisfazer o parceiro, principalmente quando se trata de manter a sua virilidade.

A manutenção da virilidade muitas vezes se exprime no ato de gastar o dinheiro do parceiro, inclusive com mulheres. O rapaz deve sustentar uma postura dura nessa relação. O ato de gastar o dinheiro do parceiro serve para mostrar para os outros que o interesse pecuniário é a causa única daquele jovem se submeter a uma vida conjugal. Caso o parceiro perceba que o rapaz gosta de manter a relação, não se sente mais no dever de lhe pagar para ter, além do sexo, a sua companhia. Essa é uma das causas das brigas que podem existir entre o boy e o cliente. “ Por isso quando a gente sabe desses casos que o michê assassinou a bicha, muitas vezes era um boy que morava com o cliente, quando dá a briga solta toda a violência do macho”.²⁶²

Em relação ao caso de Antonio da Costa, O Chocolate, a polícia constatou que ele mantinha uma relação conjugal com Neto. O acusado não morava na casa de Antonio, mas trabalhava em seu escritório, ao lado do qual havia um quarto onde ocorriam os encontros e no qual a vítima foi assassinada. Neto, ainda menor, foi

²⁶¹ PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²⁶² Idem. p.240.

convidado para trabalhar com Antonio, e logo depois recebeu a proposta de manterem um envolvimento sexual.

Na análise de Perlongher, quando um boy passa a morar com um cliente, ele corre o “perigo” de se aproximar de uma identidade homossexual, de virar gay, de virar bicha.

O ato de pagar para ter companhia e sexo é para alguns clientes, segundo Perlongher, um ato que repele a ideia de amor, da troca de sentimentos afetivos. Essa troca afetiva pode fugir ao controle, diferentemente do ato de se pagar para ter prazer. Mas nem todos os clientes pensam dessa forma. Para aqueles que acreditam nessa troca afetiva, os michês podem fingir sentir afetividade para tirar proveito.

Há a relação tio/sobrinho em algumas dessas situações, caracterizada pelo envolvimento sexual entre um homem mais velho com um outro mais jovem. Nesse tipo de relação, não raro o rapaz deve manter a sua característica de boy heterossexual. Às vezes, o homem mais velho custeia gastos do jovem com mulheres. Mais que o sexo propriamente dito, o que causa prazer para o “tio” é o fato de saber e poder mostrar para os outros que se relaciona com um rapaz heterossexual, ainda que mediante pagamento. Uma marca definitiva dessa relação é diferença social entre o “tio” e o “sobrinho”.

Por outro lado, o rapaz prostituto também sente prazer ao se relacionar com um homem mais velho e com maior poder aquisitivo. O boy sente prazer ao ser visto na presença desse homem porque imagina que terceiros saberiam que naquela relação havia uma mistura de sexo, dinheiro e proteção. Proteção porque o homem mais velho, geralmente com uma instrução formal, também seria responsável pela “educação” do jovem, além de aconselhá-lo no cotidiano. Nessas relações, há também o fascínio pelo que é marginal. A transgressão se apresenta como um sabor doce. Há prazer no deslocamento, que é caracterizado muitas vezes pela busca de um encontro casual. O desconhecido também proporciona prazer, ainda que seja um prazer misturado à sensação de risco e de perigo.

3.3 O auditor: rapazes, bebidas e sexo

No dia 06 de novembro de 1984, o Jornal O Estado noticiou o desaparecimento do funcionário da Cepisa Valteuste Sampaio Melo, solteiro, 39 anos. Valteuste desapareceu no dia 02 de novembro, uma sexta-feira do mesmo ano. Antes de seu desaparecimento, foi visto em alguns bares da cidade.²⁶³

O último bar que Valteuste frequentou foi O Pinguim, localizado na Avenida Miguel Rosa, bairro Piçarra.²⁶⁴ É preciso dizer que Valteuste, até a produção deste trabalho, não foi encontrado. A família acreditou durante alguns meses que ele estivesse vivo e que não demoraria a aparecer. Para a polícia, essa possibilidade foi descartada. Um detalhe que chamou atenção foi o desaparecimento também do carro da vítima, um Chevette cinza metálico, uma vez que em casos de latrocínio o veículo é posteriormente abandonado.

Segundo os colegas de trabalho, Valteuste não costumava passar muitas horas fora de casa, o que fez com que alguns estranhassem sua passagem pelo bar localizado na Avenida Miguel Rosa. Para ajudar na solução do desaparecimento, o Secretário de Segurança Pública da época, Juarez Tapety, chamou o perito criminal Delfino Vital da Cunha Araújo.²⁶⁵

Não tardou para que a polícia tomasse conhecimento de que, na madrugada de sábado, Valteuste havia estado duas vezes em um motel na zona norte de Teresina, identificado como Rio Parnaíba. Até o momento, a polícia não tinha conhecimento de quem o acompanhava.²⁶⁶

O funcionário da Cepisa teria ido ao motel pela primeira vez às 11 horas da noite do dia 02 de novembro e lá permanecido até poucos minutos depois das 2 horas da madrugada de sábado. Teria voltado pela segunda vez por volta das 3 horas e permanecido até as 4 horas da madrugada. Segundo Vital Araújo, um soldado do 1º Batalhão da Polícia Militar conhecido por Adalberto teria visto Valteuste passando em seu carro pelo Balão da Tabuleta em companhia de dois

²⁶³ DESAPARECE O AUDITOR DA CEPISA. O Estado. Teresina, terça-feira, 6 de novembro de 1984, p.01.

²⁶⁴ DESTINO DO AUDITOR É MAIS UM MISTÉRIO. O Estado. Teresina, quarta-feira, 7 de novembro de 1984, p.01.

²⁶⁵ Idem, p.12.

²⁶⁶ AUDITOR DA CEPISA ESTEVE DUAS VEZES NUM MOTEL SÁBADO. O Estado, Teresina, quinta-feira, 08 de novembro de 1984, p.01.

rapazes em direção à cidade de Timon, no Maranhão, por volta de 5 horas da madrugada.

Caso o soldado estivesse certo, teria ele ido em direção à estrada que liga a cidade de Timon a Presidente Dutra, no Maranhão, rumo ao trecho conhecido como “rota do crime”, o mesmo lugar em que Luiz da Costa fora assassinado com um tiro na cabeça. Esse lugar também era conhecido para a prática de sexo entre dois homens ou duas mulheres.

Valteuste era responsável pela família, morava com a mãe Dona Risoleta – viúva havia muitos anos -, de 66 anos, e mais duas irmãs. Segundo informações de um funcionário do bar O Pinguim, ele era freguês assíduo do estabelecimento e constantemente visto bem acompanhado, mas sem afirmar se na companhia de rapazes. Na noite do dia 02 de novembro, teria bebido três cervejas e saído com um rapaz que já se encontrava no local.²⁶⁷

Na madrugada de sábado do dia 03 de novembro, Valteuste foi visto na Churrascaria Antártica, localizada na BR-316, na cidade de Timon, em companhia de dois rapazes. Os funcionários da churrascaria disseram que ele era cliente assíduo do local.²⁶⁸ A churrascaria mencionada situava-se próxima à Ponte Presidente Médici, que liga a cidade de Teresina a Timon.

Valteuste costumava frequentar mais de um bar quando saía à noite, dois deles bem conhecidos: o bar O Pinguim e o Bar do Paulo, ambos situados na Avenida Miguel Rosa. Geralmente tomava duas ou três cervejas e logo depois seguia para outro estabelecimento. O Bar do Paulo também foi frequentado por Luiz da Costa. Segundo garçons do local, tanto Luiz quanto Valteuste costumavam beber na companhia de rapazes.²⁶⁹

Não apenas os bares são peças em comum nas histórias de Luiz da Costa e Valteuste. Há também o suposto envolvimento de Rivaldinho, um jovem ladrão viciado em maconha que costumava frequentar bares situados na Avenida Miguel Rosa e na Prainha, assim como os localizados nas imediações da Igreja Nossa

²⁶⁷ VALTEUSTE FOI A UM MOTEL NA MADRUGADA DE SÁBADO. O Estado, Teresina, quinta-feira, 08 de novembro de 1984, p.12.

²⁶⁸ AUDITOR DA CEPISA FOI A CHURRASCARIA. O Estado, Teresina, sexta-feira, 09 de novembro de 1984, p.01.

²⁶⁹ POLÍCIA VAI LEVANTAR TODA A VIDA DO AUDITOR DA CEPISA. O Estado, Teresina, sexta-feira, 09 de novembro de 1984, p.12.

Senhora das Dores, na Praça Saraiva. Mais tarde, a polícia não conseguiu relacionar o desaparecimento de Valteuste com a vida errante de Rivaldinho.

Outro ponto comum nessas histórias são as visões diferentes que as vítimas causavam. Para os familiares e amigos de trabalho, Luiz da Costa e Valauste eram equilibrados, não afeitos à bebedeiras. Talvez não fossem, mas as pesquisas mostram que eles tinham em suas vidas um lado conhecido por poucas pessoas.

Helzano Ferreira e Antonio da Costa se conheciam, mas será que Valteuste e Luiz da Costa se conheciam? As pesquisas não respondem ao questionamento. Talvez sim, já que ambos frequentavam os mesmos bares.

Com exceção de Helzano Ferreira de Sá, tanto Luiz da Costa Leite quanto Antonio Pereira da Costa e Valteuste Sampaio de Melo eram homens que se relacionavam com jovens rapazes. Os pontos de encontro eram os bares do centro, da Avenida Miguel Rosa, da Prainha, os que ficavam próximos à Praça Pedro II e à Praça Saraiva, bem como alguns estabelecimentos da vizinha cidade de Timon, no Maranhão. Alguns desses estabelecimentos foram identificados; outros, não.

Em geral, não haveria nada de errado em dois ou mais homens bebendo na mesma mesa de um bar. Esse era um costume comum na cidade de Teresina da década de 1980. O que chamava atenção eram as companhias. Os rapazes que geralmente os acompanhavam eram reconhecidos por algumas pessoas como jovens que gostavam de se relacionar com homossexuais em troca de benefícios.

O grupo de Rivaldinho praticava roubo e era considerado barra-pesada. O próprio Rivaldo Ferreira de Andrade chegou a espancar uma prostituta da Rua Paissandu, com quem saía certa vez. Também estava envolvido com roubos e desmanches de carro. O grupo era reconhecido pelo uso constante de maconha e de “pico” e alguns dos integrantes eram menores de dezoito anos.

Os jovens envolvidos na morte de Luiz da Costa Leite tinham um perfil diferente. Eram estudantes e reconhecidos como “filinhos de papai”, uma referência à aparência, ao modo de se vestirem e à posição social.

Haveria uma justificativa para que jovens com menos de dezoito anos se relacionassem com homossexuais. Para Perlongher, em geral eram garotos desempregados da periferia, que viam nessa prática uma forma de ganhar dinheiro para saírem com garotas. Essa necessidade seria a fronteira que os diferenciaria dos gays. Os jovens que saíam com Luiz da Costa não moravam na periferia de Teresina, nem eram considerados pobres.

Os Jovens entre quinze a dezessete anos efeminados e que saem com homens mais velhos são conhecidos como bichas-baby. Nesse grupo, os garotos tanto poderiam ser ativos como passivos. Na madrugada em que Luiz da Costa foi assassinado, um dos jovens acusados de participar do crime foi passivo na relação com a vítima. Seria o michê-laranja, aquele considerado bobo porque cede às investidas ativas do cliente? É preciso considerar também que há em meio à prostituição masculina clientes que preferem sair com garotos efeminados.

No início dos anos de 1980, não existia em Teresina um espaço voltado aos homossexuais. No primeiro capítulo, no qual discutimos o assassinato do carteiro Helzano Ferreira de Sá, ocorrido em 1977, havia o Bar O Amarelinho. Frequentadores do local não partilhavam da opinião da polícia, que o consideravam um bar de homossexuais. Um dos moradores do bairro foi enfático em dizer que não existia nada de homossexual naquele estabelecimento.

O dono do bar, o Senhor Martinho, era homossexual não assumido, trabalhava no Jôquei Clube e conhecia muitas pessoas - entre elas homossexuais também não assumidos. O local parecia oferecer ares de maior liberdade aos clientes, o que atraía um considerado público gay.

Teresina, ao contrário de São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras, não oferecia espaços reconhecidos e voltados para o público gay. Em cidades maiores, como as já citadas, havia boates, saunas, cinemas, casas de massagem, atendimento em domicílio e ruas para a prática de prostituição destinados especificamente aos homossexuais.

Antes de 1986, não havia em Teresina casas noturnas gays, ou mais precisamente boates. A primeira delas surgiu aproximadamente entre o final de 1985 e início de 1986. Embora alguns homossexuais se conhecessem em Teresina, parecia não existir comunhão entre eles. De acordo com Aci Campelo, muitos dos que faziam parte do meio teatral do final da década de 1970 eram gays, embora ninguém tocasse no assunto. O envolvimento entre os integrantes do grupo se dava quando se apresentavam fora de Teresina, em outra cidade do estado ou em outro estado.

As pesquisas revelam que alguns gays até preferissem não ter outros homossexuais entre seus amigos como forma de manter discrição, embora fossem conhecidos em alguns bares da capital como homens que gostavam de sair com rapazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção da manifestação da homossexualidade no Ocidente pode ser dividida em antes e depois de 1968. Apesar de sua existência ser do conhecimento das sociedades ocidentais há séculos, foi a partir dessa data que algo mudou em relação à maneira de encará-la. Grupos de homossexuais passaram a reivindicar, sem restrições, esse modo de ser. O tema passou a ser motivo de discussão em todos os desdobramentos sociais. Os meios de comunicação tiveram uma importância fundamental para a expansão do debate.

Os confrontos entre gays e policiais, ocorridos nos dias 27 e 28 de junho de 1968, no Greenwich Village, em Nova York - mais conhecidos como a rebelião de Stonewall - podem ser considerados o despertar do movimento. Nas grandes e pequenas cidades, fossem elas capitais ou não, sabia-se das áreas que serviam para encontros de homossexuais, mesmo antes de 1968, a exemplo do fato ocorrido na cidade de Nova York.

Em Teresina, nas décadas de 1970 até os anos de 1990, o ponto de encontro era a Praça Saraiva. Os jornais da época, ao noticiar algum fato mais grave, apontavam a praça como o lugar preferido de marginais e homossexuais. Existiram outros locais, conforme revela pesquisa sobre a prostituição em Teresina realizada pelo Professor Bernardo Pereira de Sá Filho.

Segundo o professor, atrás do Colégio das Irmãs, na antiga Rua Grande (Álvaro Mendes), eram realizadas práticas homoeróticas entres rapazes de classe média. Outro lugar conhecido era o matagal que ficava atrás do Hospital Getúlio Vargas. Chamavam-no de “ninho de cobra” porque às vezes, quando dois rapazes estavam na realização do ato sexual, ouvia-se o som do chocalho de cobra cascavel, restando-lhes sair com as calças na mão.²⁷⁰

No início da primeira metade da década de 1980, surgiram em Teresina algumas boates destinadas ao público homossexual. Uma das pioneiras, chamada

²⁷⁰ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina(1930-1970). Dissertação de Mestrado. UFPI, Teresina, 2006.

de Cutruco, localizava-se nas imediações da Ponte Metálica²⁷¹. Foi associada aos homossexuais porque era muito comum a presença deles no estabelecimento. Depois vieram a Mit Dance e a Medieval. Essa última era caracterizada para fazer jus ao nome e considerada sofisticada por seus frequentadores. As duas últimas foram criadas para o público gay. É preciso registrar que um dos primeiros estabelecimentos da década de 80 a ter clientela majoritariamente formada por homossexuais foi o bar chamado Cheiro Verde, no bairro Vermelha.

É predominante certo saudosismo na fala dos entrevistados homossexuais que vivenciaram a década de 1980. Embora a violência urbana estivesse em escala crescente em Teresina desde a década de 1970, eles fizeram questão de ressaltar que ainda podiam transitar pelo centro sem maiores temores.

Isabellita Kennedy²⁷² disse que a boate Mit Dance, mesmo sendo um dos primeiros locais eminentemente gay da cidade de Teresina, foi a princípio associada à intolerância pelos travestis. Nela não podiam entrar homens travestidos de mulher. A entrevistada só teve acesso ao estabelecimento porque foi trabalhar como garçonete. Esse requisito mais tarde não persistiu.

Iniciou-se no Ocidente, desde o final da década de 1960, uma organização de grupos em defesa do reconhecimento da legitimidade do jeito homossexual de ser. Para Pedro Paulo de Oliveira, o estilo de vida dos gays desafiava setores conservadores da sociedade e por isso nunca se falou tanto da homossexualidade.²⁷³

Contudo, é preciso dizer que nem todos os homossexuais daquele período se enquadravam nesse estilo de comportamento, muito menos os grupos organizados tinham as mesmas ideias.

Embora uma nova perspectiva em relação à homossexualidade tivesse surgido em 1968, a comunhão em determinados lugares entre os homossexuais antecede aquele momento. Oliveira lembra que, no início do século XX, ganhou força em algumas capitais europeias um tipo de aversão à boemia. Ao mesmo

²⁷¹ Construída entre 1935 e 1939, por uma companhia alemã, a ponte João Luís Ferreira, estabeleceu a ligação rodo-ferroviária entre Teresina e São Luís.

²⁷² KENNEDY, Isabellita. Entrevista concedida ao pesquisador Hélio Secretário dos Santos no dia 15 de novembro de 2012.

²⁷³ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A construção da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UDMG, 2004.

tempo em que se associavam alguns intelectuais a ela, também eram relacionadas a fragilidade e a devassidão. Outro temor para os defensores da normalidade, uma vez que a boemia era vista como terreno fértil para os homossexuais. Na Europa anterior à Primeira Guerra Mundial, por exemplo, nenhuma capital superou Berlim na quantidade de bares associados aos homossexuais.²⁷⁴

Mas mesmo em Berlim, com uma quantidade considerada de bares voltados aos gays, predominava o sentimento privado das relações que se estabeleciam entre eles. Desde os anos 1970, contudo, ganhou força o direito à publicidade dessas relações.

Paralela às reivindicações ao direito de ser homossexual, é preciso mencionar a multiplicação de estudos sobre a sexualidade masculina nos anos de 1970. Alguns deles preocupados em dizer o que era a masculinidade; outros voltados para a análise das mudanças pelas quais ela passava; e ainda havia aqueles que buscavam a caracterização da homossexualidade e dos homossexuais.

Para Pollak, os locais de paquera - bares, saunas, parques - são peças fundamentais para se compreender as vivências homossexuais. Ele informa em seu estudo sobre a homossexualidade que alguns deles chegam a ter várias dezenas de parceiros por ano e algumas centenas ao longo da vida²⁷⁵. É preciso considerar que as análises de Pollak tiveram a Europa como referência. Acrescenta que dos vinte aos quarenta anos os homossexuais apresentam uma forte promiscuidade. Essa informação nos faz lembrar que tanto Luiz da Costa quanto Valteuste Sampaio apresentavam a característica de sair na mesma noite como mais de um parceiro sexual. Lembramos também da agenda de Luiz encontrada pela polícia e que continha uma lista com os nomes dos rapazes com quem ele costumava sair.

Sobre as personagens de que trata esta pesquisa, é interessante pensar nas suas profissões e outras ocupações. Helzano era carteiro, ator amador e estudante. Luiz era escriturário de um banco e estudante universitário. Antônio era cobrador, tinha um escritório de cobranças e desejava ser advogado. Valteuste era auditor de uma empresa pública. Todos solteiros e responsáveis pelo sustento de suas

²⁷⁴ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A construção da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UDMG, 2004.

²⁷⁵ POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina: ou a felicidade do gueto. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Brasiliense, 1985.

famílias. Para amigos e pessoas mais próximas, eram pessoas sérias, amigáveis, trabalhadoras e honestas. Pollak faz uma análise sobre os homossexuais e as suas atividades profissionais.

Os homossexuais de origem popular procuram fugir do meio difícil em que vivem e veem na educação a possibilidade dessa fuga. Essa consideração se parece com o episódio do carteiro Helzano. Quando o jovem foi assassinado, um dos detalhes a ganhar destaque foi o fato de que ele era estudante e ajudava no sustento de uma família numerosa. Por outro lado, Pollak desmistifica a associação comumente feita entre “talentos artísticos inatos ou uma inteligência ou brilhantismos particulares aos homossexuais”.²⁷⁶

Ao longo das investigações sobre o assassinato de Helzano, muitas especulações foram feitas a respeito da participação do jovem no meio teatral, reforçando a tese equivocada de que, em geral, os homens homossexuais se identificam com o mundo das artes. Mas atribui como causa uma possível sensibilidade presente em alguns deles, a “troca permanente de papéis” - uma referência aos homossexuais não assumidos, uma “exclusão sentida”, muitas vezes não dita.

No capítulo dois, há uma série de nomes ou expressões utilizados entre os gays que caracterizam uma gíria homossexual, uma linguagem muitas vezes marcada pelo humor. Para Pollak, isso foi consequência da clandestinidade. Para lembrar, citamos bicha-louca, maricona e tia. A imagem da bicha-louca era exatamente a que nenhum dos personagens desta pesquisa desejava incorporar. Ela é o estereótipo máximo da representação que os heterossexuais fazem da homossexualidade. Como forma de combater uma visão depreciativa, nos anos 70 surgiu a emergência de uma imagem viril entre os homossexuais.

Philippe Ariés chama atenção para a expansão do termo unissex, principalmente a partir dos anos 70. Esse jeito de ser teria como causa “o

²⁷⁶ POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina: ou a felicidade do gueto. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Brasiliense, 1985, p.65.

obscurcimento da diferença aparente entre os sexos” e também consequência de uma “maior tolerância para com a homossexualidade.”²⁷⁷

O termo unissex é considerado por Ariés sinal de uma mudança ampla de representação dos sexos, contemplando desde o modo de alguém se vestir aos papéis profissional e familiar. Por outro lado, a moda, o comportamento e os papéis profissionais e familiares considerados unissex precisaram de tempo para se tornarem populares. Por exemplo: quando da morte de Helzano, para quem a polícia apontou uma possível homossexualidade, os jornais da época trataram logo de saber se havia no comportamento da vítima alguma marca que maculasse sua honra, ou seja, sua virilidade. Uma referência a um possível traço de comportamento efeminado no jovem. Nos anos 70, em Teresina, uma característica unissex sempre presente nos jornais era a de rapazes cabeludos, muitas vezes associados ao vandalismo e à marginalidade.

Pesquisar as mortes de Helzano, Luiz, Antônio, Valteuste e as circunstâncias em que elas ocorreram é uma forma de realizar uma reflexão sobre a “discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual”.²⁷⁸ Quando há um crime de assassinato, é papel da polícia fazer uma investigação que chegue às conclusões mais completas possíveis. Contudo, a revelação dos detalhes dessa investigação pode ganhar as mais diversas conotações. Imaginemos que a respeito da morte dos quatro homens os jornais tivessem noticiado que eles, horas antes de terem sido assassinados, estivessem na companhia de mulheres, que um deles tivesse ido a um motel qualquer na companhia de mulheres ou que ainda tivessem o costume de frequentar prostíbulos. Será que suas mortes teriam sido associadas às suas orientações sexuais? É apenas um questionamento.

A polícia quer saber se Helzano era macho, viril, heterossexual! Não houve uma manchete de jornal com essa frase. O trocadilho poderia ser com Luiz, Antonio ou Valteuste. Mas a questão é que se a polícia investigasse as circunstâncias da morte de um homem sobre o qual não pesasse qualquer dúvida acerca de sua sexualidade, certamente alguns detalhes de sua vida não ganhariam tanta

²⁷⁷ ARIÉS, Philippe. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Brasiliense, 1985. p. 79-80.

²⁷⁸ WELZER-LANG, Daniel. O homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa. Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial, Edunisc, 2004. p.120.

importância. Em outras palavras, a polícia não perderia tempo em comprovar se uma vítima era ou não homossexual.

Essa forma de agir, ainda presente em muitas instituições sociais, é um desdobramento do heterossexismo, que é a

...promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simultânea da homossexualidade. O heterossexismo considera um fato estabelecido que todo mundo é heterossexual, salvo opinião em contrário.²⁷⁹

Conforme esse modo de pensar, o normal é a heterossexualidade. Alguém que apresente a sexualidade fora desse padrão terá uma análise diferenciada, principalmente se for considerado homossexual.

Quando entrevistei o desembargador Edvaldo Moura e o perito Vital Araújo, a respeito do assassinato de Helzano, sempre no começo ou no final de suas falas eles diziam: “ele era homossexual”. Se Helzano não fosse homossexual, será que os entrevistados diriam: “ele era heterossexual.”?

O fato de alguém ser homossexual faz com que determinadas situações recebam uma interpretação diferenciada ainda nos dias atuais. Aos homossexuais masculinos foram atribuídas certas características que soam como naturais, uma regra comum a todos eles. Os homossexuais foram associados à delicadeza, à fragilidade à criatividade, à inteligência, à imoralidade, à promiscuidade e ao exibicionismo.

E o mais intrigante é que quando um homem homossexual é assassinado em circunstâncias violentas, fica a impressão de que a morte se deu em virtude de seu comportamento, ainda que ele não tenha contribuído diretamente para a própria morte. Como exemplo, basta lembrarmos o caso de Antônio, o “Chocolate”. Seu assassino alegou que matara porque a vítima quis inverter os papéis na hora do sexo. Pode ser que sim, pode ser que não.

²⁷⁹ WELZER-LANG publicou em 1994 essa definição adaptada livremente de Joseph Neisen(1990).

É evidente que a alegação seria mais facilmente defendida pelo advogado do réu e talvez recebesse maior simpatia de um júri composto em sua maioria por homens. Um homem, para defender sua virilidade, seria capaz de qualquer coisa?

Os quatro casos pesquisados neste trabalho não estão dissociados de uma cidade que, ao mesmo tempo em que crescia, se deparava com os mais variados problemas sociais - violência, falta de saneamento, desemprego, entre outros. Teresina também não estava à margem da mudança de comportamento que corria mundo afora, embora aqui tenha se apresentado com as devidas particularidades.

Em São Paulo, no que concerne à prostituição masculina, já existia um série de conceitos para as relações e para o público dessa manifestação social. Os rapazes que vendiam o ideal de virilidade e de comportamento do macho heterossexual e que tinham no dinheiro a única razão para exercerem tal atividade eram chamados de boy ou michê. Em Teresina, embora existisse no centro e em alguns lugares estratégicos, a circulação de rapazes com as mesmas práticas, não foi encontrado nos jornais da época nenhum registro desses termos.

Nem mesmo o termo heterossexual foi encontrado. Ao que parece, pelo menos nos jornais, não havia a preocupação de se relacionar, comparar ou mesmo diferenciar as expressões homossexual e heterossexual. Essa omissão seria reflexo de uma maneira de pensar segundo a qual o que é a regra, a norma, a essência, na maioria das vezes não carece ser mencionado.

Depois do assassinato de Luiz da Costa, a polícia iniciou as investigações. Em determinado momento, foi noticiado que um vigia que trabalhava próximo ao prédio do Tribunal de Justiça teria visto na madrugada do crime dois homens e uma mulher deixando um carro - mais tarde reconhecido como o veículo da vítima. O jovem que foi confundido com uma mulher por ter os cabelos na altura dos ombros era Ocilene. Acompanhado do irmão Oscar, Ocilene habituara-se a sair com Luiz da Costa. Os cabelos longos do rapaz foram associados à homossexualidade. Esse fato nos dá indícios de uma associação frágil em meio a uma sociedade que caminhava para comportamentos e modismos cada vez mais unissex.

Helzano, Luiz, Antônio e Valteuste foram homens de seu tempo. É certo que muitas coisas não foram escritas sobre eles nos jornais, nos laudos periciais, nos

autos dos processos. Este trabalho é uma tentativa para tentarmos compreender suas histórias trágicas.

Algumas sensações ficaram ao término desta pesquisa. A sensação de que algo não foi dito, a de que outras questões não foram discutidas, ou de que entre alguns elos presentes nas histórias, permaneceram espaços vazios. Entretanto, fica também a sensação de que uma pesquisa foi feita e de que sobre ela paira um espírito de continuidade.

FONTES E REFERÊNCIAS

Fontes

Sites on-line

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade>

www.globoteatro.com.br/bis-1355-dzi-croquettes.htm

[www.pt.m.wikipedia.org/wiki/secos %26 molhados](http://www.pt.m.wikipedia.org/wiki/secos_%26_molhados)

www.overmundo.com.br/overblog/tradicaomodernidade-no-carimbo-de-belem

<http://josekuller.wordpress.com/71968-a-revolucao-inesperada/>

DIÁRIO DE CAMPO: A morte do carteiro e outras histórias. Teresina. Escrito por Hélio Secretário dos Santos entre 4 jul a 22 jul 2011.

TERESINA (1852-2002). Edição comemorativa dos 150 anos de Teresina, realizada pela iniciativa do Grupo Empresarial Claudino. Teresina: Halley, 2002.

Depoimentos

ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 6 jul. 2011. (31min e 37seg).

CAMPELO, Francisco Aci Gomes. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 26 fev. 2010. (55min e 18seg).

DONA BELITA. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 20 jul. 2011.

KENNEDY, Isabellita. Entrevista concedida ao pesquisador Hélio Secretário dos Santos no dia 15 de novembro de 2012.

MOURA, Edvaldo Pereira. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 04 jul. 2011.

SR. RAIMUNDO. Depoimento concedido a Hélio Secretário dos Santos. Teresina, 19 jul. 2011.

Artigos, revistas e capítulos de livro

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O teatro da história: os espaços entre cenas e cenários.**

AMARAL, Paulo Murilo do. **Tradição e modernidade no carimbó urbano de Belém.** Publicado no Periódico Musícas e Suas Interfaces, EDUEPA/2005(Belém/PA).. Acessado em 08/02/2013.

ARAÚJO, Delfino Vital da Cunha. **O local do crime.** O Estado, Ano VII, Nº 1230, p. 04, 14 de janeiro de 1977.

ARIÉS, Philippe. **Reflexões sobre a história da homossexualidade.** In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Brasiliense, 1985.

COSTA, Feitosa. **Estrada de Timon é a “rota do crime”.** O Estado, Teresina, dom/seg, 9/10 de janeiro de 1983, p.08.

Demissão, processo, perseguições. **Mas qual é o crime de Celso Cúri?** Lampião. Edição experimental, nº zero, Rio de Janeiro, abril de 1978, p.06.

DE TERESINA PARA O MUNDO, Lampião da Esquina, ano I, nº 2, Rio de Janeiro, 25 de junho a 25 de julho de 1978, p. 04.

FERNANDEZ, Dominique. **“Summer 77”.** In: O Corpo, nº 6, São Paulo, 1984. In: PERLONGHER, Néstor Oswaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERNANDES, Leonardo. **Pinduca: pioneiro da modernidade musical paraense.** www.orgulho.diarioonline.com.br/noticia-int.php?idnot=67889. Acessado em 08/02/2013.

GALLOP, Jane. **Além do falo.** Campinas, Cadernos Pagu, (16) 2001.

Lampião, Edição Experimental, n. 0, Rio de Janeiro, abr. 1978.

Lampião da Esquina. **Troca-troca.** Ano 2, Nº 18. Rio de Janeiro, novembro de 1979.

Lampião da Esquina. **Troca-troca.** Ano 2, Nº 19. Rio de Janeiro, dezembro de 1979.

Lampião da Esquina. **Troca-troca.** Ano 3, Nº 20. Rio de Janeiro, janeiro 1980.

Lampião da Esquina. **Troca-troca.** Ano 3, Nº 21. Rio de Janeiro, fevereiro de 1980.

Lampião da Esquina. **Troca-troca.** Ano 3, Nº 24. Rio de Janeiro, maio de 1980.

Lampião da Esquina. **Troca-troca.** Ano 3, Nº 28. Rio de Janeiro, setembro de 1980.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos** In: *Fontes Históricas*. PINS MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

MACRAE, Edward. **Em defesa do gueto**. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP, 1983, p.53-60.

MONTE, Lamartine do. **Crimes em Teresina: só mistério?** O Estado, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970**.

POLLAK, Michael. **A homossexualidade masculina: ou a felicidade do gueto**. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. Brasiliense, 1985.

WELZER-LANG, Daniel. **O homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo**. In: SCHPUN, Mônica Raisa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, Edunisc, 2004.

WAMG, May-Lin; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. **Identidades masculinas: limites e possibilidades**. (*Psicologia em Revista*, 12, 19, 54-65, 2006).

SCOTT, Joan W. **Entrevista com Joan Wallach Scott**. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, 1998.

PARKER, R. **Homossexualidade masculina**. In: RIBEIRO, M. (Org.). *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

PENTEADO, Darcy. **O travesti, este desconhecido**. *Lampião da Esquina*, Ano 2, Nº 22, Rio de Janeiro, março de 1980, p.12.

SCHEMES, C. et. Al. **A vestimenta masculina, cores e apropriações**. In: *Cultura Visual*, n. 12, outubro/2009, Salvador: EDUFBA.

VEYNE, P. **A homossexualidade em Roma**. In: ARIÉS, P. e BEJÍN, A. (Org.). *Sexualidades Ocidentais*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Pesquisa hemerográfica

O Estado (1977-1985)

O Dia (1980-1985)

Jornal da Manhã (1983-1984)

119 ANOS. O Estado, Teresina, dom/seg, 15/16 de agosto de 1971.

ALBERTO SILVA ANUNCIA LINHA FERREA, ÔNIBUS E RODOVIÁRIA PARA TERESINA. **O Estado**, Teresina, 09 de julho de 1976

A BONITA AV. MARANHÃO É ANTRO DE MARGINAIS. **O Estado**, Teresina, quarta-feira, 2 de abril de 1975

ALCANTARA, Pedro. **Surge mais uma pista no crime do carteiro**: dono do bar. **O Estado**, Teresina, sexta-feira 20 de maio 1977.

AONDE VAI TERESINA? **O Estado**, Teresina, terça-feira 07 de maio de 1974.

AS FAVELAS DE TERESINA. **O Estado**, Teresina, dom/seg, 17/18 de dezembro de 1977.

AUDITOR DA CEPISA ESTEVE DUAS VEZES NUM MOTEL SÁBADO. **O Estado**, Teresina, quinta-feira, 08 de novembro de 1984.

AUDITOR DA CEPISA FOI A CHURRASCARIA. **O Estado**, Teresina, sexta-feira, 09 de novembro de 1984.

BADERNA NO "AMARELINHO" IRIA AUMENTAR SE NÃO FOSSE A MORTE DE HELZANO. **O Estado**, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977.

CABELUDO NÃO TIRA TÍTULO DE ELEITOR. **O Estado**, Teresina, terça-feira, 25 de junho de 1974.

COBRADOR ASSASSINADO COM 28 GOLPES DE FACA. **O Estado**, Teresina, terça-feira, 14 de fevereiro de 1984.

CRIME DO ESCRITURÁRIO:MATADOR DE LUÍS CONFIRMA AUTORIA. **O Estado**, Teresina, terça-feira, 18 de janeiro de 1983

CRIME DO ESCRITURÁRIO: DETIDOS MAIS DOIS IMPLICADOS. **O Estado**, Teresina, quinta-feira, 13 de janeiro de 1983.

DELEGADO DO 1º DISTRITO EVITA REVELAR DADOS SOBRE O HOMICÍDIO. **Jornal da Manhã**, Teresina quarta-feira, 12 de janeiro de 1983.

DENÚNCIA DE TÓXICO PROVOCA MORTE DO CARTEIRO-ARTISTA. **O Estado**, Teresina, 14 maio 1977.

DESPREPARO. **Jornal do Piauí**. Teresina, terça-feira, 19 de fevereiro de 1974.

DESAPARECE O AUDITOR DA CEPISA. **O Estado**. Teresina, terça-feira, 6 de novembro de 1984.

DESTINO DO AUDITOR É MAIS UM MISTÉRIO. **O Estado**. Teresina, quarta-feira, 7 de novembro de 1984.

DOIS MOMENTOS DE ITARARÉ. **O Estado**, Teresina, dom/seg, 19/20 de fevereiro de 1984.

DOIS RAPAZES CASAM-SE NOS ESTADOS UNIDOS. **O Estado**, Teresina, 23 de setembro de 1971.

EM FAVOR DA FAMÍLIA. **O Estado**, Teresina, dom/seg/, 06/07 de abril de 1975.

EM TERESINA MUITA VIOLÊNCIA DURANTE A MADRUGADA. **O Estado**, Teresina, quinta-feira 08 de dezembro de 1977.

ESCLARECIDA MORTE DO ARTISTA HELZANO. **O Dia**, Teresina, 25 de junho de 1980.

ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: o encontro com amigos e a saída. **O Estado**, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977.

ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: os fatos. **O Estado**, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977.

ESTUDANTE É ASSASSINADO COM 14 FACADAS: a morte. **O Estado**, Ano VII, Nº 1319, Teresina, terça-feira 10 de maio, 1977.

ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: um guaraná e o caminho da morte. **O Estado**, Teresina, 10 de maio, quarta-feira, 1977.

ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: quem era? **O Estado**, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977.

ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: crime passional? **O Estado**, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977.

ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: normal? **O Estado**, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977.

ESTUDANTE É ASSASINADO COM 14 FACADAS: exame. **O Estado**, Teresina, terça-feira 10 de maio 1977.

ESTUDANTE INDICA "INFERNINHO". **O Estado**, Teresina, sexta-feira, 14 de janeiro de 1983.

EU NÃO QUERIA DEYVES COM LUIZ. **O Estado**, Teresina, sexta-feira, 14 de janeiro de 1983.

FAVELA E TOPOGRAFIA DIFICULTAM A URBANIZAÇÃO. **O Estado**, Teresina, quarta-feira, 04 de agosto de 1976.

FECHADA A BOATE ONDE WALDIK SE HOSPEDAVA. **O Estado**, Teresina, quinta-feira 22 de julho de 1976.

FIAT ABANDONADO EM TERESINA: MACONHA E SEXO NA MORTE DO FUNCIONÁRIO DA CAIXA. **O Estado**, Teresina, 08 de janeiro de 1983.

FOTOS PODEM LEVAR A POLÍCIA A DESCOBRIR MATADOR DA DOMÉSTICA. **O Estado**, Teresina, 08 de março de 1977.

GARÇOM INTERROGADO PELO TRIBUNAL DE JUSTIÇA. **O Dia**, Teresina, sexta-feira, 23 de março de 1984.

GUERRA TAMBÉM AO TERCEIRO SEXO. **O Estado**, Teresina, quarta-feira, 12 de janeiro de 1976.

HOMOSSEXUAIS BRIGAM E SÃO PRESOS PELO 5º DP. **O Estado**, Teresina, sábado, 06 de janeiro de 1980.

JOGADORES DIZEM QUE NÃO MATARAM JACOB. **O Estado**, Teresina, 04 de setembro de 1979.

LEÔNCIO DIZ QUE BAR NÃO PRECISA DE POLICIAMENTO. **O Estado**, Teresina, quinta-feira 26 de maio 1977.

LUIZ, MORTO NA ESTRADA. **O Estado**, Teresina, sexta-feira, 07 de janeiro de 1983.

MACONHA E HOMOSSEXUALISMO NO CRIME DO BAIRRO PIRAJÁ. **O Estado**. Teresina, dom/seg, 1º/2 de junho de 1980.

MAIS DOIS EDIFÍCIOS NA CAPITAL. **O Estado**, Teresina, quinta-feira, 02 de fevereiro de 1984.

MATADOR DO FUNCIONÁRIO DA CAIXA USOU SUA CAMISA. **O Estado**, Teresina, quarta-feira, 12 de janeiro de 1983, p.12.

MENINA DE 12 ANOS TEVE UM FILHO. **O Estado**, Teresina, terça-feira- 31 de agosto de 1971.

MENORES EM TERESINA À BEIRA DA PERDIÇÃO. **O Estado**, Teresina, quarta-feira, 16 de abril de 1975.

MONSTRO SEXUAL RETALHA MULHER. **O Estado**; Teresina; dom/seg; 06/07 março de 1977, p.05.

MORTE DO ARTÍSTA: VIZINHOS DIZEM QUE CRIME TEVE ORIGEM NO BAR AMARELINHO. **O Estado**, Teresina, dom/seg, 22/23 de maio 1977.

O Dia. Ronda Policial. Teresina 13 de junho de 1985.

O Dia. Teresina, terça-feira 7 de maio de 1985.

O Estado. Agenda Nobre. Teresina, terça-feira, 16 de setembro de 1986.

O ESTADO. Super Sociais. Teresina, quarta-feira, 28 de maio de 1980.

OPERAÇÃO ANI-TÓXICO NA PORTA DO TEATRO LEVA ONZE AO XADREZ. **O Estado**, Teresina, quinta-feira 08 de dezembro de 1977.

PAI DO ARTISTA DESISTE DE COMUNICAR CRIME AO MINISTRO: revolta. **O Estado**, Teresina, terça-feira 17 maio 1977.

POLÍCIA JÁ TEM PISTA DE ASSASSINO. **O Estado**. Teresina, quarta-feira, 15 de fevereiro de 1984.

POLÍCIA COAGIU UNIVERSITÁRIO A CONFESSAR CRIME. **O Estado**, Teresina, quarta-feira 13 maio de 1977.

POLÍCIA JÁ POSSUIA UMA CONFISSÃO CONTRADITÓRIA. **O Dia**, Teresina, sábado, 15 de janeiro de 1983.

POLICIA VAI PRENDER TODOS OS MARGINAIS. **O Estado**, Teresina, quarta-feira, 16 de abril de 1975.

PRESO ASSASSINO DE CHOCOLATE. **O Dia**, Teresina, quarta-feira, 16 de fevereiro de 1984.

PRESO ASSASSINO DO COBRADOR CHOCALOLATE. **O Estado**, Teresina, quinta-feira 16 de fevereiro de 1984.

PRESOS HOMOSSEXUAIS IMPLICADOS NO CRIME. **O Dia**, Teresina, segunda-feira, 17 de janeiro de 1983.

PREFEITO AFIRMA: ABSURDO EXIGIR MANTER LIMPEZA PERFEITA. **O Estado**, Teresina, quinta-feira 19 de maio de 1975.

PROBLEMAS DE TERESINA SÃO DEBATIDOS. **O Estado**, Teresina, 09 de julho de 1976.

PROFESSOR DISSE QUE ESTÁ RECEBENDO TELEFONEMAS: diferentes. **O Estado**, Teresina, sexta-feira 20 de maio 1977.

PROJETO PIAUÍ. **O Estado**, Teresina, terça-feira, 25 de junho de 1974.

PROJETO PIAUI, UM EMBUSTE? **O Estado**, Teresina, dom/seg, 23/24 de junho de 1974.

OS PROBLEMAS DE TERESINA. **O Estado**, Teresina, 07 de maio de 1975.

SÓ TEME DIVÓRCIO QUEM NÃO ACREDITA NO HOMEM. **O Estado**, Teresina, quinta-feira, 10 de maio de 1975.

SOUSA, Maria de Fátima. **Universitários mataram funcionário dos correios**: as diligências. **O Estado**, Teresina, 11 de maio, quarta-feira, 1977.

SUMIU O DINHEIRO DO ARTISTA ASSASSINADO. **O Estado**, Teresina, dom/seg 15/16 maio 1977.

TERESINA INDEFESA A MERCÊ DOS MARGINAIS. **O Estado**, Teresina, terça-feira, 6 de julho de 1971.

TESTEMUNHAS INOCENTAM FUNCIONÁRIO DA SUNAB: duas pessoas. **O Estado**, Teresina, 10 de maio, quarta-feira, 1977.

“TRAVESTI” QUERIA ROUBAR CONFECÇÕES. **O Estado**, Teresina, terça-feira, 25 de janeiro de 1983.

POLÍCIA VAI LEVANTAR TODA A VIDA DO AUDITOR DA CEPISA. **O Estado**, Teresina, sexta-feira, 09 de novembro de 1984.

UMA MORTE COM SADISMO E MISTÉRIO: bárbaro. **O Dia**, Teresina, 10 de maio de 1977.

UMA MORTE COM SADISMO E MISTÉRIO: saída. **O Dia**, Teresina, 10 de maio 1977.

UNIVERSITÁRIO CONFESSA, MAS DEPOIS NEGA CRIME: testemunha. **O Estado**. Teresina, 12 maio 1977.

UNIVERSITÁRIOS MATARAM FUNCIONÁRIO DOS CORREIOS: na polícia. **O Estado**, Teresina, 11 de maio, quarta-feira, 1977.

VALTEUSTE FOI A UM MOTEL NA MADRUGADA DE SÁBADO. **O Estado**, Teresina, quinta-feira, 08 de novembro de 1984.

WALL: TERESINA É UMA CAPITAL DE UM ESTADO E MEIO. **O Estado**, Teresina, quarta-feira 21 de julho de 1976.

Referências

Livros, Monografias e Dissertações

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a antropologia da supermodernidade. 4ed. Campinas: Papirus, 1994.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARBO, Daniel. **Detratores do homoerotismo grego**: uma historiografia essencialista. história da historiografia. Ouro reto; número 6; março, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BRAUDEL Fernand. **O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II**. Lisboa: Martins Fontes, 1983-1984.

BREMMER, J. (Org.). **De Safo a Sade**. *Momentos na história da sexualidade*. Campinas: Papirus, 1995.

CAMPELO, Ací. **O novo perfil do teatro piauiense(1950-1990)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTLE, T. **A cultura do travesti**: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In: ROSSEAU, G.S. e PORTER, R. *Submundos do Sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo, SP. Annablume, 2005.

COELHO, P. J. P. **O impacto do Curso de Educação Artística no ensino e na produção de Artes Plásticas em Teresina**. Dissertação (Mestrado em Educação Universidade Federal do Piauí-UFPI). Teresina, 2002.

DARMON, Pierre. **O tribunal da impotência**: virilidade e fracassos conjugais na antiga França. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

DAVIS, N. Z. **As mulheres por cima**. In: _____. *Culturas do povo. Sociedade e Cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo : Contexto, 2006.

DOVER, Kenneth J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FERNANDEZ, Dominique. **“Summer 77”**. In: O Corpo, nº 6, São Paulo, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 15 ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, ?.

FERREIRA FILHO, João Valter. **História e memória da educação musical no Piauí**: das primeiras iniciativas à universidade. Dissertação (Mestrado em Educação Universidade Federal do Piauí-UFPI). Teresina, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 5 ed. Rio de Janeiro 1988.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. 5 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Fundação CEPRO. **Análise do processo de urbanização no Piauí**. Teresina, 1985.

GREEN, James Naylor , FINO, Cristina , LEITE, Cássio Arantes. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**, UNESP, 1999.

J. P. Aron e R. Kempf. **Le Pénis ET La Démoralisation de l'Occidente**. Paris, Grasset, 1978, p.51.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.

LOBERT, Rose Marie. **Dzi Croquettes: uma resposta difícil de se perguntar**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP: Mimeo, 1979.

MAUSS, Marcel. **Sociologie et Antropologie**. Paris: PUF, 1966.

MICHELET, J. **A Feiticeira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MOTT, Luiz Roberto. **O sexo proibido: virgens. Gays e escravos nas garras da Inquisição**. Campinas: Papyrus, 1988.

MOTT, L. **Os homossexuais: as vítimas principais da violência**. In: VELHO, G. e ALVITO, M. (Orgs.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

MOTT, Luiz Roberto. **A Inquisição em Sergipe**. Aracaju: FUNDESC, 1989. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando nº 14;

MOTT, Luiz Roberto. **A Inquisição em Sergipe**. Aracaju: FUNDESC, 1989. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, (Lisboa, Portugal). I.L., Caderno do Nefando nº 4769/4230 (1665-1692).

MOTT, Luiz Roberto. **Homofobia: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil**. Grupo Gay da Bahia/ International Gay and Lesbian Human Rights Commission, 1997. p. 1-2.

MOUTINHO, Maria Rita; TEIXEIRA, Maslóva. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

OTTONI, Paulo. **A prostituição homossexual e o travesti**. Campinas: Mimeo, 1981.

PASOLINI, Pier Paolo. **Desbloqueando o tabu**. In: Lampião, Ano I, N.º 5, Rio de Janeiro, 1978.

PERLONGHER, Néstor Oswaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Plutarco. **Sobre o Amor**, 750 a. C.

POLLAK, Michael. **A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?** Centre National de La Recherche Scientifique, Paris.

POLLAK, M. **Os Homossexuais e a Aids**: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1988.

ROSSEAU, G. S. e PORTER, R. **Introdução**. In: _____. (Org.). *Submundos do Sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. **Cartografias do prazer**: boemia e prostituição em Teresina(1930/1970). Dissertação de Mestrado em História do Brasil, UFPI, 2006.

SILVA FILHO, Francisco Lopes da. **Teresina (em) Cena**. Apropriações Históricas no Espetáculo Teatral Itararé- a República dos Desvalidos de Afonso Lima. Dissertação de Mestrado (UFPI), Teresina, 2012.

SILVA, José Barbosa da. **Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo**. In: Revista de Sociologia. Vol. XXI, Nº 4, out. São Paulo, 1959.

SIQUEIRA, Sonia. **A Inquisição portuguesa e sociedade colonial**. São Paulo: Ática, 1978.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso** (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). Rio de Janeiro: Record, 2000.

TREVISAN, J. S. **Naturalidade**: uma pose difícil de ser mantida. In: _____. *Seis Balas num Buraco Só*. São Paulo: Record, 1998.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

VENTURA, Zuenir. **1968**, o ano que não acabou. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

VRISSIMTZIS, Nikos A. **Pederastia**. In: _____. *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2002.

WAGNER, P. **O discurso sobre o sexo, ou o sexo como discurso**. Erótica médica e paramédica no século XVIII. In: ROSSEAU, G. S. e PORTER, R. *Submundos do Sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

I SAMUEL 18: 1. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

II SAMUEL 1:25-26. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Músicas:

Amante Profissional. Grupo Herva Doce. Álbum Amante Profissional, 1985.

O Caçador LADO A. Pinduca; LP Vinil Carimbó e Sirimbó do Pinduca. Beverly Som e Eletrônica LTDA, 1973.

Rapaz de Bem. Johnny Alf, Álbum MPB, Abril, 1979.

Filme:

Oh! Rebuceteio. Dir. Cláudio Cunha. 100min. Cor. Brasil, 1984.